VOCÊ É O PONTO FRACO DE DEUS

e outras mentiras da ~~teologia~~ do coaching



YAGO MARTINS, PEDRO PAMPLONA E GUILHERME NUNES

Ao Dr. Augustus Nicodemus Gomes Lopes, por inspirar uma nova geração de expositores bíblicos.

A coisa mais insensível que podemos fazer é levar pessoas condenadas a pensarem que são salvas.

Mark Dever e **Paul Alexander**, *Igreja intencional*, 2007

Tragicamente, o inferno estará cheio de pessoas que aprenderam, por meio de pregadores modernos, como ser feliz e alcançar o sucesso.

Leonard Ravenhill, *Por que tarda o pleno avivamento?*, 1959

PREFÁCIO

Disse Jesus: “Eu lhes asseguro que, a não ser que vocês se convertam e *se tornem como crianças*, jamais entrarão no Reino dos céus” (Mt 18.3 – NVI). A necessidade de uma “postura infante” para o desfrute do Reino de Deus está longe de nos autorizar a *igualar* o exercício da fé cristã a uma postura ingênua ou a algum tipo de “credulidade despretensiosa”. Na Escritura, a qualificação “infantil” não é essencialmente positiva. Crianças são tanto modelos a serem imitados (como nas palavras acima) quanto evitados (1Co. 3.1; 14.20). O “desafio à infantilidade” do Senhor Jesus, pois, não pode ser confundido com uma disposição crédula aberta a tudo, de modo que toda e qualquer *atitude avaliadora* ou *condenatória* deva ser exterminada. Longe disso, a fé cristã é uma resposta subjetiva e positiva às verdades objetivas, avaliáveis e, para espanto de muitos, *avaliadoras* (como toda verdade, diga-se de passagem). É reconhecer, numa entrega total, a verdade como verdade. Em suma, *a fé cristã não é ingênua*. Os braços da “criança do reino” não estão somente abertos para receber; antes, como o da criança do famoso conto de Hans Christian Andersen, também apontam e denunciam de maneira ousada que o rei está nu.

A fé cristã, pois, é *criteriosa*, e seu amor à paz e à tolerância não sobrepuja seu compromisso para com a verdade; caso contrário, ela sacrificaria sua própria existência. Essa realidade ganha força na vastidão de alertas para a existência, inevitabilidade, religiosidade e dissimulação dos falsos mestres. São inúmeros os indícios fornecidos em ambos os testamentos para a identificação dessa figura que une a atração do carisma e o poder destruidor da mentira. Não se trata de preciosismos ou refinamento artificial, mas de palavras amorosas que visam preservar os discípulos de Cristo dos danos imediatos e eternos resultantes em seguir “lobos em pele de cordeiro” (Mt. 7.15). Nosso contato com o evangelho deve ser tal que nos capacite a reconhecer sua falsa versão e, como o apóstolo Paulo, declarar abertamente “anátema”. Em suma, as ameaças são reais e os falsos mestres

não são personagens presos nas páginas empoeiradas de documentos que retratam um passado distante e remoto.

Não obstante, o combate ao falso ensino precisa ser marcado pela cautela e diligência da mão de um neurocirurgião. Parte desse cuidado encontra explicação nos três elementos essenciais da comunicação: o locutor, o ouvinte e o conteúdo.

Quanto ao locutor, destaco seu caráter de "pele de cordeiro". Um falsário não se revela somente pelo que assegura aos gritos, mas pelo que *nega* (não necessariamente de maneira aberta) e, principalmente, *evita*. Ele tem a capacidade de caminhar por toda uma vida somente na *periferia* dos ensinamentos bíblicos, apropriar-se de toda terminologia da Escritura, sem nunca sequer tocar o coração da fé cristã. Por isso, comumente não se pode reconhecê-lo somente por *uma* mensagem ou declaração (nem o Senhor Jesus sobreviveria a isso), mas pela *tônica* de suas palavras – o quadro geral. Soma-se a isso a ambiguidade e o caráter sedutor (bajulador) de sua retórica.

Quanto aos ouvintes, o cuidado se justifica devido ao nosso coração. O povo dos dias de Isaías pedia: "Não nos revelem o que é *certo*! Falem-nos coisas *agradáveis*, profetizem *ilusões*." (Isaías 30:10b). Em outras palavras, o problema não está somente em uma ponta do diálogo, mas em ambas. O desafio bíblico ao cuidado não se resume a olharmos para *quem* e o *que* se fala, mas para nós mesmos. É preciso um coração longe das verdades do evangelho para que sua falsa versão encontre morada. Reconhecer que enganamos o coração e que nosso coração nos engana em um ciclo destruidor já sinaliza um bom começo.

Por último, e não menos importante, a natureza das heresias – o conteúdo e/ou a tônica proclamada (não necessariamente de maneira *direta*). Não existe "heresia pura" como não existe "mentira pura". Toda mentira precisa da verdade. A falsificação da verdade, portanto, não é o mesmo que seu completo extermínio. Heresias, como as mentiras, são monstros – a verdade em estado de "mistura deformante". São muitos os combatentes que, no afã de expor a nudez do erro e matá-lo, acertam em cheio a verdade que, mesmo incipiente e sufocada, ainda estava lá. Precisamos não somente ver a mentira, mas primariamente reconhecer a presença, ainda que pobre e sombreada, da verdade. Não vejo a verdade pelo reconhecimento da mentira – é exatamente o inverso. Sem essa "distinção cirúrgica", o bisturi, que deveria ser um instrumento de "cura pela divisão", será uma ameaça

constante. Em suma, no combate contra as heresias, engana-se quem acha que só a mentira pode sair ferida. Toda discussão, pois, sobre o falso evangelho e seus pregadores deve obrigatoriamente passar pela peleja quanto ao que é central e/ou essencial no cristianismo.

O livro que você tem em mãos é uma tentativa de nutrir e aplicar o "comportamento cirúrgico" referido acima. Em outras palavras, seu conteúdo visa alimentar o zelo e o amor para com a verdade – ecoar os vários vocativos de cuidado que encontramos em toda a Escritura. Contudo, aplicando esse cuidado a um fenômeno específico: a *teologia do coaching*. A larga disseminação desse fenômeno tão presente nesta geração justifica um trabalho dessa natureza. São hereges? Falsos profetas? Pensando em nosso momento histórico, acreditar que hereges e/ou falsos profetas existem, já é um grande passo. Aplicar a rubrica, porém, é uma história bem diferente. Contudo, estou certo de que o conteúdo a seguir será de grande auxílio nesse *necessário* processo de julgamento.

Os três autores foram meus alunos em um curso de mestrado. O que posso dizer? É motivo de muita alegria, por um lado, não somente ter alunos que eu julgava ter potencial para a produção literária empregando seus talentos devidamente, mas, por outro, me procurando para fim de endosso. Essa procura indica que algo permaneceu entre nós *além* da sala de aula. Esse "algo além" agora está, de alguma forma, materializado nesta obra. Em suma, estou alegre por aprender com quem um dia aprendeu algo de mim. Ciclo virtuoso. Que ele não pare. Mestres e alunos numa troca constante de papéis.

Rômulo A. T. Monteiro
Instituto de Teologia Semear
Primeira Igreja Batista de Aquiraz
Aquiraz - CE
Janeiro 2021

INTRODUÇÃO

Em *Fahrenheit 451*, distopia clássica de Ray Bradbury na qual livros são proibidos e queimados, há um encontro marcante com uma Bíblia remanescente. Um dos personagens nota a diferença entre como tratavam Jesus Cristo naquela época em comparação com as épocas anteriores. Vivendo em uma realidade sem livros, ou seja, também sem Bíblias, e sem acesso à verdade, ele diz:

> Cristo agora é um da "família". Muitas vezes me pergunto se Deus reconhece Seu próprio filho do jeito que o vestimos, ou devo dizer despimos? Ele é agora uma guloseima em bastão, feita de açúcar cristal e sacarina, quando não está fazendo referências veladas a certos produtos comerciais de que todo fiel absolutamente necessita.[1]

Infelizmente, muitos de nós vivem num mundo pessoal parecido. Sem livros e sem Bíblia, mesmo com acesso a tudo isso. Muitos construíram um Jesus através de outras fontes. E uma das fontes mais atuais é a espiritualidade egocêntrica e emocional de muitos púlpitos e mensagens no *YouTube*. Estão vestindo (ou despindo) Cristo com uma roupagem que centraliza mais o homem do que o próprio Deus. Bradbury atua como profeta quando escreve sobre um Cristo feito de açúcar, como uma guloseima criada para satisfazer o paladar do cliente. Quando falta Bíblia, é isso que acontece, começamos a desenhar Jesus a partir dos nossos próprios interesses e necessidades. Este livro é um megafone gritando "voltemos às Escrituras!", "voltemos a visões bíblicas de Deus, do homem e do discipulado cristão!". É uma tentativa de mudar essa "distopia-sem-verdade-cristocêntrica" que muitos estão vivendo.

É inevitável que tendências e correntes teológicas surjam ao longo da história. Não somente no passado, mas em nossos próprios tempos, elas surgem e precisam ser analisadas para que sejam entendidas e validadas ou rejeitadas. Em nosso contexto, uma teologia que tem ganhado destaque,

arrebanhado vários seguidores e construído essa distopia cristã, é a chamada teologia do *coaching*.

Assim como toda proposta de conhecimento de Deus, ela apresenta uma hermenêutica e homilética próprias. Seus proponentes seguem um padrão de pregações que pode ser visto em palestras, em algumas megaigrejas e em muitos vídeos veiculados nas redes sociais digitais. Consequentemente, seus seguidores apresentam uma forma de pensar e viver que é condizente com o que é propagado pelos arautos dessa mensagem. Este livro trata de um fenômeno moderno, mas cujas origens são tão antigas quanto o pecado.

Uma vez que ela se propõe a falar sobre a vontade de Deus, é preciso uma análise das ideias, origens e implicações que esse ensino tem para a vida cristã e a forma como ela se apresenta. Por causa disso, nós unimos nossas vivências e nos dispomos a estudar e analisar a denominada teologia do *coaching* para oferecer uma resposta em advertência ao povo de Deus.

O presente livro é fruto de nossa experiência teológica e pastoral e de uma análise bíblica dessa teologia. A obra é dividida em três partes. Na primeira seção, o pastor Pedro Pamplona escreve o primeiro capítulo, um lembrete de que Judas (o meio-irmão de Jesus), Paulo e Jesus fazem duras advertências contra os falsos mestres. É preciso estar ciente se o que dizem é, de fato, palavra de Deus para não ser enganado por variados ensinos. No segundo capítulo, uma delimitação é feita para definir apropriadamente a teologia do *coaching*. Pamplona expõe os fundamentos e as origens dessa corrente e seus estreitos laços com a teologia da prosperidade. Ele também aponta como a compulsão por desempenho conduz a uma frustração individual que leva as pessoas a procurar respostas na mensagem terapêutica da teologia do *coaching*. No capítulo 3, Pamplona analisa as áreas centrais da doutrina cristã que são deturpadas pelo entendimento e pelas pregações da teologia do *coaching*. Ele mostra como os conceitos centrados no homem corrompem doutrinas essenciais, como a Trindade.

A segunda parte do livro é desenvolvida pelo pastor Yago Martins. Ele expõe os efeitos da teologia do *coaching* na vida cristã e como o seguidor é influenciado negativamente a viver um cristianismo que não

corresponde ao bíblico. No 4º capítulo, ele discorre sobre a necessidade de reconhecer a identidade messiânica de Cristo para que haja salvação. Yago mostra como a teologia do *coaching* reduz a identidade de Jesus e como isso, consequentemente, compromete o discipulado. Nos capítulos 5 e 6, ele desenvolve sobre as consequências de verdadeiramente seguir Jesus, mostrando que isso demanda autossacrifício e, muitas vezes, discordâncias entre as pessoas, mesmo aquelas que mais amamos. Tais ensinamentos não estão nos discursos dos pastores *coachs*, o que conduz a uma vida enganosamente cristã. No capítulo 7, Yago Martins mostra como a teologia do *coaching* está focada em tesouros terrenos, opondo-se, dessa forma, àquilo que a Bíblia ensina e motiva quando ela nos diz para juntarmos tesouros celestiais. Ele mostra como a teologia do *coaching* está focada numa dedicação a conquistas inúteis e passageiras, sendo urgente, portanto, voltarmos os olhos para o que a Bíblia realmente ensina sobre os tesouros eternos.

Na terceira parte, o pastor Guilherme Nunes traz a visão de Paulo a respeito do real discipulado. No 8º capítulo, ele aborda o tema da alegria no contexto de sofrimento ao analisar a carta de Filipenses, escrita pelo apóstolo enquanto ele estava preso. Nunes se detém no capítulo 3 da carta a fim de mostrar o custo do discipulado cristão e o quanto isso contrasta com os ensinos dos arautos do *coaching* teológico. No capítulo 9, ele analisa as parábolas de Jesus relatadas por Lucas para demonstrar qual deve ser a disposição do coração de quem segue Cristo. Fazendo uma análise da parábola do administrador infiel, ele apresenta como a teologia do *coaching* corrompe os valores que devem ser estimados pelos cristãos.

Como jovens pastores e teólogos, também envolvidos na comunicação pública, queremos ajudar nossos irmãos a viverem uma vida de discipulado mais próxima de Cristo. Nossa oração é para que este material abra alguns olhos que foram encantados pelos palcos iluminados, mas obscurecidos para a cruz de Cristo.

Yago Martins, Pedro Pamplona e Guilherme Nunes

Advento de 2020

[O liberalismo é] contrário ao cristianismo, em primeiro lugar, em sua concepção de Deus. Mas, nesse ponto, encontramos uma forma particularmente insistente dessa objeção a questões doutrinárias que já foram consideradas. Dizem que não é necessário ter uma "concepção" de Deus; diz-se que a teologia ou o conhecimento de Deus é a morte da religião; não devemos procurar conhecer a Deus, mas apenas sentir sua presença.

Gresham Machen, *Christianity & Liberalism*, 1923

[No culto,] sem uma forte convicção litúrgica sobre – e expressão da – diferença de Deus em relação a nós, corremos o risco constante de estarmos falando com ninguém a não ser nós mesmos.

Graham Hughes, *Faith's Materiality, and Some Implications for Worship and Theology*, 2014

PARTE 1 - A NOVA TEOLOGIA DA PROSPERIDADE

1. JESUS E PAULO NO OCTÓGONO DA DOUTRINA: QUANDO A TRETA É NECESSÁRIA

Não pule este primeiro capítulo. Ele não é do tipo que somente apresenta o tema e a estrutura do livro. Há um conteúdo importantíssimo nestas primeiras páginas que você precisa ler e compreender antes de prosseguir com a leitura: tretas, às vezes, são necessárias. Acredite, eu não tinha vontade de escrever este livro – meus projetos eram diferentes e abordavam outros temas –, mas decidi fazê-lo por necessidade. Creio que meu sentimento é parecido com o de Judas (não o traidor), que desejava escrever a respeito da salvação, porém sentiu a obrigação de escrever para "exortá-los a lutar pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos" (Jd 1.3). Na vida cristã e na teologia, expor os erros, defender a verdade e debater sobre doutrinas perigosas fazem parte da luta pela fé bíblica. Há momentos em que isso precisa ser feito.

Quando Judas fala sobre fé, ele não se refere ao ato de crer, mas ao conteúdo da crença. Em outras palavras, podemos entender o trecho citado anteriormente como uma exortação a lutar pela doutrina cristã que uma vez por todas foi entregue aos santos. É pelo conteúdo da fé cristã que Judas está escrevendo. Segundo Peter Davids, quando lemos que essa fé foi "uma vez por todas entregue aos santos", podemos depreender duas implicações: a primeira é que nenhuma nova revelação pode alterar a essência dessa fé; a segunda é que tal fé foi recebida pelos leitores através de mestres que respeitaram a tradição cristã.[2] Esses são os motivos pelos quais Judas enxerga o dever de batalhar pela fé. Nossa doutrina é imutável e pertence a uma tradição baseada em Jesus e no ensino dos apóstolos. O que for diferente disso precisa ser combatido.

O problema que Judas estava enfrentando é o mesmo que a igreja enfrenta até hoje. Certos indivíduos estavam pervertendo o ensino da graça de Deus e da pessoa de Jesus Cristo (Jd 1.4). O evangelho e os pontos centrais da fé cristã estavam sendo atacados, e Judas percebeu que uma treta seria necessária – mais necessária do que tratar da salvação (1.3). É isso mesmo que você leu. Há um livro bíblico que afirma que, naquela ocasião, falar contra hereges era mais urgente do que falar sobre salvação. Aqui, aprendemos uma lição importante: falsos ensinos que pervertem o evangelho precisam ser impreterivelmente combatidos, pois afastam as pessoas da verdadeira redenção. Judas não caiu na falácia de que "mais importante é pregar o evangelho e ganhar almas", que tenta evitar qualquer refutação dos falsos ensinos. Uma pessoa que ouve e acolhe outro evangelho não enxergará a necessidade de ouvir e acolher o verdadeiro evangelho. Então combater o falso evangelho também faz parte da missão de evangelização. Um pequeno livro foi colocado por Deus no cânon bíblico para nos ensinar isso.

Sim, tretas doutrinárias podem ser muito necessárias, no entanto vamos qualificar melhor o tipo de treta a que me refiro. O motivo pelo qual uso essa expressão é por sua popularização na internet, mas, claramente, poderíamos substituí-la por polêmica, já que os polemistas eram os primeiros cristãos no século 2 que combatiam ensinos heréticos de falsos mestres. Ainda no livro de Judas, encontramos bons conselhos para lutar por nossa fé de maneira adequada. No verso 20, lemos que é nosso dever continuar nos edificando na "fé santíssima". Devemos estar em constante aprendizado bíblico-teológico, que deve ser feito em uma vida de oração no Espírito Santo (1.20) e no ambiente de amor e esperança da igreja (1.21). Sem oração e sem a vida de comunhão, corremos o grande risco de nos tornar como os fariseus legalistas e hipócritas que foram repreendidos por Jesus. Por fim, Judas nos aconselha a ter compaixão dos que estão experienciando dúvidas na fé (1.22) e lembra que, para não cairmos, nossa confiança deve estar em Deus (1.24). Aquele que luta pela fé deve ser compassivo e lembrar que Deus é quem o sustenta na verdade do evangelho. Aquele que sabe que somente Deus o sustém tem humildade e compaixão para com os que estão hesitantes diante do engano, atitude essa que o leva a batalhar pela fé.

Esse tipo de treta é necessário quando pontos centrais da fé cristã estão sendo pervertidos e falsos evangelhos estão sendo difundidos. É crucial quando o erro e a dúvida estão sendo semeados em corações que

precisam do verdadeiro evangelho. Essa treta é movida pela compaixão, pela humilde confiança em Deus, pela oração e pelo desejo de evangelizar corretamente. Esse é o tipo de treta a qual este livro se refere. É assim que queremos lutar pela fé, debater teologia e criticar a teologia do *coaching*. E, para fortalecer essa ideia, tenho alguns exemplos de boas tretas para apresentar.

Paulo "tretando" na Galácia

Um personagem bíblico, além de Judas, que nos ensina sobre boas tretas teológicas é o grande apóstolo Paulo. Sua carta aos gálatas é um material excelente para analisarmos a necessidade e o modo dessa batalha pelos pontos centrais da fé cristã. O problema enfrentado por Paulo é que os leitores estavam caminhando para outro evangelho (Gl 1.6), pois havia falsos mestres adulterando a mensagem do verdadeiro evangelho (1.8). Carson, Moo e Morris afirmam que o apóstolo "reconheceu que o que os seus convertidos faziam significava que renunciavam ao âmago do caminho cristão, e ele escreveu sem demora para corrigir a situação"[3]. Novamente, é possível perceber que, se o falso ensino toca em pontos fundamentais da fé cristã, a treta é necessária. Paulo entendeu isso e realizou um grande trabalho no combate ao erro.

A postura do autor é exemplar. Ao longo da carta, ele apresenta o problema central da perversão do evangelho que estava acontecendo. Um ensino judaizante estava influenciando a igreja daquela região: falsos mestres exigiam a observância de certos pontos da lei mosaica para a salvação em Cristo. Eles queriam até mesmo que aqueles cristãos se afastassem de Paulo, que era a fonte do verdadeiro evangelho (Gl 4.17). O apóstolo explica tal situação dizendo que os gálatas estavam enfeitiçados (3.1), pois haviam recebido o Espírito Santo pela fé (3.2), mas desejavam continuar a vida cristã na carne, ou seja, com base nas obras (3.3). Descobrimos pelo menos dois pontos centrais da lei que estavam sendo adicionados ao evangelho da graça, marcadores sociais judaicos que estavam sendo cobrados como marcadores da vida cristã: a guarda do calendário judaico (4.10) e a circuncisão (5.2). O evangelho estava em jogo.

Dois aspectos admiráveis chamam a atenção na treta de Paulo. O primeiro é o ensino teológico contra a heresia. O capítulo 3, por exemplo, é

um tratado profundo sobre a relação entre antiga aliança e nova aliança, no qual Paulo explica a função da lei e sua relação com a promessa de Deus feita a Abraão e cumprida em Cristo. Ele mostra como a lei mosaica sempre apontou para Cristo e que sua função era temporalmente limitada. Esse capítulo, fonte de muitos estudos e debates teológicos, se encerra com uma conclusão clara e simples: não existe mais separação entre judeus e gentios (Gl 3.28). Na nova aliança, ambos são um só povo em Cristo. A boa teologia estava vencendo a falsa teologia.

O segundo aspecto é a coragem e o zelo de Paulo para se posicionar de maneira firme contra o erro. Gálatas 2 é um soco no estômago daqueles que julgam ser errado criticar ou repreender quem ensina ou se comporta incorretamente – Paulo repreendeu publicamente o ilustre apóstolo Pedro. Ele identificou que a atitude de Pedro não condizia com "a verdade do evangelho" (Gl 2.14). Para agravar a situação, Pedro estava influenciando outros judeus, e até mesmo Barnabé, a se comportarem de maneira contrária ao evangelho (2.13). Por isso, Paulo classifica tal comportamento como repreensível ou condenável (2.11). Atente para isto: Pedro, o grande apóstolo e líder da igreja primitiva, foi repreendido correta e publicamente por Paulo. Por que, então, damos ouvidos a celebridades gospel ou pastores que dizem que não devemos combater o erro e repreender os seus propagadores? Quem são eles diante de Paulo e de seu texto divinamente inspirado?

A cena fica ainda mais séria. Paulo é tão intenso na sua defesa do verdadeiro evangelho que ele diz: "Mas, ainda que nós ou mesmo um anjo vindo do céu pregue a vocês um evangelho diferente daquele que temos pregado, que esse seja anátema" (Gl 1.8). Não devemos dar ouvidos a qualquer ensino que se diga angelical ou espiritual, nem mesmo a anjos, se ele difere do evangelho. A palavra "anátema" é outra escolha forte de Paulo. O termo é uma transliteração do grego ἀνάθεμα, que, no Novo Testamento, é usado para se referir à maldição. Para Moo, o que está envolvido na expressão de Paulo é "nada menos do que sofrer a ira judicial de Deus"[4]. A treta é realmente tratada com seriedade. Se pregadores da teologia do *coaching* ou de qualquer outro erro grave estão debaixo da ira de Deus, repreendê-los é tanto um dever de defesa da fé quanto de amor e misericórdia para com eles.

Olhando para o livro de Gálatas, concluo que qualquer pessoa que estiver pervertendo pontos centrais da fé cristã deve ser repreendida. Se o caso for como o de Pedro, pessoa pública e influente, a repreensão pode e muitas vezes deve ser feita de forma pública. Devemos fazer isso por amor aos que estão sendo enganados, como Paulo faz ao escrever sua carta, e por amor aos próprios enganadores, que estão debaixo da ira de Deus. Mostrar o erro é abrir os olhos para o arrependimento. Além disso, a repreensão teológica deve ser sempre acompanhada do ensino da verdade. Combatemos a má teologia com boa teologia. A exposição do erro precisa estar casada com a correção doutrinária do erro, caso contrário, estaremos apenas semeando mais dúvidas através de uma treta vazia de significado.

Jesus "tretando" com os fariseus

Depois de Judas e Paulo, não poderíamos deixar de lado o exemplo de Jesus. Por mais que os relatos de Judas e Paulo tenham a mesma autoridade que os relatos de Jesus – pois todos são textos inspirados por Deus (2Tm 3.16) –, em Jesus temos a certeza de alguém que agiu sem nenhum pecado. E temos o grande chamado para viver como ele viveu. Permita-me fazer uma observação importante: infelizmente, tem sido comum encontrar pessoas que desconsideram a igual autoridade de todas as partes da Bíblia e escolhem viver mais de acordo com os textos que falam sobre Jesus. O discurso de que "o que importa é Jesus" parece muito bonito e cristão, mas, nesse contexto, é problemático. A ideia de "Jesus como chave hermenêutica"[5] é outro erro que merece uma treta, mas não é a treta deste livro. Então, se você pensa algo parecido, aqui está o exemplo de Jesus, mas é essencial procurar corrigir essa visão.

No capítulo 23 do Evangelho de Mateus, vemos a boa e necessária treta em que Jesus se envolveu. Seu discurso contra os escribas e mestres da lei é duríssimo, e imagino que, nos dias de hoje, ele seria repreendido por muitos cristãos. Mas vamos por partes. O capítulo 23 é apenas o clímax da treta. Ela começa no capítulo 21, no qual encontramos Jesus numa treta paralela com os comerciantes no templo. Ele os expulsa e derruba mesas (Mt 21.12-13). Logo depois, sua discussão com os líderes religiosos começa.

Algumas crianças haviam visto os milagres de Jesus e gritavam “Hosana ao Filho de Davi” (21.15). Os líderes religiosos judeus se indignam, e Jesus começa a confrontá-los (21.16). Em Mateus 21.23 a 22.14, encontramos mais um debate de Jesus com os líderes religiosos, agora sobre sua autoridade. Em Mateus 22.17, os fariseus armam uma pergunta traiçoeira sobre impostos, como um tipo de armadilha intelectual para Jesus, e, nesse momento, nosso Senhor os chama de hipócritas em tom de acusação (22.18).

A partir de Mateus 22.23, são os saduceus que tentam apanhar Jesus com uma pergunta complicada. Baseados na lei do levirato, na qual o homem deveria se casar com a viúva de seu irmão (Gn 38.7; Dt 25.5), eles falam de uma mulher que casou com sete irmãos e perguntam a Jesus quem será o seu verdadeiro marido na eternidade. A resposta de Jesus expõe o erro dos saduceus: “O erro de vocês está no fato de não conhecerem as Escrituras nem o poder de Deus” (Mt 22.29). Ele estava em debate com aqueles que usavam a ressurreição, mas não criam nela. O mais interessante é ver o resultado dessa treta: “Ouvindo isto, as multidões se maravilhavam da sua doutrina” (22.33). Enquanto apontava o erro dos líderes religiosos, Jesus ensinava a verdade à multidão. Sua treta nunca teve o propósito de apenas “tretar”, mas de ensinar a verdade ao povo. Aqui está um exemplo e princípio importantíssimo para nós: combater o erro e participar de debates doutrinários são ações que devem ter o propósito de ensinar a verdade ao máximo de pessoas possível. Toda treta precisa ser didática.

Encontramos mais um debate entre Jesus e os fariseus em Mateus 22:34-46. Os mestres religiosos querem saber sobre o maior mandamento, e Jesus responde, mais uma vez, com a verdade e com provocações teológicas. É após essa resposta incrível que calou a boca dos seus oponentes (Mt 22.46) que Jesus inicia o seu duro discurso do capítulo 23. Turner dividiu bem essa fala em três partes[6]: na primeira, Jesus adverte a multidão e seus discípulos sobre os erros e incoerência dos escribas e fariseus (Mt 23.1-12); na segunda parte, Jesus denuncia duramente esses líderes expondo seus erros e falando diretamente a eles através dos “ais” (Mt 23.13-36); na parte final, Jesus lamenta por Jerusalém enquanto afirma a justiça do julgamento que ela está sofrendo (Mt 23.37-39). Para termos noção do quanto essa treta foi pesada, estão listados abaixo os motivos dos “ais” que Jesus proferiu contra a hipocrisia dos líderes religiosos: • “[...] vocês fecham o Reino dos Céus

diante das pessoas; pois vocês mesmos não entram, nem deixam entrar os que estão entrando!" (23.13); • "[...] vocês percorrem o mar e a terra para fazer um prosélito; e, uma vez feito, o tornam filho do inferno duas vezes mais do que vocês!" (23.15); • "[...] dizem: 'Se alguém jurar pelo santuário, isso não tem importância; mas, se alguém jurar pelo ouro do santuário, fica obrigado pelo que jurou!' Seus tolos e cegos! Qual é mais importante: o ouro ou o santuário que santifica o ouro?" (23.16-17); • "[...] vocês dão o dízimo da hortelã, do endro e do cominho e desprezam os preceitos mais importantes da Lei: a justiça, a misericórdia e a fé. Mas vocês deviam fazer estas coisas, sem omitir aquelas!" (23.25); • "[...] vocês são semelhantes aos sepulcros pintados de branco, que, por fora, se mostram belos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda podridão!" (23.27) Agora, repare no último "ai" de Jesus: "Ai de vocês, escribas e fariseus, hipócritas, porque vocês edificam os sepulcros dos profetas, enfeitam os túmulos dos justos e dizem: 'Se nós tivéssemos vivido nos dias de nossos pais, não teríamos sido seus cúmplices, quando mataram os profetas!' Assim, vocês dão testemunho contra si mesmos de que são filhos dos que mataram os profetas. Portanto, tratem de terminar aquilo que os pais de vocês começaram. Serpentes, raça de víboras! Como esperam escapar da condenação do inferno? Por isso, eis que eu lhes envio profetas, sábios e escribas. A uns vocês matarão e a outros crucificarão; a outros ainda vocês açoitarão nas sinagogas e perseguirão de cidade em cidade; para que recaia sobre vocês todo o sangue justo derramado sobre a terra, desde o sangue do justo Abel até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, a quem vocês mataram entre o santuário e o altar. Em verdade lhes digo que todas estas coisas hão de vir sobre a presente geração" (Mt 23:29-36).

As palavras são duras e públicas. Na conclusão dos "ais", Jesus expõe a grande incoerência teológica e histórica dos líderes religiosos. Eles se vangloriavam, porque não teriam participado da morte dos profetas no passado, mas estavam perseguindo e buscando matar o maior dos profetas, o próprio Cristo. Jesus aponta esse erro e promete julgamento. É uma treta verdadeiramente pesada. No trecho citado, há termos como serpentes, raça de víboras e inferno. Imagine esse discurso hoje, em nossa linguagem. É provável que muitos não aceitariam tal postura. Mas o exemplo de Jesus é perfeito, porque sabemos que ele denunciou o erro dessa forma sem pecar. Aprendemos com ele que é possível "tretar" de maneira santa. Jesus é proporcional no seu combate à heresia. Suas palavras e ações são medidas

pela gravidade dos erros que estão sendo confrontados. Os erros dos líderes religiosos eram gravíssimos, logo Jesus foi corretamente duro.

Jesus nos ensina que precisamos agir quando heresias estão sendo ensinadas. Nosso mestre nos indica que essa ação pode e, muitas vezes, deve ser dura. Há momentos em que tretas como essas são necessárias. Ele nos instrui também que é possível expor o erro e debater doutrina sem pecar. É isso que devemos buscar. Cristo também nos dá o exemplo da treta útil, aquela que serve para ensinar a verdade ao povo. O que estava em jogo em seus debates com os líderes religiosos era o meio de salvação. Portanto a dureza de Jesus era um ato de misericórdia e evangelismo. Ele estava desfazendo os erros para que a mensagem da salvação e do reino estivesse sempre disponível ao povo. Essa é a motivação que devemos cultivar. Antes de entrarmos em qualquer treta contra heresias, devemos olhar para Jesus e orar para seguirmos o seu exemplo.

Conclusão

Avance um pouco no tempo, após esses eventos bíblicos, e vá até o quarto século. Naquela época, o ensino de Ário estava sendo combatido por alguns teólogos e pastores. O arianismo ensinava que Jesus não era plenamente Deus, mas apenas um ser superior criado por Deus. As doutrinas sobre Jesus Cristo e sobre a Trindade estavam ameaçadas. Se não fosse por homens como Atanásio e pela movimentação, pelo debate e pela decisão do Concílio de Nicéia, muito provavelmente, não creríamos na Trindade e na divindade de Cristo hoje. Você estaria, no máximo, em um salão das testemunhas de Jeová. Já pensou nisso? Aquela treta foi fundamental para a história do cristianismo.

Caminhe mais um pouco, desta vez até o século 16. A salvação estava sendo manipulada por uma igreja que se importava mais com o lucro financeiro do que com as almas de seus fiéis. Um sistema de salvação por obras estava em pleno funcionamento, e a igreja passou a vender a salvação para financiar seu luxo. Mais uma vez, tínhamos uma doutrina fundamental do cristianismo em jogo, o evangelho estava sendo negado. Se não fosse por Lutero e outros reformadores que compraram a treta, é muito possível que,

hoje, estaríamos buscando salvação como quem procura por comida no supermercado. Você já imaginou não conhecer a salvação somente pela graça e somente pela fé? Exatamente por isso, aquela treta foi fundamental para que esse ensino bíblico chegasse até nós.

Tretas são necessárias em momentos que doutrinas centrais do cristianismo estão sendo pervertidas e a igreja está sendo enganada por falsos ensinos que levam a falsas práticas de vida. Nesses momentos, expor o erro e ensinar a verdade de maneira santa são os maiores atos de amor e de evangelismo que podemos praticar. O discurso de que não podemos julgar ou criticar pastores e pregadores pode até estar disfarçado de amor, mas, na verdade, não passa de indiferença àqueles que estão caminhando para o abismo com os olhos vendados. Quando a heresia surge, somos chamados a passar a vassoura, não o pano. Calvino tem uma ideia que combina bem com isso:

> O pastor necessita de duas vozes: uma para ajuntar as ovelhas e outra para espantar os lobos e ladrões. A escritura provê os meios para fazer ambas as coisas, e aquele que tem sido corretamente instruído nela será capaz tanto de governar os que são suscetíveis ao aprendizado quanto a refutar os inimigos da verdade.[7]

É isso que este livro objetiva fazer. Somos três pastores usando a voz que espanta os falsos ensinos. Nossa base será a Escritura, e nosso desejo é que aqueles que hoje estão no erro sejam suscetíveis ao aprendizado e não acabem como inimigos da verdade. Sei que as críticas, às vezes, tornam os pregadores criticados ainda mais famosos e que muitos deles vivem pela filosofia "falem mal, mas falem de mim". É triste saber que existe até mesmo deboche por parte daqueles que são criticados e que alguns deles confirmam que, de fato, estão pregando heresias, ainda que para fins retóricos. O pior herege é o narcisista, aquele que usa a heresia para aparecer e ter seu nome divulgado, aquele que chama a si mesmo de herege para atrair a atenção e polemizar. É a loucura de se fazer anátema pela fama. Ele se vê na própria heresia e passa a amar o resultado dessa união. Mesmo assim, precisamos agir. Fomos chamados para corrigir os erros doutrinários independentemente da fama de quem os propaga.

Isso pode custar um preço para cada um de nós, mas estamos dispostos a pagar. Em *Os Sermões dos Maricas: a pregação da verdade para homens de mentira,* Yago Martins, que escreve a segunda parte deste livro, fala a partir de sua experiência de polemista:

> Na internet, é comum ver algumas pessoas acusando outras de serem polêmicas, simplesmente porque estas costumam tocar em assuntos que fazem a maioria dos crentes tremerem nas bases. Pastores e pregadores que gostam de assertivas claras, contundentes e viris serão tidos, com muita frequência, como meros brigões. Podem acusar seus sermões e escritos como de mau gosto, mas eles serão menos prejudiciais do que textos de gosto médio que evitam assuntos complexos. O pregador fiel não conseguirá se adaptar com a lei da palmada que se impõe em muitas igrejas. [...] precisamos de homens fortes, mas também precisamos de igrejas fortes. Comunidades que não cedam ao relativismo atual e que sejam confessantes – que possuam um corpo firme, claro e declarado de doutrinas, que preguem a Palavra e exponham a verdade com propriedade, que conheçam as confissões de fé e credos históricos e que levantem muros claros de amor e verdade.[8]

Com esta introdução, viso a estabelecer nossa justificativa para escrever os próximos capítulos. Não estou comparando os pregadores da teologia do *coaching* com fariseus, judaizantes, arianos ou católicos do século 16, mas creio que eles têm pervertido pontos centrais da fé cristã, principalmente sobre a pessoa de Deus. Também não estou dizendo que somos perfeitos como Jesus, ousados como Paulo, sábios como Judas e corajosos como Atanásio e Lutero, mas creio que podemos apontar o erro e ensinar a verdade de forma humilde, amorosa e edificante para a igreja. É isso que faremos a seguir. Iniciaremos pelo problema da teologia do *coaching* e, posteriormente, ofereceremos uma visão bíblica sobre a vida de um verdadeiro discípulo de Jesus.

2. GENEALOGIA DA HERESIA: DEFININDO A TEOLOGIA DO COACHING

Inicio este capítulo com um aviso: citarei alguns nomes nas próximas páginas. Não há como fazer uma crítica responsável e duradoura por meio de um livro sem ser específico na apresentação do problema. Escrever uma obra que responde a erros teológicos e apresentar esses erros através de expressões sem identidade como "disseram por aí", "temos ouvido sobre isso" ou "alguns têm ensinado isso" seria irresponsável. Você, leitor, precisa saber que o problema é real. Você precisa conhecer as fontes e ver que não se trata apenas da interpretação de algumas mentes como as nossas. É por isso que nomes e erros serão citados juntos. Além disso, você poderá conferir a fonte desses erros nas referências nas notas de rodapé. Nosso desejo é que este livro sirva como um documento sério contra a teologia do *coaching* (TC).

É fundamental reiterar que não há desavença pessoal contra as pessoas citadas. Com "pessoal", indico que não estou me levantando contra a vida desses homens. A crítica se dirige apenas ao que está relacionado aos erros teológicos. Sei que tais pregadores podem ser boas pessoas, bons maridos, pais e amigos. O interesse deste livro é o fato de que, infelizmente, eles não estão sendo bons pregadores e mestres do evangelho. Não odiamos ninguém. Não queremos destruir ninguém. Nosso desejo é repreender, corrigir e ensinar através da escritura para que todos estejam mais preparados para a boa obra (2Tm 3.16). Ansiamos que eles e todos que os têm escutado possam ler este livro, aprender a verdade e se arrepender das falsas concepções de Deus, de si mesmo e da vida cristã. Não queremos uma

fogueira. Se esse é o seu desejo, outro livro precisa ser escrito para criticar você.

Definindo a teologia do *coaching*

O ano era 2016. Eu estava assistindo a alguns vídeos no *YouTube* e encontrei um em que um *coach* famoso da minha cidade pregava numa igreja também bastante famosa[9]. A curiosidade me fez começar a assistir. A "pregação" era sobre estabelecer limites para obter sucesso. O "pregador" andava de um lado para o outro no palco enquanto falava com empolgação. Por várias vezes, ele pedia para que as pessoas falassem palavras de afirmação para quem estava ao lado. Um desses momentos me chamou a atenção: ele perguntou quem precisava estabelecer mais limites na vida e, logo depois, pediu para que todos treinassem o não. "Fale assim: não!" – ele dizia –, "Foi baixo. Não!". As pessoas repetiam, gritando "não" na igreja. Era exatamente como outros eventos de *coaching* a que eu assistira.

A palestra (é melhor denominar assim) não era ruim. Não havia heresias. Era um conteúdo interessante, e alguns versículos isolados foram usados para fortalecer os argumentos, mas a linguagem e a metodologia do *coaching* de palco me incomodaram. No final, com uma melodia ao fundo, o palestrante fez um apelo. Pedindo para que levantassem as mãos, ele perguntou: "Quem aqui quer reconhecer Jesus Cristo como Senhor e salvador e vir jogar no time dos vencedores?". Novamente, aquilo soou estranho. Percebi que a mensagem estava atrelando o evangelho ao sucesso em várias áreas da vida. Percebi que a ideia era que, se crermos da maneira correta, se estabelecermos os limites corretos, se vivermos princípios corretos, então teremos sucesso. Eu poderia estar enganado a respeito dessa palestra, mas logo descobriria que esse tipo de mensagem estava se espalhando pelo Brasil. Foi nesse momento que decidi pesquisar um pouco mais e escrever sobre o assunto.

Li um ótimo artigo chamado *Por que a indústria do empreendedorismo de palco irá destruir você*[10], no qual o autor, Ícaro de Carvalho, afirma:

> O empreendedorismo é a nova religião do homem moderno. Materialista e secular, ele substituiu os Santos do seu altar por fotografias de homens bem sucedidos; os seus Evangelhos são livros como *"O sonho grande"* e *"A força do Hábito"*. Ele acredita, de alguma maneira, que tudo aquilo irá aproximá-lo do seu objetivo principal: sucesso, fama e dinheiro…de preferência agora![11]

Foi na leitura desse trecho que percebi o que estava acontecendo: o *coaching* de palco estava absorvendo elementos religiosos e a igreja estava absorvendo elementos do *coaching* de palco. Se as pessoas estão sedentas por esse tipo de abordagem emocional que promete o sucesso, por que não cristianizar isso e oferecer em nossas igrejas? O grande sucesso dos empreendedores de palco que cobram fortunas por uma ou duas noites de palestra e atraem multidões é realmente sedutor para pastores que estão sofrendo com a falta de membros e recursos. Por que não buscar a solução nessa fonte? O termo "teologia do *coaching*" surgiu em minha mente. Naquela época, eu estava me referindo, de maneira geral, ao uso da linguagem e das técnicas do *coaching* de palco em pregações nas igrejas. Essa definição ficou mais detalhada com o passar do tempo, o que explicarei mais adiante.

Em dezembro de 2016, eu escrevi o artigo *Teologia do coaching: a substituta da teologia da prosperidade*[12]. O texto foi publicado em meu blog pessoal e teve muitos leitores. Ele se tornou viral de uma forma que eu nunca esperei. Em 2017, quando o termo e o assunto já estavam sendo mais discutidos, publiquei o mesmo artigo no blog do ministério Dois Dedos de Teologia, e a repercussão, novamente, foi expressiva. Aquele era, de fato, um problema percebido por muita gente. Nesse período, eu conheci os vídeos do pastor Tiago Brunet. Suas mensagens e conferências sobre destino, saúde emocional, saúde financeira, saúde espiritual e ministério relevante reforçaram a minha ideia de que nós tínhamos que tratar a TC como a nova teologia da prosperidade. Em um dos vídeos, Brunet dizia o seguinte: "Eu não sei se dinheiro traz felicidade, mas, que pobreza traz uma tristeza danada, eu tenho certeza... Eu não sei se Deus me chamou para ser rico, mas, para ser pobre, eu tenho certeza que ele não me chamou"[13]. Eu comecei a tomar conhecimento da face mais materialista da TC.

Com o tempo, notei algumas manifestações sobre o assunto surgirem. Augustus Nicodemus, por exemplo, falou sobre isso em uma entrevista com Felipe Niel[14]. Alguns vídeos sobre o tema, como o do Teologueiros[15], foram publicados no *YouTube*. O diálogo estava caminhando a passos lentos, mas, em 2019, houve um aumento nesse debate. O motivo foi a grande popularização das mensagens antropocêntricas de pregadores como Deive Leonardo e Victor Azevedo. Logo, eles foram chamados de pregadores da TC – e com razão. Mas, dessa vez, o alvo de suas mensagens não era o sucesso material, mas a satisfação emocional. Nos vídeos de Deive Leonardo, é perceptível que o conteúdo, a retórica, o ambiente, o fundo musical que acompanha a pregação e a edição de vídeo são feitos para sensibilizar e suprir carências emocionais. Esses pregadores estão focados em fazer seus espectadores se sentirem importantes e valorizados, mesmo que, para isso, tenham que tirar Deus do centro para colocar o homem.

Duas mensagens são emblemáticas para representar esse tipo de abordagem. A primeira tem o título "Importante"[16], de Deive Leonardo. Ele inicia com a leitura do texto de 1Pedro 1.18 e, em seguida, afirma que nós somos o centro dessa palavra. Ao apontar para a Bíblia, ele diz: "você é o centro disso aqui". Deive avisa que explicará melhor essa sentença, mas o que vem é ainda mais estranho. Ele diz: "No Novo Testamento, Jesus é o centro, Jesus é o centro da Bíblia, Jesus é o centro do evangelho, mas, de Jesus, você é o centro! Do coração de Jesus, você é o centro!". Tratarei melhor disso no próximo capítulo, mas já é possível compreender o problema. A segunda mensagem é de Victor Azevedo, numa conferência em sua igreja[17]. Nela, Victor diz: "Quando eu olho para Deus, eu sou tão justo, que eu não me sinto inferior a Deus". O público da internet, os teólogos e pastores reagiram em massa contra essa fala. Realmente, não era possível ficar calado. Nessa experiência, eu despertei para o lado mais emocional da TC.

Creio que, agora, podemos definir melhor o que é a teologia do *coaching*. Para evitar qualquer confusão com o termo "teologia", permita-me, antes, dizer o que ela não é. A TC não é uma teologia no sentido de método hermenêutico ou teologia bíblica (dispensacionalismo, aliancismo, teologia da nova aliança). Não é uma teologia no sentido de sistema soteriológico (calvinismo e arminianismo). Não é uma teologia no sentido histórico ou denominacional (patrística, puritana, presbiteriana, batista,

pentecostal). Também não é uma teologia local ou identitária (latino-americana, asiática, negra, feminista). Em outras palavras, a TC não recebe o nome de teologia por nascer de um método teológico específico e ter o objetivo de produzir um tipo específico de pensamento teológico.

Também não pense que o uso de "teologia" significa que há um grupo de teólogos estudando e produzindo teologia do *coaching*. Felizmente, não existe algo como uma sociedade ou um seminário teológico do *coaching*. Não imagine essa forma de organização institucional. Não duvido que exista alguma organização, mas não desse tipo. Também não imagine que TC signifique que todos os seus pregadores são *coachs*. Alguns deles são, outros, não. Não estamos aqui, portanto, querendo tornar um problema maior do que ele é. Sabemos que não existe uma organização metodológica e estrutural. Não estamos criando espantalhos apenas para produzir um alerta falso e chamar a atenção.

Sendo assim, como podemos definir a TC? Prepare seu marca-texto. A teologia do *coaching* pode ser tratada como uma forma de abordar os ouvintes. É, portanto, uma abordagem, não uma teologia propriamente dita. É a abordagem que trata o homem, seus desejos materiais e/ou carências emocionais como o foco da pregação e do ministério pastoral ao oferecer, por meio de textos bíblicos mal utilizados, uma narrativa divina que centraliza o homem ao dizer que ele é capaz em poder e importante em valor. O termo teologia é usado de forma didática para relacionar igreja, ministério, pregação e bíblia com foco e mensagem do *coaching* de palco. É essa relação que detalharemos adiante.

Qual é o problema com o *coaching*?

Antes de ingressar no seminário e cursar teologia, eu me graduei em administração de empresas. As áreas de atuação que mais estudei durante o curso foram marketing (principalmente o digital) e consultoria. Entre os anos de 2009 e 2012, esses campos estavam em plena expansão, e o *coaching* ainda não tinha "explodido". Mas, pouco tempo depois, aconteceu. Eu diria que o grande mercado de *coaching*, hoje, é formado por um marketing digital padronizado, ferramentas de consultoria empresarial, discurso motivacional

e ajuda emocional. Eu domino, principalmente, os dois primeiros elementos e, graças à experiência de estudo e trabalho, consigo discernir adequadamente o que é bom e ruim no mercado atual. Há boas ideias, ferramentas e métodos de administração, marketing e desenvolvimento pessoal no *coaching*. Eu não me incomodo com o *coaching* sério e prático, feito com conhecimento e experiência e que atua dentro da realidade. Se você trabalha ou deseja trabalhar nessa área, ofereça esse tipo de serviço. Mas, então, qual é o grande problema?

Não perderei tempo com charlatanismos como o *coaching* quântico. Vamos tratar de assuntos mais sérios. Infelizmente, temos visto esse mercado se tornar um misto de promessas ilusórias, fórmulas mágicas e emocionalismo religioso. Promessas de riqueza, crescimento empresarial e mudança de vida são feitas de forma irresponsável através de jargões vazios como "você pode, basta acordar cedo e trabalhar duro" ou "riqueza é questão de mentalidade, então pense como um milionário". Para alcançar essas metas prometidas, existem as fórmulas mágicas: um método de marketing digital, um cronograma de trabalho semanal, uma nova forma de pensar e falar, cursos que devemos fazer, *etc*. Cada *coach* cria sua receita, mostra depoimentos de sucesso e vende o produto ou serviço aos interessados. É assim que o *coaching* tem se tornado uma ferramenta para ensinar o que você já sabe cobrando o dinheiro que você não tem.

Por fim, para aqueles que não alcançaram o sucesso prometido (a grande maioria), existe a ajuda emocional religiosa, um trabalho de motivação e consolo para aqueles que ainda estão tentando e fracassando, afinal eles precisam continuar acreditando para que continuem pagando pelos eventos de *coaching*. Denomino "religiosa", pois há um ambiente litúrgico nesses encontros. Pessoas escutam mensagens de motivação e consolo emocional, reúnem-se para ouvir testemunhos dos vencedores, cantam juntas, bradam frases de vitória e criam comunidades de ajuda mútua. E o principal: há uma figura messiânica na qual todas aquelas pessoas depositam suas esperanças e da qual esperam receber todo o conhecimento para alcançar seus paraísos pessoais.

Aí está o grande problema com boa parte do *coaching* atual. Como as promessas e fórmulas são sempre as mesmas, o *coaching* tem se especializado, cada vez mais, na ajuda emocional. No artigo sobre

empreendedorismo de palco citado anteriormente, o autor propõe um exercício: vá a um evento de *coaching* e anote o número de discursos práticos e o número de discursos emocionais – o último tipo está muito mais presente. Isso está gerando conflitos, inclusive, com profissionais da psicologia. Em 2018, durante a novela global *O Outro Lado do Paraíso*, uma cena patrocinada pelo Instituto Brasileiro do *Coaching* mostrou uma personagem participando de uma sessão de *coaching* com hipnose para auxiliar na recuperação de um trauma causado por abuso sexual[18]. Na ocasião, o Conselho Federal de Psicologia emitiu uma nota sobre o desserviço que essa cena representou para a população brasileira.

> É consenso no Brasil de que pessoas com sofrimento mental, emocional e existencial intenso devem procurar atendimento psicológico com profissionais da Psicologia, pois são os que tem a habilitação adequada. Isso é amplamente reconhecido por diversas políticas públicas, entre elas o Sistema Único de Saúde (SUS) e o Sistema Único de Assistência Social (SUAS), que empregam essas profissionais em larga escala. Mesmo na saúde suplementar, o exercício do cuidado psicológico é reconhecido e regulamentado. Há normas da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) que obrigam os planos de saúde a oferecerem atendimento por profissionais da Psicologia.[19]

Apesar desse consenso, pessoas estão buscando *coachs* a fim de obter ajuda mental e emocional. As promessas grandiosas, o caminho mais curto e o marketing das fórmulas mágicas ajudam a explicar esse fenômeno. O *coaching* tem se tornado um mercado emocional no qual o cliente paga caro para ouvir sobre o quanto ele é importante, útil e capaz enquanto "aprende" a treinar suas emoções para se sentir assim. Provavelmente, você concorda que tudo isso é estranho e, não raras vezes, soa patético. Então por que milhares de pessoas estão investindo nisso e fazendo seus "*coachs*-gurus" milionários? A resposta não é difícil: elas estão emocionalmente quebradas e foram ensinadas que juntar e reorganizar os cacos significa ter o sucesso que sempre sonharam.

Podemos entender melhor tal cenário com a ajuda do filósofo coreano Byung-Chul Han. Em seu livro *Sociedade do cansaço*, encontramos

uma definição interessante: estamos vivendo numa sociedade de desempenho[20]. Han argumenta que, nessa sociedade, as pessoas se tornaram sujeitos de desempenho e produção, sendo empresários de si mesmos. Você não precisa aprovar todas as ideias do autor, mas basta uma olhadela nos conteúdos de *coaching* para percebermos que, realmente, eles estão "ensinando" a buscar grandes negócios, produzir riqueza em tempo acelerado, ser multitarefas e fazer tudo que for possível para alcançar o sucesso, virar autoridade e atingir nossa melhor versão. Isso cansa o corpo, a mente e a alma.

Para perceber esse tipo de sociedade no Brasil, é suficiente olhar para a lista dos 15 livros mais vendidos em nosso país em 2019[21]. Entre eles, estão os livros *A Sutil arte de ligar o f*da-de*, *Do mil ao milhã - sem cortar o cafezinho*, *Seja f*da!*, *O poder da autorresponsabilidade*, *Os segredos da mente milionária*, *O poder da ação: faça sua vida ideal sair do papel*, *Pai rico, pai pobre*, *Mindset* e *Mais esperto que o diabo*. Entre os 15 mais vendidos, não há sequer um livro de ficção, filosofia, ciência, clássico da literatura, poesia ou política. A grande maioria são livros motivacionais – os quais até possuem alguns conteúdos interessantes – que prometem saúde emocional e o caminho do sucesso e da riqueza. Mas é problemático que as pessoas estejam lendo apenas em busca disso. Essa é uma triste realidade de nossa sociedade.

Para Han, os resultados de uma sociedade como essa são vistos na depressão, no transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH) e na síndrome de *burnout*. Não é difícil imaginar de onde vêm essas consequências. Se queremos fazer tudo de forma acelerada, isso nos levará à hiperatividade com falta de foco e atenção. O excesso de trabalho e o modo multitarefas nos levará ao *burnout*. E a idolatria do sucesso nos levará à depressão quando a realidade do fracasso bater à porta. Han é cirúrgico ao dizer que "a depressão é o adoecimento de uma sociedade que sofre do excesso de positividade"[22].

> A sociedade do desempenho vai se desvinculando cada vez mais da negatividade. Justamente a desregulamentação crescente vai abolindo-a. O poder ilimitado é o verbo modal positivo da sociedade do desempenho. O plural coletivo *Yes, we can* expressa precisamente o

> caráter de positividade da sociedade do desempenho. No lugar de proibição, mandamento ou lei, entram projeto, iniciativa e motivação. A sociedade disciplinar ainda está dominada pelo não. Sua negatividade gera loucura e delinquentes. A sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados.[23]

Sim, pessoas estão quebradas. Há cacos por todos os lados e não é fácil juntá-los. O *coaching* tem aparecido como uma solução milagrosa para o problema que ele mesmo contribui para criar. Somos super incentivados por uma positividade de desempenho que diz que somos importantes e merecedores e que podemos conquistar e realizar sonhos, quando a vida, constantemente, nos prova o contrário. Nesse abismo entre expectativa e realidade criado pelo próprio *coaching* é que este se coloca como consolador emocional e motivador de novas tentativas. É por isso que o sucesso dessa abordagem chama a atenção e influencia vários setores. O *coaching* tem sido o veneno que adoece a alma e, ao mesmo tempo, o remédio que promete a cura. Isso tem produzido dependentes emocionais num ciclo vicioso para muitos e lucrativo para poucos.

Aqui está o efeito mais triste disso: alguns pregadores e igrejas perceberam, corretamente, que almas estão doentes pela idolatria do sucesso, desempenho e positividade, entretanto, em vez de oferecerem o bom e tradicional evangelho bíblico, estão alterando a mensagem divina para um outro evangelho, que é emocional e antropocêntrico. Pregadores e igrejas estão sendo influenciados por esse espírito da época dos empreendedores emocionais. Esse é o ambiente em que a TC se manifestou e tem crescido. Pessoas quebradas pela idolatria do sucesso, do desempenho e da positividade desejam ouvir, constantemente, que são importantes e capazes. A TC substitui o remédio que arde pelo placebo que ilude. Ela não produz convertidos, produz dependentes. E, assim, ela se espalha.

Por que substituta da teologia da prosperidade?

Mesmo com esse cenário, não seria um exagero chamar essa abordagem de “a substituta da teologia da prosperidade”? Não seria exagerado comparar

os pregadores citados com Edir Macedo, Malafaia e outros homens que vendem a fé? Respondo com uma citação de Tiago Brunet em uma pregação chamada “Descubra o seu destino”:

> Deus tem um lápis, mas você tem a borracha das decisões. Ele planeja coisas para sua vida e, de diversas formas, inclusive pelas suas decisões, você pode apagar o que ele escreveu para você. E todos os planos de Deus são de bem e não de mal. A conspiração divina, Pai, Filho e Espírito Santo, está no céu conspirando ao seu favor, sempre para você se sair bem, sempre para você ganhar, sempre para você sair do buraco, sempre para o casamento melhorar, sempre para a solidão ir embora, sempre para a prosperidade chegar, sempre para o bem. Mas porque as coisas dão errado? Porque, de vez em quando, a gente apaga parte do plano.[24]

Essa não é uma afirmação apenas mal colocada de Brunet. Não se trata de um deslize ou de palavras mal escolhidas. Essa é a base do seu ministério. Brunet tem espalhado a mensagem de que Deus planejou prosperidade para seus filhos, mas que são as nossas decisões que destravam ou não esse bom destino divino para nós. Nessa pregação, ele chega a comparar Deus com um pai humano, que faz planos maravilhosos para seus filhos, mas que não tem controle sobre o poder de decisão deles. É por isso que sua conferência se chama Conferência Destino. É por isso que ele criou o Instituto Destiny e a Casa de Destino, que oferecem cursos e mentorias para igrejas e empresas. Todo o seu ministério está baseado nessa ideia de que, tomando as decisões corretas e agindo de forma correta, nós destravamos ou liberamos o destino de prosperidade que Deus traçou para nós.

Ficou clara a semelhança com a pregação da teologia da prosperidade? “Sim ou não?[25]”. Esclareço a seguir. Jones e Woodbrigde resumiram a teologia da prosperidade desta forma:

> De acordo com esse novo evangelho, se os crentes repetirem confissões positivas, concentrarem seus pensamentos e gerarem fé suficiente, Deus lançará bênçãos sobre suas vidas. Este novo evangelho afirma que Deus deseja e até promete que os crentes viverão uma vida saudável e financeiramente próspera.[26]

Perceba que a essência é a mesma: Deus tem promessas ou planos de prosperidade para o homem que, por sua vez, precisa agir corretamente para acessar ou liberar essas bençõe prometidas ou planejadas por Deus. Em ambos os ensinos, a pobreza é tratada como algo que Deus não planejou para nós. Na teologia da prosperidade, o que destrava as bençõe de Deus são as declarações de fé e o dízimo; na TC, são as ferramentas do *coaching* e as decisões corretas. Pablo Marçal, outro orador que mescla *coaching* e teologia bíblica e profere afirmações estranhas à fé cristã, disse: "Por que o Senhor não coloca coisas nas suas mãos? Porque você é improdutivo"[27]. Ou seja, é necessário passar pelo *coaching* para se tornar alguém produtivo e receber as bênçãos de Deus. Na teologia da prosperidade, as promessas são de riqueza e saúde; na TC, são de prosperidade financeira, saúde emocional e vida equilibrada. Na teologia da prosperidade, o fiel precisa de fé; na TC, de produtividade.

Em seu livro *O Evangelho da Prosperidade*[28], Alan Pieratt levanta os três principais tópicos de ensino da teologia da prosperidade: autoridade espiritual; saúde e prosperidade; confissão positiva. A autoridade espiritual aponta para o ensino de que Deus tem os seus escolhidos (ungidos) para receber visões, dons e mensagens especiais diretamente de Deus, e que, por isso, devem ser autoridade sobre a igreja. São eles que dizem como alcançar as bênçãos de Deus. Perceba a semelhança com o mundo do *coaching*. É muito comum encontrarmos aulas e cursos sobre construção de autoridade. Os *coachs* e pregadores da TC se posicionam como conhecedores de técnicas, ferramentas e métodos revolucionários que levarão seus clientes ao sucesso desejado. Eles não receberam uma visão de Deus, mas estudaram por anos, viajaram por vários países, entrevistaram diversos líderes e pastores de sucesso, *etc*. Tudo para lhe mostrar o caminho das certezas que a Bíblia não dá.

Saúde e riqueza são as promessas da teologia da prosperidade. Doença e pobreza são tratadas como maldições que alcançam o crente quando algo em sua vida de fé está errado. A ideia é que Deus já tem preparado, para seus filhos, saúde e prosperidade financeira, mas só temos acesso a isso quando, verdadeiramente, cremos e agimos profeticamente. É necessário, inclusive, plantar (dizimar) para colher as bênçãos no futuro. No

neopentecostalismo, muito se fala sobre tomar posse das promessas e bênçãos que Deus tem para os seus filhos. Pablo Marçal usa essa mesma linguagem em uma de suas palestras[29], na qual ele diz que "A riqueza é natural. Deus deu os princípios..."[30]. Para ele, basta seguir tais princípios que a riqueza acontecerá. Ele complementa dizendo que "pobreza é resistência"[31], ou seja, se ainda não enriquecemos, é porque estamos resistindo, de alguma forma, ao plano de Deus. Paulo Vieira, pregando numa igreja em Orlando, disse: "Quem ama a Deus e vive o propósito dele prospera. Quem ama a Deus e vive o seu propósito prospera, tem sorte e tudo dá certo"[32]. Tudo isso é teologia da prosperidade numa roupagem menos neopentecostal e mais comercial.

Por fim, a confissão positiva é o mecanismo pelo qual os crentes podem ter acesso às bênçãos de Deus. Pieratt explicou esse ensino em três estágios: conhecimento, fé e confissão propriamente dita[33]. Primeiramente, o crente precisa conhecer as bênçãos que foram prometidas e estão disponíveis. Depois, é necessário ter fé na realidade delas. O fiel é chamado a exigir tais bênçãos e nunca duvidar. Finalmente, para verbalizar sua fé e receber a bênção, o crente é chamado a confessar e a declarar o recebimento dessas bênçãos. Palavras positivas devem ser ditas para atrair prosperidade e saúde. Novamente, há uma semelhança com a TC. Perceba este trecho de Pablo Marçal, em que ele fala de sua ida em uma viagem para a qual ele não foi convidado:

> Quando eu descobri a viagem por um dos participantes, na mesma hora, eu fechei os meus olhos e construí a fotografia da viagem, e eu me vi na viagem... E, naquela hora, eu falei "nada vai me tirar daqui". Deixa eu ensinar uma coisa para vocês: se Deus te der uma visão, é porque o negócio existe. Se você não vê, aprenda a exercitar sua mente para você começar a enxergar, porque, se enxergar, existe. Se a sua visão for clara sobre uma coisa que você não experimentou, essa coisa já existe, é só você pegar, é seu.[34]

Um puro exemplo de confissão positiva. Ele afirma que Deus deu a ele a visão da viagem, ou seja, ele conheceu a bênção que Deus prometeu. Ele se vê na viagem, não duvida e exerce fé na visão. Em seguida, ele ensina que, se a visão foi dada, é porque a dádiva já existe, basta pegar. Se você, leitor,

quiser algo mais explícito que isso, mais teologia da prosperidade que isso, então feche este livro e entre na Universal mais próxima. Ainda assim, segue mais um exemplo. Na palestra de Paulo Vieira citada anteriormente, algo estranho acontece no final. Vieira faz uma espécie de ritual místico para alcançar a prosperidade[35]. Ele pede para que as pessoas olhem para o passado de humilhação e dificuldade e também visualizem as bênçãos preparadas por Deus. Em determinado momento, ele solicita que as pessoas estendam a mão e sintam as bênçãos. No final, ele convoca todos a gritarem "basta", em alto volume, para a pobreza – pura confissão positiva.

Por todos esses motivos, tenho convicção de que a teologia do *coaching* é a substituta da teologia da prosperidade, inclusive, na abordagem emocional. Vivemos numa época em que a prosperidade emocional é muito valorizada e as pessoas buscam igrejas para se sentirem em paz com as emoções. Os eventos e cursos de *coaching* também estão lotados pelo mesmo motivo. Pessoas quebradas querem ouvir que são importantes, boas, poderosas. Elas estão buscando alimento constante para suas autoestimas. Nesse contexto, falas como as de Deive Leonardo e Victor Azevedo fazem todo o sentido para suas audiências. Essa pregação de prosperidade emocional tem usado a pessoa de Deus como instrumento de uma boa autoimagem. Quanto mais se diz que Deus vive em função de nós e depende de nós, melhor nos sentimos. Quando dizem que estamos no mesmo nível de Deus, ficamos mais satisfeitos. Infelizmente, é isso que acontecendo nesses ambientes.

Enquanto a teologia da prosperidade diz que não nascemos para ser cauda, mas cabeça, a TC diz: "Quando se trata de você, se trata do ponto fraco de Deus"[36]. Ao passo que a teologia da prosperidade diz que você deve ser rico porque é filho do dono do ouro e da prata, a TC diz: "Como é que você diminui e Jesus cresce se ele, na terra, é você?"[37]. A TC é exatamente o oposto da teologia de João Batista. Enquanto o pregador do deserto encontra sentido e alegria na vida dizendo "Convém que ele cresça e que eu diminua" (Jo 3.30), atualmente, muitas pessoas procuram por sentido e cura emocional diminuindo Deus para que elas cresçam e se sintam melhores. É a expressão pós-moderna do pecado original.

Apresento um último exemplo para arrematar esta seção. Deive Leonardo pregou, em dezembro de 2019, sobre os pensamentos e caminhos de Deus.

Posteriormente, o vídeo da pregação foi publicado com o título “2020 será melhor do que você imagina”. Nele, Deive usa o texto de Isaías 55.8-9 para prometer que um 2020 com Jesus será melhor do que podemos imaginar. O texto bíblico diz: “‘Porque os meus pensamentos não são os pensamentos de vocês, e os caminhos de vocês não são os meus caminhos’, diz o Senhor. ‘Porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim os meus caminhos são mais altos do que os seus caminhos, e os meus pensamentos são mais altos do que os pensamentos de vocês’” (Is 55.8-9).

Logicamente, a afirmação de que um ano com Jesus será melhor do que um ano sem Jesus não é questionável. Porém, dependendo do que o termo “melhor” conota, a frase será discutível. O exemplo que Deive expõe é o início humilde de sua carreira e o posterior alcance que ele conquistou. Ele sonhou pequeno, mas Deus tinha planos maiores para ele. É aí que começa o problema. O texto não fala sobre planos materiais e pessoais. O texto de Isaías 55 fala da nova aliança. “Deem ouvidos e venham a mim; escutem, e vocês viverão. Porque farei uma aliança eterna com vocês, que consiste nas fiéis misericórdias prometidas a Davi” (Is 55.3).

Deus está afirmando que seu plano de redenção é diferente, maior que os planos humanos, e está chamando as pessoas para o arrependimento e a mudança de postura. Oswalt comenta que “caminhos” significa padrão de comportamento e “pensamentos” se refere aos valores e à percepção de alguém[38]. Esse paralelismo é um chamado para a mudança de mentalidade e comportamento. É um chamado para a moral e ética da nova aliança, semelhantes às divinas. O contexto aponta para esse significado – “Que o ímpio abandone o seu mau caminho, e o homem mau, os seus pensamentos; converta-se ao Senhor, que se compadecerá dele, e volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar” (Is 55.7).

É plausível que o pregador tenha cometido um erro bíblico sem intenção de causar engano aos ouvintes. Quem nunca fez isso? Mas o erro pode ter sido ocasionado justamente devido ao foco em agradar as pessoas e motivá-las para o sucesso nos planos profissionais e pessoais. A verdade é que não há, no texto, promessas de um ano materialmente melhor. Não há sequer promessas materiais. Entregar os planos para Jesus não significa que ele fará ainda mais e melhor de acordo com padrões materiais e pessoais. A teologia do *coaching* pode ser mais bonita, mais palatável, mais jovem e

mais descolada, mas continua carregando as ilusões da teologia da prosperidade.

Filhas de um mesmo pai

Se você ainda tem dúvidas sobre a grande semelhança entre teologia da prosperidade e teologia do *coaching*, concentre-se nesta última parte do capítulo. A partir de um ponto de vista histórico, pretendo mostrar que ambas são filhas do mesmo pai. Veremos que a teologia da prosperidade e a literatura motivacional e de autoajuda centrada no poder da mente e do pensamento positivo surgiram do mesmo berço – o movimento americano do século 19 chamado Novo Pensamento. Monica Marques escreveu um artigo sobre esse tema para o 37º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Seu principal argumento é o seguinte: O Novo Pensamento pode ser visto como chave para a compreensão de dois de seus ecos contemporâneos: a teologia da prosperidade e a literatura de autoajuda mentalista. Se o movimento principiou mirando apenas a cura, logo surgiram publicações que apregoavam o poder do pensamento também para a riqueza e o sucesso. A fórmula vendia e parecia se afinar com as aspirações da época.[39]

Uma breve análise histórica desse movimento será suficiente para que você note as semelhanças entre esse "ancestral comum" e as teologias da prosperidade e do *coaching*. O movimento do Novo Pensamento (usarei a sigla MNP daqui em diante) surgiu ainda no século 19. Não era uma igreja nem uma denominação, mas usava elementos cristãos e ganhou espaço nas igrejas, mesmo com ideias sincréticas com outras religiões. Os grandes influenciadores desse movimento foram Emanuel Swedenborg, Phineas Parkhurst Quimby, Ralph Waldo Trine e Norman Vincent Peale. Apesar das diferenças entre o grupo, eles estavam centrados na ideia de que a natureza última da realidade está baseada no poder da mente.

> Acreditando que o mundo mental era a única verdadeira realidade e o mundo material a criação, esses praticantes da alma sentiram que poderiam utilizar suas ciências recém-descobertas para libertar o corpo humano de seus impedimentos materiais, incluindo doenças. Somente ao

> descobrir a liberdade pessoal e a individualidade dentro da natureza interior ou espiritual, e fundir essa individualidade com Deus ou o Um, poderia o indivíduo encontra saúde e felicidade duradouras.[40]

Swedenborg (1688-1772) ficou conhecido como o avô do MNP. Ele alegou ter recebido uma nova revelação diretamente de Deus e, por isso, escreveu um livro chamado *Segredos Celestiais*. Ademais, ele dizia ter se comunicado diversas vezes com Moisés, Paulo e até mesmo com Lutero. Para finalizar a lista de semelhanças com líderes da teologia da prosperidade e do neopentecostalismo, Swedenborg afirmava ter o poder de ver as realidades do céu, inferno e das outras dimensões do mundo espiritual. Jones e Woodbridge resumiram seu pensamento em pontos centrais[41]: Deus como uma força mística, a mente humana com a capacidade de controlar o mundo físico e a salvação baseada em obras. Essas ideias se tornaram fundamentais no MNP.

Os outros autores acrescentaram ideias e formaram o pensamento desse movimento. Quimby defendeu que doenças são distúrbios na mente. Ele afirmou:

> Se eu creio que estou doente, estou doente, pois meus sentimentos são minha doença, e a minha doença é minha crença, e minha crença é minha mente. Portanto, todas as doenças estão na mente ou na crença”[42].

No início do século 20, essa ideia já estava sendo aplicada ao sucesso financeiro e muitos livros surgiram sobre o assunto. Trine foi um dos principais escritores e influenciadores da época, mas, mesmo crendo em Deus, sua ideologia estava bem longe das escrituras.

O caso de Norman Vincent Peale, muito conhecido por seu livro *O Poder do Pesamento Positivo* capta a atenção. Peale era pastor da *Marble Collegiate Church*, uma igreja de denominação reformada holandesa em Nova York. Sua adesão aos ideais do MNP é um exemplo de como esse pensamento se introduziu na igreja. É notável que tenha entrado numa denominação histórica, calvinista e conservadora. Isso nos alerta para o perigo que todas as igrejas correm se não houver uma defesa da fé cristã contra as doutrinas estranhas.

Jones e Woodbridge resumiram “a confissão” do MNP em cinco pilares[43]. O primeiro, uma visão distorcida de Deus. Além de rejeitar a Trindade e defender uma espécie de panteísmo, a principal ideia sobre Deus era a de que ele seria uma força impessoal, suscetível a ser manipulada. Em segundo lugar, uma elevação da mente sobre a matéria. O grande segredo da vida se resumiria em moldar a realidade conforme sua maneira de pensar. O terceiro pilar seria uma visão exaltada da humanidade: não há praticamente nenhuma menção do pecado no MNP. Em penúltimo lugar, o foco em saúde e riqueza. Por fim, uma visão herética de salvação baseada nas obras. Assim os autores resumiram esse movimento:

> O Novo Pensamento crê que Deus é uma força viva impessoal, que a mente controla a matéria e que pessoas são (ou no mínimo podem se tornar) deuses. Trazendo para a prática, desde que a mente humana é toda poderosa, isso significa que os pensamentos desempenham papel vital tanto em permitir e remover doenças físicas como afetar grandemente a conquista de sucesso financeiro.[44]

Essek William Kenyon foi fortemente influenciado por esse movimento ao estudar no *Emerson College of Oratory*, em Boston, um grande centro de divulgação do Novo Pensamento. Foi na literatura dessa corrente que Kenneth Hagin se baseou para escrever seus livros e dar início ao movimento da palavra da fé. Hagin é considerado, por muitos, o pai da teologia da prosperidade, tendo bebido da fonte do Novo Pensamento. Marques afirma que, paralelamente a isso, a literatura de autoajuda através do poder da mente também foi crescendo e se desenvolvendo.

> Parece ser apenas no início do século XX que o movimento acaba por desdobrar-se em uma importante vertente ou corrente da chamada literatura de autoajuda. O poder da mente era proposto como recurso para a obtenção de objetivos específicos de sucesso, em livros de larga tiragem, que iam de encontro às aspirações da época... No cenário contemporâneo, a literatura de autoajuda alicerçada no poder da mente, nas antigas idéias do New Thought, volta à ordem do dia. O principal

> exemplar desta retomada é O segredo (2007), da australiana Rhonda Byrne, inicialmente um filme produzido nos EUA.[45]

Recomendo fortemente a leitura do artigo de Monica Marques (citado nas referências), mas creio que já é possível perceber a grande semelhança com a teologia da prosperidade. Ademais, creio que o leitor já pode correlacionar essas ideias com o que muitos *coachs* – cristãos ou não – estão ensinando e vendendo hoje. John Haller Jr. analisou de maneira contundente o movimento ao afirmar que "O Novo Pensamento representava uma disposição mental que classificava emoções e intuição como iguais a razão e experiência"[46]. Essa parece a descrição de muitas pregações e palestras ministradas em igrejas que estão surfando na onda do *coaching*. Pablo Marçal, por exemplo, entendeu esse apelo emocional que vivemos e ensina que a sabedoria para gerar riqueza está na emoção, não na razão[47]. Marçal interpreta Eclesiastes 10.2 (AA), o qual diz que "o coração do tolo o inclina para esquerda", através da neurociência, afirmando que o lado esquerdo do cérebro é o lado da razão, enquanto o lado direito é o da emoção. Todo esse ensino está enraizado no movimento do Novo Pensamento. Marques resumiu as semelhanças entre teologia da prosperidade e TC da seguinte forma:

> A teologia da prosperidade e a autoajuda mentalista partilham da crença de que pensamentos ou palavras são capazes de transformar o mundo ao redor e ensinam procedimentos, pretensamente, capazes de submeter a realidade externa aos desejos humanos. Estes procedimentos acabam por acentuar a importância desta mesma realidade. Estamos, provavelmente, diante de ecos do Novo Pensamento, especialmente relevantes em um contexto em que o sucesso material é algo tão destacado, a ponto de se tentar negar a independência das coisas em relação ao sujeito que as deseja.[48]

Fiz questão de usar o trabalho acadêmico de Marques para que você compreenda que essa semelhança não está sendo armada ou forçada pelos autores deste livro. Aqui temos o exemplo de uma pós-doutoranda da Universidade de São Paulo (USP) – na época da publicação do artigo – que

fez uma pesquisa sociológica sobre a origem desses movimentos. Não se trata apenas de um jogo de palavras para chamar a atenção e vender livros. Não se trata de uma birra com outros pregadores. Trata-se de uma análise séria nas áreas sociológica, histórica e teológica. Estamos afirmando, seriamente, que teologia da prosperidade e teologia do *coaching* são irmãs do mesmo pai. E, mesmo não sendo gêmeas, a caçula tem muitas semelhanças com a irmã mais velha.

Conclusão

Espero que este capítulo tenha aberto seus olhos para o que é a teologia do *coaching* e por que estamos alertando acerca de seu perigo e da semelhança com a teologia da prosperidade. Abaixo, essas semelhanças estão dispostas de maneira ainda mais didática.

	Teologia da Prosperidade	**Teologia do Coaching**
Principal alvo diante de Deus	Riqueza e a saúde física	Riqueza e saúde emocional
Meio para atingir o alvo	Fé, palavras positivas e dízimos/ofertas	Fé, pensamentos positivos e emoções equilibradas
Como o pregador é visto	Autoridade ungida por Deus e inquestionável.	Guru que detém o método correto para o sucesso

Meu desejo é que você conclua a leitura destas páginas consciente de que precisamos lutar contra essa abordagem que tem invadido igrejas e enfraquecido púlpitos. Espero que, se você for adepto dela, haja arrependimento por ter propagado essa mensagem centrada no homem e em seus desejos idólatras por prosperidade. No próximo capítulo, apresentarei

como a TC difere, teologicamente, da teologia da prosperidade e por que considero, em alguns pontos, a TC pior que a teologia da prosperidade.

3. O DEUS CARENTE E LIMITADO DA HIPERGRAÇA: OS PROBLEMAS TEOLÓGICOS DO ANTROPOCENTRISMO DE PALCO

Mistério, doutrina e heresia. Essas estão três palavras dignas de nossa atenção neste capítulo. Os ombros largos de Alister McGrath serão meu apoio para trabalhar os três conceitos e aplicá-los a uma crítica teológica da teologia do *coaching* (TC). Essa abordagem, definida no capítulo anterior, merece ser chamada de herética? Isso é o que veremos. Antes, é fundamental entender a relação entre fé cristã e mistério. Visualize a vida cristã como uma experiência de fé em Deus, relacionamento com Deus e vida transformada por Deus. É isso que ela é. E ela acontece por meio da revelação de Deus que permite experimentá-lo e compreendê-lo.

Agora, atente-se: experimentar Deus e compreender Deus são vivências diferentes. Por exemplo, você pode experimentar a salvação pela graça e sentir a paz e a transformação de Deus em sua vida. Essa é a experiência. Como isso ocorreu? Como Deus alcançou e transformou você? Você pode encontrar algumas respostas na revelação escrita de Deus, mas não pode compreender tudo. Essa é a compreensão limitada que temos, não por alguma incapacidade didática de Deus, mas pelos limites da nossa mente para conhecer o transcendente. É entre a experiência e a compreensão que mora o mistério. McGrath o define como “alguma coisa tão grandiosa que não pode ser captada pela mente humana”[49]. É a partir desse conceito que entendemos o papel da doutrina.

Podemos pensar em doutrina como um conjunto de conceitos que visam à compreensão de determinado objeto. A doutrina tem sua base em

uma fonte de informação e serve para ensinar sobre o objeto em questão. A doutrina cristã, por exemplo, é o conjunto de crenças e conceitos sobre o cristianismo, tendo como base a revelação de Deus, com o objetivo de ensinar a fé cristã. Quando falamos de Deus e do cristianismo, a doutrina se torna serva do mistério. Seu papel é o de preservá-lo. Ela faz isso ao compreender, defender e propagar a revelação e ao estabelecer os limites dessa compreensão, defesa e propagação. A doutrina preserva o mistério ao torná-lo mais acessível e ao protegê-lo de cegas especulações e afirmações.

Aqui, convém citar a definição de heresia de McGrath: "Uma heresia é uma doutrina que no final acaba destruindo, desestabilizando ou distorcendo um mistério, em vez de preservá-lo"[50]. Creio que isso acontece de duas maneiras. A heresia pode ser produzida por falta de conhecimento ou pela extrapolação do conhecimento. Um herege pode desconhecer a revelação ou compreendê-la erroneamente. Pode também ser herege aquele que vai além do que é possível conhecer. Muitas vezes, as duas práticas andam juntas. A doutrina ariana, por exemplo, não respeitou o mistério entre monoteísmo e divindade de Cristo. Os arianos tentaram extrapolar o conhecimento revelacional para explicar essa tensão e erraram ao não compreender, pelo texto sagrado, que Jesus possui a mesma identidade divina do Deus eterno e criador.

> A teologia cristã tenta lançar uma rede envolvente e protetora sobre a experiência cristã fundamental da revelação e ação de Deus na vida, morte e ressurreição de Jesus de Nazaré. As declarações doutrinais foram desenvolvidas para preservar e defender o núcleo da visão cristã da realidade. Esse processo, já em curso no NT, foi consolidado e estendido durante a era patrística. Mas, e quando sobre uma declaração doutrinal, cujo primeiro objetivo era defender e preservar — e, no princípio, acreditava-se funcionar assim —, descobre-se que, na verdade, ela enfraquece e corrompe?[51]

Quando os principais mistérios da revelação de Deus são mal explicados ou extrapolados, há um grave problema teológico. Portanto, quando temos uma doutrina que, em vez de proteger o núcleo da fé cristã, o corrompe, temos uma heresia. Qual é esse núcleo? Existem outros pontos importantes, mas resumo o núcleo das verdades do cristianismo em três doutrinas centrais: doutrina de Deus, doutrina do homem/pecado e doutrina da salvação. Cada

uma delas é responsável por esclarecer, biblicamente, mistérios importantes em suas respectivas áreas. Quem é Deus? Quem é o homem, e o que é pecado? Como Deus salva pecadores? Heresias são ensinos que pervertem essas respostas de caráter tão central para a fé cristã.

Neste capítulo, quero mostrar que a TC corrompe essas três áreas centrais da teologia cristã. Ela erra na sua construção sobre quem Deus é, em sua visão sobre o homem e o pecado e ao não entender como a salvação se manifesta na vida daquele que foi chamado por Deus. Detenho-me mais nos aspectos sobre Deus e salvação e deixo a questão do homem e pecado para ser tratada nos próximos capítulos, que discorrem sobre verdadeiro discipulado e vida cristã. Meu foco está nas distorções que a TC provoca nas doutrinas da Trindade, da soberania de Deus e da salvação pela graça.

O Deus carente da teologia do coaching

Não perderei tempo citando novamente as frases marcantes de alguns pregadores que foram citadas no capítulo anterior. Se você já o leu, perceberá que há uma tendência, na TC, de dizer que Deus é emocionalmente incompleto. Logicamente, os pregadores não usam essas palavras, mas aquilo que pregam aponta para um tipo de divindade carente, o Deus que tem em nós o seu ponto fraco ou o Jesus que centraliza sua vida divina em nós, meras criaturas, a ponto de pecar no Éden, se fosse preciso, para estar num relacionamento conosco. Esses discursos e descrições emocionados tratam Deus como alguém entorpecido por um amor platônico que precisa ser urgentemente correspondido. A teologia do *coaching* constrói um Deus emocionalmente carente a fim de suprir as carências emocionais do homem. Em muitos púlpitos, Deus parece um adolescente apaixonado, não o Senhor perfeito em glória, amor e sabedoria.

Esse é o primeiro motivo para classificarmos a TC como heresia. Ela perverte a doutrina do ser de Deus. Ela oferece uma resposta inaceitável para a pergunta “Quem é Deus?”. Não apenas isso, mas também, através desse ensino, levanta uma enorme contradição teológica. Pensemos juntos: se Jesus é centrado em mim, então ele é centrado em alguém imperfeito; centrando-se em alguém imperfeito, ele não pode ser perfeito, porque

centrar-se em algo imperfeito já é marca de imperfeição. E, se Jesus não é perfeito, como ele pode satisfazer o meu coração por completo? Como Jesus pode tornar você perfeito se ele mesmo não é perfeito? Se Jesus se tornasse um pecador para se relacionar comigo, de que serviria esse relacionamento para mim? Não faz sentido. Pintar um Jesus centralizado em mim (incompleto e imperfeito) e dizer que esse Jesus pode me satisfazer emocional e espiritualmente são duas afirmações antagônicas.

Vamos usar termos bíblicos: 1João 4.8, 16 afirma que Deus é amor – o que é uma verdade maravilhosa! A Bíblia não diz simplesmente que Deus ama ou que possui amor, mas que ele é amor. Deus é o próprio amor, a definição do perfeito amor, a régua para medir o amor, a fonte de amor. Agora, pense novamente: se você é o ponto fraco de Deus e ele faria de tudo por você, inclusive pecar, então Deus precisa do seu amor. Se você é o centro do coração de Jesus, então Jesus precisa da sua reciprocidade. E, se Deus precisa do seu amor, logo, ele mesmo não pode ser amor. Um Deus carente de amor não pode ser a definição de amor perfeito, a fonte do supremo amor. Se Deus não é amor, então ele não pode amar você da forma perfeita que satisfaz a sua alma. Muitos ministros do *coaching* gostam de pregar que Deus é amor, enquanto esvaziam essa verdade diante dos ouvintes quando falam de um Deus carente de amor humano. Há uma contradição herética sobre o ser de Deus nessa teologia.

Mas aqui está a boa notícia de uma teologia saudável e bem desenvolvida ao longo da história da igreja (espero que você leia minha empolgação em cada exclamação deste parágrafo): Deus é, misteriosamente, perfeito e completo! Deus é, misteriosamente, amor! E sabe qual doutrina explica e preserva esse mistério com uma beleza incrível? A doutrina da Trindade! Deus só é perfeito e completo porque é trino! Deus só pode ser amor, definição do perfeito amor e fonte do supremo amor porque é trino! Olhemos, a seguir, para a verdade dessas afirmações a partir das escrituras com a ajuda de dois grandes teólogos trinitários: Agostinho de Hipona e Ricardo de São Vitor.

Trindade, o Deus completo da teologia cristã

A visão mais alta e perfeita que podemos ter de Deus é a Trindade. É isso que ele é. Enxergar a Deus de qualquer forma diferente é perder, em alguma escala, o senso de sua grandeza, beleza e perfeição. Deus é Pai, Filho e Espírito Santo. Todas essas três pessoas são plenamente Deus enquanto há um só Deus. É nesse mistério entre unidade e pluralidade em Deus que nos maravilhamos e encontramos o ser perfeito e o amor perfeito. Deus é amor porque Deus é completo em si mesmo e é completo em si mesmo porque é Trindade.

Agostinho nos auxilia a entender melhor esse ponto ao focar nos relacionamentos trinitários. Sua obra clássica *A Trindade* parte da substância divina, diferentemente da tradição anterior, que tinha como ponto de partida a pessoa do Pai. Seu foco, portanto, foi a unidade da Trindade, ao demonstrar que essa unidade se dá por todos eles compartilharem a mesma substância divina. Por outro lado, mesmo que de forma secundária, Agostinho também tratou das distinções trinitárias. Onde estariam essas distinções? Em suas relações uns com os outros. Para Agostinho, eles são o que são em relação ao outro. O autor afirma claramente que Pai, Filho e Espírito são três e explica que não podem ser três Pais ou três Filhos ou três Espíritos.[52] Isso porque suas relações de origem indicam suas identidades e distinções. Leia, com atenção, o que ele diz sobre Pai e Filho.

> Entretanto, porque o Pai só é chamado Pai por ter um Filho; e o Filho só é assim chamado por ter um Pai, essas relações não emanam da substância, pois cada uma das pessoas não é mencionada em relação a si mesma, mas sim em relação à outra e entre si reciprocamente. Contudo, não é uma relação acidental, porque o ser Pai e o ser Filho é neles eterno e imutável.[53]

O ponto é: Pai e Filho só existem como pessoas distintas por causa de suas relações. Se a Trindade é eterna, essas relações também são – e precisam ser – eternas e imutáveis. Um pouco mais à frente, Agostinho adiciona o Espírito Santo a esse raciocínio, mas sua ideia de relações eternas numa unidade perfeita já foi estabelecida. Pai, Filho e Espírito sempre existiram como pessoas que se relacionam umas com as outras. Alguns textos bíblicos

apontam para essa verdade: “Antes que os montes nascessem e tu formasses a terra e o mundo, de eternidade a eternidade, tu és Deus” (Sl 90.2) e “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus” (Jo 1.1,2).

Esses dois trechos são suficientes para entendermos que Deus é eterno e que as relações trinitárias também são eternas. No prólogo de João, o Verbo (ou a Palavra, ou logos) do verso 1 é identificado como o unigênito de Deus nos versos 14 e 18. No restante do livro, esse filho unigênito é identificado como Jesus, ou seja, Jesus é o filho eterno de Deus, segundo João. Aquele que sempre existiu e sempre se relacionou em intimidade com o Pai. É exatamente por isso que o mesmo João escreve que Deus é amor. “Amados, amemos uns aos outros, pois o amor procede de Deus. Aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor” (1Jo 4.7,8).

O verso 8 afirma que Deus é amor, e o verso 7 diz que Deus é a fonte do amor. Neste momento, Agostinho nos dá sua segunda contribuição: de acordo com ele, o amor supõe alguém que ame e alguém que seja amado. Amor só existe quando existe relação. “O que é, portanto, o amor, senão uma certa via que enlaça dois seres, ou tenta enlaçar, a saber: o que ama e o que é amado?”[54]. João e Agostinho concordam que Deus só pode ser amor porque ele é Trindade. No esquema de Agostinho, o Espírito Santo é o vínculo de amor entre Pai e Filho[55], formando a analogia trinitária do amor entre o que ama (o Pai), o que é amado (o Filho) e o amor (o Espírito Santo). É nesse sentido que Agostinho entende Deus como um ser completo em amor.

No século 12, o teólogo medieval Ricardo de São Vitor desenvolveu um pouco mais esse conceito de Trindade e amor de Agostinho. Seu argumento é mais refinado e esclarece nosso assunto. Numa mistura de teologia trinitária agostiniana e capadócia, Ricardo descreveu a Trindade como uma comunhão perfeita em amor entre as três pessoas. Seu passo para além de Agostinho foi em relação ao Espírito Santo. Ele seria não mais o vínculo de amor entre Pai e Filho, mas uma terceira pessoa necessária para que o amor em Deus fosse o perfeito amor-caridade. Ricardo chamou o Espírito de “o co-amado”.

Quatro argumentos desse teólogo nos interessam. O primeiro é que Deus é o supremo bem e, portanto, precisa ser o supremo amor, como a Bíblia afirma. Ele diz: “o amor verdadeiro e mais elevado não pode estar ausente onde se encontra a plenitude de toda a bondade, pois nada é melhor ou mais perfeito que o amor-caridade”[56]. Ricardo consente com João e Agostinho. Seu segundo argumento permanece na linha agostiniana, pois afirma que o amor-caridade só existe numa pluralidade de pessoas. Para ser amor-caridade, é preciso se estender ao outro[57].

No entanto o terceiro argumento de Ricardo é o mais significativo na análise da teologia do *coaching*. Para ele, o Deus eterno e perfeito não pode ser amor em uma relação de amor com uma de suas criaturas. Isso causaria o que Ricardo chama de “caridade desordenada”. Essa desordem é causada pela diferença entre o ser que ama e o amado. Uma criatura não pode amar a Deus de forma plena e perfeita como Deus a ama. Nesse sentido, a relação de amor não seria a maior, mais plena e mais perfeita relação existente.

> Talvez alguém possa objetar: mesmo que houvesse uma única pessoa na própria divindade, nada a impediria de ter um amor-caridade voltado para uma de suas próprias criaturas - de fato, certamente o teria. Contudo, [essa divindade] não poderia conceber supremo amor-caridade em relação a uma pessoa criada. O amor-caridade expresso por ele, que ama supremamente alguém que não deveria ser supremamente amado, seria um amor de caridade desordenado. E é impossível que o amor-caridade desordenado seja encontrado nessa bondade altamente sábia.[58]

É importante compreender esse pensamento. Ricardo não está dizendo que Deus não deve ou não pode amar suas criaturas. Seu argumento é que Deus só pode ser amor se ele mesmo estiver numa relação de pleno amor. Assim, um amor entre criador e criatura não é perfeito, porque a criatura não pode amar divinamente – e essa relação desnivelada é incapaz de ser portadora da essência do amor. Em outras palavras, Ricardo afirma que Deus apenas pode ser amor se houver relação de amor nele mesmo. Somente Deus pode satisfazer amorosamente Deus. Deus é amor e é completo em si mesmo porque existe relação do pleno amor divino nele mesmo. Ricardo explica

que “para que a plenitude do amor-caridade resida na verdadeira divindade, a pessoa divina precisa estar unida com outra pessoa de mesma dignidade, portanto, também divina”[59]. A partir desse pensamento é que Ricardo explora seu quarto argumento, o de que precisa haver pluralidade de, no mínimo, três pessoas na Trindade para que o amor não seja egoísta e, consequentemente, imperfeito.

Essa parte pode aparentar ser filosófica demais. Por isso, vamos para a Bíblia e, logo após, para as aplicações sobre a teologia do *coaching*. Tudo o que Agostinho e, principalmente, Ricardo estavam querendo dizer é que Deus é suficiente em si mesmo. Se ele é amor (1Jo 4.8,16), é imutável (Sl 102.25-27) e é eterno (Sl 90.2), então sabemos que, desde a eternidade passada, Deus é amor. Isso implica em que, desde sempre, Deus existiu como Pai, Filho e Espírito Santo numa relação de pleno e perfeito amor. Deus sempre foi suficiente em si mesmo. É bonito quando olhamos para o Evangelho de João e vemos como Pai e Filho se amam e buscam a glória um do outro e como o Espírito atua para engrandecer essa união de amor e também glorificar a ambos.

Em João 3.35 e 5.20, lemos que o Pai ama o Filho e age para demonstrar isso aos homens. Em João 14.31 (ARA), lemos Jesus dizendo: “assim procedo para que o mundo saiba que eu amo o Pai”. Na revelação da Trindade econômica, temos a amostra do amor eterno entre Deus e Deus. A oração do Filho ao Pai em João 17 é o grande exemplo da suficiência de Deus em si mesmo. Deus orou a Deus! “Depois de dizer isso, Jesus olhou para o céu e orou: ‘Pai, chegou a hora. Glorifica o teu Filho, para que o teu Filho te glorifique’” (Jo 17.1). A última frase da prece é: “‘Eu os fiz conhecer o teu nome e continuarei a fazê-lo, a fim de que o amor que tens por mim esteja neles, e eu neles esteja’” (17.26).

O primeiro verso da oração apresenta o propósito mútuo de glorificação entre Jesus e seu Pai. Cada um está buscando glória para o outro. O último verso da oração apresenta o amor mútuo entre Jesus e seu Pai. Cada um ama o outro com perfeito amor, amor esse que transborda para nós. Por essa razão, João pode dizer, em sua primeira carta, que Deus é amor e fonte do amor. Se conectarmos essa oração ao prólogo do quarto evangelho (Jo 1.1), veremos que tal relação existe desde sempre, desde antes da criação. O Espírito, por sua vez, foi enviado para nos ensinar tudo o que

Jesus disse (Jo 14.26), inclusive sobre sua relação com o Pai. Esse Espírito enviado da parte do Filho e do Pai (Jo 15.26) testemunhará sobre tudo isso. É por isso que entendo o Espírito como uma outra pessoa nessa relação de amor (como disse Ricardo), responsável pelo vínculo de amor entre Deus e Deus, Deus e os homens, homens e homens (evocando Agostinho). Que incrível mistério de amor!

Em resumo, desejo que você entenda que Deus não é e nunca poderia ser carente emocionalmente. A Trindade é uma divindade plenamente satisfeita em si mesma, uma comunhão em perfeito amor desde a eternidade. Deus não passou a ser amor quando criou seres para amar. Deus não precisa do nosso amor para ser amor ou para ser mais pleno e feliz. Deus tem tudo o que precisa nele mesmo. Ele não necessita de nenhuma outra glória além da que ele tem em si mesmo como Trindade. Entenda de uma vez por todas porque a TC perverte o mistério da Trindade: pregar que Deus é amor contradiz totalmente a ideia de que Deus precisa do nosso amor ao ponto de nos ter como ponto fraco ou de ter sua vida centralizada em nós.

Dizer que Jesus centraliza sua vida em seres humanos é tão estranho quanto dizer que um ser humano centraliza sua vida em um cachorro – são relacionamentos que não se satisfazem por si só, são amores desordenados. Como Trindade, Deus é centralizado nele mesmo. Por ser Trindade, Deus não tem pontos fracos, não possui carências e não está desesperado por ninguém. Sim, ele busca por nós. Sim, ele quer nos salvar. Mas não por necessidade, carência ou desespero, mas sim porque escolheu, graciosamente, derramar o seu amor sobre nós. Como Ricardo de São Vitor declarou, nós, meras criaturas, nunca poderíamos preencher o coração de Deus. Mas, infelizmente, é isso que a TC ensina.

Eu prefiro ficar com o Deus amor, pleno, perfeito, eterno, glorioso e autossuficiente da Bíblia. Esse é o Deus capaz de preencher os maiores e mais ocultos vazios do meu coração. É esse Deus Trino que é capaz de ser meu objeto de adoração e me dar uma espiritualidade cheia de significado e propósito de vida. É na Trindade de Agostinho, Ricardo e, principalmente, de João que encontramos o perfeito amor que transborda para nós e nos inunda de salvação, paz e felicidade. O amor do Deus do *coaching* é deficiente e o máximo que pode fazer é dar sensações passageiras de prazer

enquanto o ambiente escuro, a música suave e o discurso antropocêntrico massageiam seu ego. Corra para o amor perfeito da Trindade.

O Deus limitado da teologia do *coaching*

Outro mistério que a teologia do *coaching* perverte é o da soberania de Deus. As afirmações de que Deus não decreta nada, mas apenas faz planos, precisam ser analisadas à luz da Bíblia. Precisamos pensar seriamente no poder de Deus quando escutamos que ele desenha seus planos com um lápis, mas nós temos a borracha que pode apagar os propósitos de Deus. O *coaching*, de forma geral, trabalha com a noção de que o poder de decisão pertence ao homem em sua vida pessoal e profissional. O poder da ação humana é recorrente nos cursos dessa área, com foco na responsabilidade que temos por nossos atos e em como tomar boas decisões é importante. Isso é verdadeiro, mas o problema surge quando a TC copia esses conceitos para aplicá-los em nossa relação com Deus sem nenhuma adequação teológica mais profunda.

Na busca por valorizar o poder da ação e das decisões humanas, a TC tem limitado as ações e decisões divinas. Para dar um senso de responsabilidade ao homem, alguns pregadores têm diluído a soberania de Deus. A pregação que foca no poder humano para destravar destinos e ser digno do que deseja tem amarrado as mãos de Deus nos braços de seu trono. Ou melhor, de sua cadeira. A descrição de Deus, para alguns *coachs* cristãos, não é mais a do soberano Senhor que governa toda a criação, mas a do expectador que idealizou tudo e está assistindo, torcendo para que seu plano dê certo. Deus parece mais um diretor do *Big Brother* – que elabora todo o *reality show*, mas depende das ações dos atores e votações do público – do que o soberano bíblico que governa toda a história e seus participantes de acordo com seus propósitos. Vejamos como alguns teólogos também erraram nesse entendimento e olhemos, biblicamente, para esse mistério entre soberania de Deus e responsabilidade humana.

Yahweh, o Deus soberano da escritura

Como as Escrituras apresentam a soberania de Deus e como essa soberania se relaciona com as ações humanas? Parto dessas perguntas para mostrar que essa questão é uma tensão teológica complexa e que a teologia do *coaching* está desequilibrada ao fazer afirmações como as que citamos anteriormente. Para começar, entenda o centro da tensão: a Bíblia afirma que Deus é totalmente soberano e governa tudo que existe e também afirma que os homens são responsáveis por suas ações voluntárias. O debate sobre como harmonizar essas verdades atravessa toda a história da Igreja e está longe de acabar. Portanto, é necessário ter cautela quando pisamos em campos minados como esse.

O primeiro debate bem documentado sobre a questão ocorreu nos séculos 4 e 5 entre Pelágio e Agostinho[60]. Na tentativa de resolver a questão, Pelágio desequilibrou para o lado do livre-arbítrio e da responsabilidade humana. Sua defesa era que o homem seria capaz de não pecar e cumprir a vontade de Deus sem a necessidade da intervenção divina. Embora acreditasse na necessidade de Cristo e da palavra de Deus para a salvação, Pelágio afirmou que o homem poderia ser salvo sem a ação da graça soberana de Deus. Em resumo, ele entendia que Deus não move as vontades humanas[61] – Deus não intervém nem mesmo na decisão da conversão.

Pelágio foi combatido por Agostinho e outros teólogos. Suas ideias foram negadas e consideradas heréticas nos concílios de Cartago (418 d.C.) e Éfeso (431 d.C.), mas continuaram a influenciar a discussão ao longo do tempo. Logicamente, os erros existiram e existem em ambas as vertentes. Entre os séculos 17 e 19, houve um debate entre os calvinistas sobre o que ficou conhecido como hipercalvinismo. Esse calvinismo deturpado desequilibrava a tensão para o aspecto da soberania de Deus, afirmando que o evangelismo e a pregação de arrependimento e fé não eram importantes, pois os salvos já estariam eleitos e determinados[62].

Embora as duas teorias contenham erros, os equívocos que pendem para o livre-arbítrio humano são maiores. Um exemplo mais recente é o de Clark Pinnock, teólogo canadense falecido em 2010, que lutou com a visão calvinista e passou a afirmar a autonomia humana diante de Deus. Para isso, ele precisou modificar alguns atributos divinos, limitando o conhecimento e as ações de Deus.

> Para Pinnock, temos o direito da escolha contrária, uma vez que não faz sentido afirmar que agimos livremente se, de fato, estamos fazendo aqui que Deus, desde a eternidade, nos predestinou para fazer... Então, ele redefine seu sistema em quatro pontos básicos: rejeição do modelo grego de imutabilidade divina; crença de que Deus não é impassível; Deus não se abstrai do tempo, pois – ao lidar com a história – ele não pode ser atemporal; e reformulação da onisciência de Deus.[63]

Perceba o foco de Pinnock no direito da escolha contrária. Essa é uma linguagem mais técnica para dizer que nós somos a borracha que apaga os planos de Deus. Além disso, Pinnock ensinou que Deus está limitado ao tempo e não conhece o futuro, mas está aprendendo e mudando à medida que agimos e a história acontece. Tais afirmações polêmicas fazem parte da sua teologia do processo e realmente têm sentido dentro de seu conceito estranho de liberdade de escolha contrária. A citação abaixo é um exemplo do que Pinnock ensinou e do que a TC corre o risco de estar propagando por consequência de suas frases de efeito.

> Alta porcentagem dos crentes acredita que Deus sabe todas as coisas, até mesmo o futuro, exaustivamente, em minúcias. Isto significa que tudo quanto você e eu fizermos já foi registrado no livro das coisas que certamente haverão de acontecer. Assim sendo, a ideia de que de fato estamos fazendo escolhas, ponderando ações alternativas, é um erro, uma ilusão. [...] Atos livres não são entidades que podem ser conhecidas antecipadamente. Não existem, literalmente, e por isso não podem ser conhecidos. Deus pode conjecturar sobre o que você fará na próxima sexta-feira, mas não saberá com certeza, porque você ainda não agiu.[64]

Perceba a última frase de Pinnock. Novamente, dizer que Deus pode conjecturar, mas não conhecer o futuro, é semelhante a dizer que ele pode planejar com o lápis, mas nossas decisões contrárias podem apagar. A maioria dos cristãos que conheço não concordaria com Pinnock. Por que, então, essa ideia da TC faz tanto sucesso? A resposta é simples: ela parece

agradável ao nosso desejo pecaminoso por autonomia. Ela é a base daquela ajuda motivacional que você tanto precisa – "só depende de você", "você consegue", "aprenda a pensar e agir e conquiste tudo que você quiser". Mas será que é esse tipo de liberdade que a Bíblia nos apresenta? Onde fica a soberania de Deus?

Em Êxodo 3.14-15, lemos sobre o momento em que Deus se revelou a Moisés pelo nome de Yahweh. Esse é o principal nome de Deus, pelo qual o povo de Israel o conhece como o Senhor soberano. O livro de Êxodo é um registro de que esse Yahweh é o Deus que controla e governa tudo de acordo com os seus propósitos. Vemos Deus controlando a natureza para trazer pragas sobre o Egito e também inclinando o coração de Faraó para cumprir seus propósitos. Vemos o próprio Deus relacionando seu nome com sua soberania: "'Eu os tomarei por meu povo e serei o seu Deus; e vocês saberão que eu sou o Senhor, seu Deus, que os tiro dos trabalhos pesados no Egito. Eu os levarei para a terra que jurei dar a Abraão, a Isaque e a Jacó; darei essa terra a vocês como herança. Eu sou o Senhor'" (Êx 6.7,8) e "O Senhor respondeu: Farei passar toda a minha bondade diante de você e lhe proclamarei o nome do Senhor; terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia e me compadecerei de quem eu me compadecer" (33.19).

Deus estava afirmando que era ele quem faria tudo para tirar seu povo do Egito. Isso só foi possível por seu controle sobre toda a criação. Ele também diz que sua misericórdia é soberana, atuando somente por sua vontade. Outros textos em que o nome de Yahweh também aparece nos guiam para entender sua total soberania sobre tudo que acontece (Dt 32.39, Is 41.4, Is 43.11-13). John Frame afirma que "Yahweh controla todo o curso da natureza e da história para a sua glória e para realizar os seus propósitos"[65]. Alguns outros textos atestam essa verdade e nos garantem que não há borrachas que possam apagar os propósitos divinos, como "Desde o princípio anuncio o que há de acontecer e desde a antiguidade revelo as coisas que ainda não sucederam. Eu digo: o meu conselho permanecerá em pé, e farei toda a minha vontade" (Is 46.10) e "Todos os moradores da terra são considerados como nada, e o Altíssimo faz o que quer com o exército do céu e com os moradores da terra. Não há quem possa deter a sua mão, nem questionar o que ele faz" (Dn 4.35).

É inegável que a soberania de Deus está enraizada nas escrituras. Não haveria sequer história bíblica para contar se não fosse o governo soberano de Deus. Frame afirma que esse governo de Deus é tanto eficaz quando universal[66]. Eficaz porque Deus sempre realizará o seu propósito – novamente, não há borrachas – e universal porque seu governo está sobre tudo – natureza, salvação e vidas humanas. Poderíamos discorrer mais sobre o assunto e citar mais textos, mas, apenas com essa rápida análise, responda-me: você acha mesmo que pode apagar os propósitos de Deus? Você acha que Yahweh é um Deus que depende de nós para o cumprimento dos seus planos? Nenhum cristão deve responder positivamente a essas perguntas.

Abordemos, adiante, a liberdade e responsabilidade humana. Não quero adentrar num debate bíblico e filosófico sobre o livre-arbítrio humano, mas apenas afirmar o outro lado da moeda. A escritura trata o ser humano como alguém que faz escolhas reais e morais, sendo responsabilizado por seus atos. Adão e Eva foram responsabilizados por seus pecados (Gn 3.9-19). Eles não foram só responsabilizados, mas também punidos. Pois suas ações foram más e partiram de uma vontade livre para agir. Da mesma forma, no tempo de Noé, a humanidade foi responsabilizada e punida por sua pecaminosidade. Deus viu que os homens eram maus, ou seja, estavam agindo através de decisões reais para o mal. Além disso, encontramos Deus ordenando que o povo se santifique, se arrependa e creia. Deus nos orienta a tomar decisões reais porque podemos tomá-las! A pregação de Jesus, por exemplo, era “arrependam-se e creiam no evangelho” (Mc 1.15). Não há salvação sem a escolha real de arrependimento e fé.

Há inúmeros textos no Antigo e no Novo Testamento que são ainda mais interessantes e representam bem essa tensão. São trechos em que as duas verdades aparecem juntas sem nenhum problema ou debate. Em Gênesis, vemos todas as ações reais dos irmãos de José e, no final, lemos que foi Deus quem levou José para o Egito (Gn 45.8). Em Levítico 20.7, encontramos Deus ordenando que o povo seja santo, mas, em 22.32, Deus diz que é ele que santifica o povo. Em Filipenses, Paulo orienta os crentes a desenvolverem a salvação com temor e tremor (Fp 2.13) e, logo em seguida, diz que é Deus quem efetua neles o querer e o realizar (2:14). Finalmente, em Atos 27, temos a história mais interessante a respeito dessa tensão no Novo Testamento. Paulo está num navio com perigo de naufrágio, mas ele revela a todos na embarcação que Deus os manteria em segurança (At 27.22-

25). Mesmo assim, guardado pela soberana mão de Deus, Paulo diz que aqueles homens precisavam continuar trabalhando e comendo para que ninguém morresse (27.31,34).

Como entender essa tensão? Como entender o modo como essas verdades caminham juntas? Minha resposta é: não sei. O fato é que a Bíblia trata ambas as verdades como realidades não antagônicas. Percebemos que os autores bíblicos não possuem nenhum problema para escrever sobre essas realidades simultaneamente. Carson produziu uma ótima pesquisa teológica sobre essa tensão. Ele deixa claro que "a tensão soberania-responsabilidade não é um problema a ser resolvido; em vez disso, é uma estrutura a ser explorada"[67]. Não há soluções bíblicas fáceis. Não há como ser simples ao abordar esse grande mistério. A teologia do *coaching* se torna herética ao usar os mesmos conceitos limitantes de Deus de Pinnock. Enfatizar qualquer uma das verdades é cair em sério erro, perverter o sentido da vida cristã e diluir o discipulado cristão.

Há uma beleza gloriosa em saber que nossas ações são reais enquanto são guiadas por Deus. Em 2019, compartilhei um vídeo em meu *Instagram* para ilustrar essa tensão. Nele, meu filho de 1 ano empurra seu carrinho com a mão[68]. Ele não tem força suficiente para deslocar o carrinho, mas minha mão está junto com a dele empurrando e guiando o carro tanto quanto ele mesmo. Ele está realmente empurrando o carro, mas eu estou empurrando junto e o capacitando a agir. Assim é nossa relação com Deus. Quando afirmamos que podemos apagar os propósitos de Deus, perdemos nossa segurança de que ele cuida de nós. Perdemos a esperança de que ele nos guarda. Perdemos o consolo de que tudo coopera para o bem daqueles que amam a Deus e foram chamados segundo o seu propósito (Rm 8.28). A possibilidade de sermos a borracha de Deus apaga nossa própria vida e esperança cristã. Eu prefiro colocar a mão no lápis e saber que sobre ela está a mão de Deus governando tudo o que faço, mesmo que eu não entenda plenamente como isso funciona.

A hipergraça da teologia do *coaching*

Outra doutrina que tem sofrido nas mãos de alguns pregadores da TC é a da graça de Deus. A soteriologia bíblica tem sido reformulada e distorcida por

um novo movimento que se diz defensor do verdadeiro entendimento sobre a graça de Deus, o perdão e a santificação que ela oferece. No Brasil, ele ainda não ganhou força como nos países de língua inglesa, mas já vem surgindo em alguns púlpitos, principalmente em igrejas mais modernas. Atualmente, creio que Victor Azevedo seja o mais notável pregador desse movimento teológico chamado de hipergraça. Meu objetivo não é levantar uma resposta, como foi feito para os dois problemas abordados anteriormente. Por se tratar de algo novo, quero gastar meus últimos parágrafos apresentando esse novo entendimento problemático sobre a graça. Para isso, farei um pequeno resumo de um dos capítulos do livro *Hyper-grace: Exposing the Dangers of the Modern Grace Message*, de Michael Brown.

Quando Brown escreveu essa obra, ele estava preocupado com os erros doutrinários do movimento, que tem se identificado como uma reforma da graça ou uma revolução da graça – o qual o autor denomina hipergraça ou graça moderna. Para ele, o pastor americano Clark Whitten é um dos principais propagadores do movimento. No livro de Whitten, Pure Grace: The Life Changing Power of Uncontaminated Grace, encontramos afirmações polêmicas sobre o que ele pensa ser essa nova reforma da graça. Brown destaca as críticas que Whitten faz aos reformadores: para este, Lutero e Calvino acertaram quando falaram acerca da justificação e de como somos salvos, mas erraram ao falar sobre santificação e como pessoas são aperfeiçoadas à imagem de Cristo[69]. Ele vai ainda mais longe ao dizer que a visão reformada da graça em relação à santificação é uma religião, não o cristianismo real – trata-se de um negócio lucrativo de modificação de comportamento e administração de pecados que só será corrigido com uma segunda reforma[70].

Citado por Brown, John Crowder é outro defensor da hipergraça. Suas declarações também são controversas e pintam os reformadores como não reformados o suficiente em relação à graça.

> O que estou dizendo aqui é um dos princípios mais revolucionários da cristandade. Estou pregando uma reforma mais clara do que foi pregada 500 anos atrás. Martinho Lutero, você não foi longe o suficiente. Deus não apenas cobriu seus pecados; Ele apagou a pecaminosidade de

> você... As boas novas serão pregadas com tanta clareza que até os dias de Lutero parecerão totalmente primitivos em seus conceitos de graça e fé.[71]

Repare no que é dito sobre graça e perdão dos pecados. Crowder afirma que não há apenas perdão dos pecados, mas que Deus apaga a pecaminosidade daquele que se converte. Esse é um bom resumo da hipergraça. O movimento tem ensinado que a obra de Cristo por meio da conversão já nos leva ao estado de perfeição, no qual todos os crentes já assumem uma posição de plena santidade, negando a necessidade de práticas como a confissão de pecados e arrependimentos. Brown ainda cita outros autores e pastores e resume o movimento nas seguintes palavras:

> Simplificando (e para usar algumas das palavras do pastor Whitten), se você ensina que somos salvos pela graça de Deus através da fé, e que agora como crentes somos chamados por Deus a andar de modo digno de nossa salvação e buscar a santidade de coração e vida – em outras palavras, para trabalhar no processo contínuo de santificação – você está pregando "modificação de comportamento", está no (lucrativo!) "negócio de gerenciamento de pecados", está propagando a mesma "mentira espiritualmente assassina" que Lutero e Calvino propagaram e você precisa receber a grande e nova revelação dessa grande e nova reforma, a revolução da graça.[72]

A acusação é realmente grave, e a resposta é teologicamente ainda pior. Você já deve ter escutado algo como “você já é perfeito como Jesus é perfeito”, ou “você é a própria justiça de Cristo”, ou “você não precisa melhorar”, ou “não temos mais as marcas do pecado” vindo de alguns pregadores brasileiros. Não posso afirmar que eles têm o mesmo espírito ultracrítico contra a visão reformada da graça, mas seus ensinos vão diluindo a necessidade da santificação progressiva e da luta ativa contra o pecado. Enquanto a Bíblia diz que precisamos desenvolver a salvação com tremor e temor (Fp 2.12) e crescer na graça (2Pe 3.18, Ef 4.15), a hipergraça prega o contrário. Negam até o que Paulo afirmou aos Filipenses: “O que eu quero é conhecer Cristo e o poder da sua ressurreição, tomar parte nos seus

sofrimentos e me tornar como ele na sua morte, para, de algum modo, alcançar a ressurreição dentre os mortos. Não que eu já tenha recebido isso ou já tenha obtido a perfeição, mas prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus. Irmãos, quanto a mim, não julgo havê-lo alcançado, mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que ficam para trás e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus" (Fp 3.10-14).

A lista de textos que nos orientam a lutar por santidade e crescer em maturidade cristã ainda é enorme, mas encerro a fim de me manter apenas nessa apresentação inicial. A bíblia é clara sobre como ainda lutamos com o pecado aqui e agora, sobre como ainda não somos perfeitos e como os efeitos do pecado ainda atuam sobre nós. Brown tem mais algumas afirmações que nos ajudam a entender melhor a hipergraça.

> Um dos fundamentos da mensagem da hipergraça é o que Deus já perdoou todos os nossos pecados, ou seja, pecados passados, pecados presentes e pecados futuros. De fato, somos informados de que Deus nem vê os pecados que cometemos, pois Ele nos vê como completamente santificados e santos em Seu Filho.[73]

Perceba que essa é uma meia verdade ou, para usar a linguagem que estamos adotando neste capítulo, é a afirmação de uma parte do mistério em detrimento de outra. Realmente somos santificados em Jesus quando nos convertemos. Somos separados para ele e plenamente justificados. Mas o mistério se desenrola na necessidade de santificação progressiva e na luta para vencermos o pecado do qual já estamos justificados. Algumas vezes, esse entendimento desequilibrado leva alguns a negarem a necessidade de confissão de pecados e pedido de perdão[74]. A falha é, mais uma vez, não unir duas verdades bíblicas: Deus já nos perdoou em Cristo e continua nos orientando ao arrependimento e à confissão de pecados. O mistério da salvação e santificação precisa ser mantido em equilíbrio – tarefa que a hipergraça tem falhado em realizar. Aqui, entendemos, em parte, como a teologia do *coaching* distorce a visão sobre homem e pecado. Ela dilui a

realidade do pecado no momento presente e torna o homem em algo que ele ainda não é por completo.

É por isso que Brown define a pergunta mais importante no debate sobre esse movimento da seguinte forma: somos completamente santificados ou não? A resposta da hipergraça pode ser resumida no que Crowder escreveu: "no momento que você decide fazer algo para ser santo, você confiou em você mesmo para salvação, em vez de confiar em Cristo"[75]. A ênfase de Crowder em seu livro é que santidade não é um processo, e esse é o grande erro da hipergraça. Ele é escatológico. É não entender o progresso escatológico da salvação, que só chegará à sua plenitude na glorificação. A hipergraça antecipa a realidade glorificada e pula etapas. Concordo com as seguintes afirmações de Brown sobre santificação[76]:

1. No momento em que nascemos de novo somos separados como santos para o Senhor.
2. Desse momento até o dia de nossa morte somos chamados por Deus para crescer em santidade com sua ajuda e capacitação.
3. Quando somos ressuscitados, seremos feitos santos perfeitos para sempre.

Em síntese, "nós fomos santificados, estamos sendo santificados e seremos totalmente santificados"[77]. A hipergraça nega essas verdades bíblicas ao eliminar o segundo ponto e todas as suas implicações para o discipulado e a vida cristã. Ela elimina justamente o ponto em que Deus tem participação ativa e nos deixa à vontade para vivermos relaxados numa graça que parece extremamente forte, mas foi melhor definida por Bonhoeffer como graça barata. Alguns pregadores usam esse tipo de ensino para falar aquilo que pessoas emocionalmente destruídas ou carentes gostariam de ouvir. Num mundo cada vez mais individualista e egocêntrico, o remédio para emoções doentes está sempre no pensar em si mesmo da maneira mais superior e perfeita possível. A hipergraça oferece esse afago no ego e torna a pregação emocionalmente mais atraente.

Para exemplificar, essa é uma prática muito presente entre jogadores de futebol. Existe um tipo de "outro evangelho" muito popular nesse meio, o evangelho motivacional. É aquele em que redenção significa Deus se importar com minha carreira e recompensar meu trabalho duro para crescer

nela. É o evangelho das frases motivacionais como “nunca foi sorte, sempre foi Deus” ou “Deus no controle”, repetidas como mantras diante das dificuldades do esporte e das vitórias e derrotas. É o evangelho reduzido, que pouco se aplica a outras esferas da vida.

Essa é a tal vida cristã que nada diz sobre santidade, adoração ou missão. É o evangelho de “cristãos” que vivem e têm prazer no pecado, mas recorrem a Deus como motivação para continuar trabalhando. É a escatologia do sucesso, dos títulos e de jogar na Europa. Em resumo, esse evangelho é a fé da teologia do *coaching*. Daquela que alimenta o ego de estrelas e dá tapinhas nas costas de seus pecados. É aquela dos pregadores que são gurus de jogadores. É a fé sem obras sobre a qual alerta Tiago – sem vida, apenas motivação barata.

Em outubro de 2020, o Santo Futebol Clube planejou e chegou a acertar a contratação do atacante Robinho. Houve, então, uma grande polêmica entre torcedores, jornalistas, admiradores do esporte, cristãos e não cristãos. Robinho estava (e ainda está, até o momento de finalização deste capítulo) sendo julgado por estupro. A investigação encontrou provas em áudios de que ele é realmente culpado e ele foi condenado pela justiça italiana. Diante de tudo isso, a postura de Robinho assusta. Ele, que se diz cristão, fez um pronunciamento sobre como tem sido perseguido e que essa é uma provação de Deus. Robinho trata o crime de estupro como mais uma situação de vencer na vida e superar a provação. Ele se apoia em Deus e no evangelho para melhorar sua imagem profissional. É simplesmente hediondo. É uma consequência terrível do evangelho motivacional da teologia do *coaching*.

É esse tipo de “evangelho” que faz jogadores criminosos usarem Deus como motivação para negar seus atos e "superar" uma investigação criminal bem convincente. É esse tipo de redenção que não trata de pecado, mas de fracasso profissional. E sabe de uma coisa? Tragicamente, esse “evangelho” está em muitas igrejas, produzindo discípulos à imagem de Robinho. Não necessariamente estupradores, mas adoradores de si mesmos e de suas carreiras. Cegos para pecados e arrependimento. Cegos pela hipergraça.

O discurso pode ser bonito e sedutor, mas é mentiroso. Nesse sentido, a hipergraça se parece muito com as falas motivacionais e promessas incríveis de muitos *coachs* de auditório. Esse é mais um dos graves problemas teológicos da TC e, juntamente com os dois anteriores, formam um grupo de ensinos heréticos que diluem nossa visão de Deus, da salvação e, consequentemente, da vida cristã. A ortopraxia cristã é pervertida pela heterodoxia da teologia do *coaching*.

Conclusão

Encerro este capítulo com três observações importantes. A primeira diz respeito aos problemas teológicos de que acabamos de tratar. Lembre-se que a teologia do *coaching* não é um sistema teológico bem organizado. Trata-se de um tipo de abordagem com o elemento comum da centralização do homem ao dizer que ele é capaz em poder e importante em valor. Nessa abordagem, pregadores diferentes têm usado conteúdos e doutrinas diferentes. Esses problemas teológicos não foram apresentados como se todos eles estivessem em todos os pregadores da TC, mas são os três principais erros teológicos que identifiquei em meio aos principais representantes dessa abordagem.

Aliado a essas questões específicas está uma hermenêutica deficiente e, algumas vezes, desonesta. Textos são usados fora de contexto e, muitas vezes, completamente distorcidos para falar aquilo que nunca falaram. Esta é minha segunda observação: a TC depende de uma interpretação bíblica que empurra os pressupostos do *coaching* de auditório para dentro do texto bíblico. É uma abordagem que nasce da necessidade de unir *coaching* e teologia bíblica, forçando esse casamento de maneira irresponsável e ignorante. Alguns teólogos estão mais preocupados em encontrar o *coaching* na Bíblia do que em encontrar princípios bíblicos no *coaching*. Abandonam a exegese pela *eisegese*. Trocam a intenção original do autor bíblico pela intenção dos gurus do *coaching*. Um conteúdo mais elaborado sobre hermenêutica está fora do propósito deste livro, mas, se você é um cristão em busca de uma fé saudável, busque aprender uma hermenêutica bíblica saudável. Procure fazer a interpretação que respeita o texto ao somente retirar significado, não adicionar.

Hermenêuticas ruins estragam púlpitos. E púlpitos estragados estragam a vida da igreja. Minha última observação é sobre como esses problemas teológicos e toda a abordagem da TC causam estragos na vida dos crentes que ouvem tais ensinos. Não finalize a leitura deste capítulo achando que se trata apenas de teologia em seu sentido teórico e abstrato. Não ache que isso tudo é uma picuinha de ideias que não reverberam no mundo real, no dia a dia da fé cristã. Saiba que toda teologia é prática. Lembre-se de que nosso entendimento sobre Deus, homem, pecado e salvação definem nossa visão de mundo e prática de vida. Atente para o fato de que os seus amores dizem quem você é de verdade. O que a teologia do *coaching* tem ensinado você a amar? Você mesmo? Uma versão carente e limitada de Deus? Todas essas questões são muito sérias e devem ser tratadas e lidas com cuidado. Minha parte neste livro foi apresentar a você a realidade da teologia do *coaching* e a necessidade de combatê-la. A seguir, Yago e Guilherme mostrarão como a vida cristã deve ser realmente vivida. Preste atenção em como a teologia saudável promoverá um discipulado saudável. Deixe que o restante do livro use essa treta necessária para abençoar e transformar sua prática cristã.

Qual religião do mundo produz mais felicidade? A religião da adoração própria é a melhor — enquanto dura.
Tenho um conhecido com cerca de oitenta anos de idade que passou a vida toda imerso em egoísmo e vaidade e é, mais ou menos — lamento dizer — um dos homens mais felizes que conheço. [...] Como você talvez saiba, eu nem sempre fui cristão. E não procurei a religião para ser feliz. Eu sempre soube que garrafa de vinho do Porto bastava para isso. Caso você queira uma religião para se sentir muito confortável, eu certamente não recomendo o cristianismo. Tenho certeza de que deve haver um artigo norte-americano no mercado por aí capaz de atendê-lo muito melhor [...]

C. S. Lewis, *God in the Dock*, 1970

PARTE 2 - O CUSTO QUE NÃO ENSINAM A CALCULAR

4. TOME A SUA CADEIRA ELÉTRICA E SIGA-ME: O CHAMADO RADICAL DO DISCIPULADO

Um dos questionamentos que mais escutei quando trabalhei por dois anos como missionário, principalmente servindo em núcleos de evangelismo estudantil na missão GAP, em Fortaleza, era o seguinte: “O que eu tenho que fazer para ser crente?”. Essa era uma dúvida recorrente, mesmo depois de o evangelho ter sido exposto e o caminho da cruz ter sido pregado. Se alguém lhe fizesse essa pergunta, qual seria sua primeira resposta? É provável que a solução que apresentaríamos seria algo como uma oração para aceitar a Jesus ou um convite para ir à igreja. Muitas vezes, não entendemos que, quando Jesus explica a respeito do que devemos fazer para segui-lo, ele não usa terminologias que são familiares ao nosso vocabulário religioso. Ele usa linguagens que, por serem tão fortes, nos incomodam, e, por serem tão profundas, ignoramos e batalhamos para não levar a sério como deveríamos.

A escritura constantemente fala a respeito do que fazemos para encontrar Jesus, utilizando expressões que remetem à morte – em nível metafórico e, muitas vezes, em nível literal. Quando a escritura fala sobre a ida até Jesus, ela sempre lança mão de uma linguagem de renúncia desta vida que torna possível encontrar um novo relacionamento com Deus que vai muito além do que a religião impõe. É um preço que os novos teólogos da prosperidade não contam em seus púlpitos, vídeos no *YouTube* ou livros acerca de sucesso terreno.

É muito comum que falsos pregadores tratem o cristianismo como apenas mais um item, somente uma tradição familiar, só mais uma programação social. É sobre estar na igreja aos domingos, ouvir algumas regras morais, ter certos comportamentos, geralmente associados à negação

(não beber, não fumar, não usar drogas, não frequentar boates, não transar antes do casamento etc.). Para essas pessoas, ser crente é isso. É seguir determinados padrões morais, estar em certos eventos sociais, não falar palavrão, entre outras normas. E, se alguém pergunta "O que devo fazer para ser crente como você?", talvez tudo o que tenhamos para dar sejam alguns padrões de comportamento.

Quando Jesus expõe, pela primeira vez, o convite do evangelho e dá uma declaração aberta sobre o que aconteceria com ele, o resultado é a quebra das expectativas de todos os seus doze apóstolos e, talvez, de todos os discípulos que o acompanhavam na caminhada.

O capítulo 16 de Mateus nos apresenta uma mudança geográfica no ministério de Jesus. A maior parte dele aconteceu na região da Galileia. Jesus era um galileu (mais apropriadamente, um nazareno) nascido na zona rural do interior de lugar nenhum. Ele vinha de um lugar de onde ninguém acreditava que poderia sair um profeta. "Por acaso algo de bom pode vir de Nazaré?" era a pergunta que se fazia. Jesus morava em um local em que as pessoas teriam vergonha de admitir que residiam. Jesus também teve boa parte do seu ministério em lugar nenhum. Mas o Jesus de lugar nenhum, muitas vezes, passeava por outras regiões a fim de transmitir a mensagem do evangelho.

O texto de Mateus, a partir do versículo 13, nos mostra que Jesus está indo para as proximidades de Cesareia de Filipe. Em meio a esse processo de mudança do ministério, Cristo começa a ensinar e fica conhecido, entre os gregos, como mestre peripatético. Os líderes gregos eram pessoas que ensinavam enquanto andavam, sendo assim, Platão, Aristóteles e Sócrates não eram mestres que tinham escolas. As pessoas não tinham como ir a um seminário e cursar uma disciplina ministrada por Sócrates ou ir a uma universidade e cursar uma disciplina com Plotino. Eles eram líderes que andavam e arrebanhavam multidões pelas ruas. Jesus assumiu muito desse estilo, pois ensinava enquanto andava. Ter multidões que o acompanhavam gerava uma série de problemas logísticos ao seu ministério. Lembremos do relato da multiplicação dos pães e peixes no Evangelho de João. Aquilo aconteceu porque havia uma grande e faminta multidão acompanhando Jesus enquanto ele ia ao deserto.

Jesus ensinava perguntando. Geralmente, antes de dizer algo, Jesus queria ouvir o que os discípulos tinham para falar sobre ele. A primeira pergunta de Jesus, no versículo 13, diz respeito ao mundo, às pessoas: "Quem os outros dizem que é o Filho do Homem?". A primeira pergunta feita por Jesus enquanto caminha com os seus discípulos em direção a Cesareia de Filipe parece ser o reconhecimento de um campo missionário. É como se ele dissesse: "Nós estamos indo para uma região nova, onde eu nunca estive antes, mas eu tenho certeza de que conversas a meu respeito chegaram lá. Vocês são meus discípulos e devem saber disso. O que as pessoas dizem sobre mim?".

Curiosamente, nos evangelhos de Marcos e Lucas, os evangelistas registraram que Jesus perguntou "Quem os outros dizem que eu sou?" e "Quem as multidões dizem que eu sou?", respectivamente. Mas Mateus registrou uma resposta à pergunta: "Quem os outros dizem que é o Filho do Homem?". Jesus está respondendo enquanto questiona, como se perguntasse qual a cor do cavalo branco de Napoleão. "Eu sou o Filho do Homem. O que os outros pensam sobre mim?".

"Filho do Homem" foi um termo muito usado nos escritos de Daniel para falar a respeito do Messias que viria, atestando que ele seria o Deus encarnado. Já havia uma visão de encarnação, e Jesus assume para si esse termo escatológico que significa ser o Deus em forma humana, o que havia sido prometido nas profecias. Jesus já mostra que ele não era um homem comum. Não era apenas um cara com uma boa mensagem. Ele era o Filho do Homem prometido no Antigo Testamento.

Os discípulos não precisam fazer um censo para responder à pergunta de Jesus, porque eles pareciam perfeitamente inteirados sobre todas as fofocas religiosas de Cesareia de Filipe e, automaticamente, eles respondem, conforme o versículo 14: "Uns dizem que é João Batista; outros dizem que é Elias; e outros dizem que é Jeremias ou um dos profetas". O evangelho de Lucas adiciona "um dos antigos profetas ressuscitou" à explicação.

As pessoas tinham algumas opiniões sobre Jesus. Por exemplo, depois que João Batista morreu, surgiu uma lenda de que ele voltaria para se vingar, e alguns acreditavam que Jesus era esse João retornado dos mortos. Outros diziam que ele era Elias, tomando como base uma das promessas

presentes no livro de Malaquias, no qual profetiza que Elias regressaria para anunciar o Filho do Homem. O Novo Testamento interpreta essa profecia como sendo relativa ao ministério de João Batista, alguém que veio no mesmo espírito profético de Elias e tinha características semelhantes. Alguns falavam, ainda, que ele poderia ser Jeremias, conforme profecias que não são bíblicas, mas que pertencem ao período interbíblico (400 anos que separam o Antigo Testamento do Novo Testamento), no qual prediziam a volta de Jeremias, saído de uma caverna com um rolo da lei para condenar os pecados de Israel.

Jesus era associado ao profetismo do Antigo Testamento, a alguma profecia miraculosa do passado. Perceba que elas não consideravam Jesus uma pessoa normal, pois, quando ele pergunta sobre a própria identidade, ninguém responde que ele é simplesmente um carpinteiro arrogante, porque as pessoas associavam Jesus a algum dos profetas do Antigo Testamento que talvez tivesse retornado. Ele é associado a João Batista, a Elias e a Jeremias, os três profetas que fizeram o povo de Israel tremer. Lembre-se de que a mensagem de João Batista era "raça de víboras" e "quem lhes ensinou a fugir da ira vindoura?". Não esqueça que Elias orou e desceu fogo do céu que consumiu 430 profetas de Baal. Jeremias escreveu suas lamentações sobre o sangue que escorria nas ruas de Israel. Jesus era relacionado, no imaginário público, aos profetas cujas pregações machucavam, ensinavam de forma dura e denunciavam os pecados de Israel.

Em certo sentido, isso nos ajuda a perceber como Jesus era visto pela população de Cesareia de Filipe, pois eles tinham uma compreensão muito profunda da dureza da pregação de Jesus. Todavia, por mais que as respostas sejam diferentes, todas elas têm um ponto em comum: além de associarem Jesus a profetas de fala dura, essas respostas estavam extremamente erradas. Elas sequer arranhavam a casca de quem Jesus realmente era, tendo em vista que ele não era apenas um profeta, mas também o Deus encarnado. Jesus era o Filho do Homem prometido no Antigo Testamento. Se eu fizesse a mesma pergunta para você – "O que a sua família pensa sobre Jesus? Quem os seus amigos pensam que Jesus é?" –, você não precisaria fazer um censo nem forçar muito a memória, porque teria a resposta na ponta da língua – o que seus pais falam, o que os seus amigos falam, o que os colegas de trabalho ou da escola falam. Você sabe o

que as pessoas pensam sobre Jesus, pois ele é aquele personagem sobre o qual todos têm uma opinião formada.

A cultura sempre tem algo a dizer sobre Jesus, e as pessoas criam as mais diversas explicações a respeito dele: elas pensam em Jesus como um mestre moral, como alguém que ensinou sobre amor, como um cara que tinha que ser lembrado, como um agitador político, como um revolucionário do século 1 que veio para se opor às forças dominantes de Roma. Muitos olham para Jesus e o interpretam como o espírito da verdade do espiritismo, um espírito maior e iluminado. Algumas pessoas, como os mórmons e as testemunhas de Jeová, veem Jesus como um arcanjo. Outros o enxergam como um mito, uma construção literária de pessoas entediadas do primeiro século. Em uma de suas edições, a revista Superinteressante estampou em sua capa: "Jesus, homem ou mito?". Há quem diga que ele era um extraterrestre, alguma figura de outro mundo que veio para nos atormentar. As pessoas dizem um milhão de coisas sobre Jesus e, entre as opiniões mais variadas sobre o Cristo, muitas delas têm em comum o fato de serem equivocadas a respeito da realidade.

Todavia é muito fácil condenar o que o mundo pensa sobre Jesus. Quando Jesus pergunta sobre os outros, é muito fácil explicar que os outros estão errados. O sentimento que desfrutamos quando falamos do erro alheio é muito agradável, mas Jesus toma o alvo que estava colocado em Cesareia de Filipe e deposita no coração dos seus apóstolos. Enquanto eles ainda estavam pronunciando o que as pessoas pensavam sobre ele, Jesus faz uma segunda pergunta: "E vocês, quem dizem que eu sou?" (Mt 16.15). É como se o mestre sinalizasse que havia entendido as opiniões do povo, mas quisesse saber se seus amigos concordavam com elas. A visão que você tem de Jesus é a visão que o mundo tem dele? A compreensão que você tem da fé é influenciada por aquilo que o mundo pensa sobre ela? Será que essas mensagens falsas já tomam conta do seu interior? Será que, por não ter coragem de abandonar a igreja e largar completamente a fé, sua vida cristã está negligenciada e trincada pelas bobagens que o mundo diz a respeito de Deus? Quando você se depara com dúvidas que abalam a sua fé, tudo o que você faz é tentar expulsar as ideias da cabeça sem lidar com elas, sem questioná-las, sem estudar e sem procurar alguém que possa lhe ensinar?

A pergunta não é se você recebeu Jesus na sua vida, a pergunta é: você recebeu Jesus como o quê? Ele é um alento para você conseguir dormir

bem à noite porque não consegue lidar com a consciência do que fez no passado? Jesus é uma tradição familiar e abandoná-lo seria uma desonra para seus pais? Jesus é aquele que proporciona um ambiente e um clima agradável de sociabilidade melhor do que fora da igreja? Jesus é um amuleto de boa sorte? Jesus é um curandeiro que ajuda nas suas enfermidades? Jesus é um garçom que vem para realizar os seus sonhos? Quem é Jesus na sua vida? O que Jesus representa na sua existência?

Quando eu tirava o sossego da minha mãe pedindo que ela fizesse favores para mim, ela me olhava e dizia: “Meu filho, sua empregada já morreu. Vá e resolva você!”. Quando minha mãe usava esse “provérbio” contra mim, ela queria dizer que o modo como eu me relacionava com ela parecia o relacionamento entre um serviçal e seu senhor, porque eu só ia até ela para pedir algo. A partir disso, eu pergunto: como você se aproxima de Jesus? Quando é que você lembra de Jesus? O que você costuma falar para Jesus? Você chega a ele apenas para pedir e ser acalentado? Você se aproxima dele apenas como parte de um ritual estético e público de culto? Como é o seu relacionamento com Deus? Jesus pergunta isso aos discípulos, e Pedro toma a dianteira para respondê-lo. No verso 16, vemos que ele entende quem Jesus é. Ele entende quem é o Filho do Homem. Pedro era um pescador, um homem simples e, provavelmente, de todos os apóstolos, era um dos que havia estudado menos. No entanto esse homem dá uma resposta que, possivelmente, ninguém mais tivesse: “Respondendo, Simão Pedro disse: ‘O senhor é o Cristo, o Filho do Deus vivo’” (Mt 16.16). O povo de Cesareia de Filipe tinha respostas criativas, mas apenas Pedro tinha uma que vinha dos céus. Pedro não disse que Jesus era simplesmente alguém elevado. Ele também não se limitou a negar a ideia de que Jesus era um dos antigos profetas reencarnado. Seria uma honra ser a encarnação de Elias ou Jeremias, mas Jesus não era somente um profeta prometido, ele era o Cristo. No grego, “Cristo” é equivalente à palavra hebraica “Messias”, que é o termo usado para “ungido”, aquele que foi prometido no Antigo Testamento para salvar o povo de Israel, trazer a esperança e a vida eterna e estabelecer o nosso contato com o Pai. Ele é o Cristo, e Pedro reconhece isso. Ele compreende que Jesus é o Messias prometido para limpar o pecado de Israel, o servo sofredor de Isaías 53, o filho do Deus vivo.

Para um judeu, a expressão “filho” era muito significativa, pois, quando se dizia que alguém era o filho de determinada pessoa, isso

significava que eles eram semelhantes. No Evangelho de João, Jesus quase é apedrejado diversas vezes, porque ele se dizia filho de Abraão. Quando isso acontecia, os fariseus replicavam: "Você está dizendo que é igual a Abraão?", pois, para eles, ser filho era ser igual, era se assemelhar. Quando Pedro diz que Jesus é o filho do Deus vivo, ele está reconhecendo Jesus como o próprio Deus encarnado, como o próprio Senhor. Pedro estava fazendo declarações que chegariam aos ouvidos de Deus, pois ele estava à sua frente. Pedro estava caminhando com Deus. Ao ser questionado, você pode responder como Pedro? – "Jesus, para mim, é Deus, é o Senhor, é o Cristo enviado, é o Deus vivo a quem eu me submeto".

É possível que você leia essas declarações e perceba que, realmente, tem dificuldades para acreditar nisso e que Jesus não é o centro da sua vida, ainda que você tenha confessado essa fé. Se esse é seu caso, a razão é que, provavelmente, você tem encontrado outros sentidos, outros propósitos, para a existência. Você não acredita que seu socorro vem do alto e não olha para Cristo todos os dias, mas outras realidades brilham diante dos seus olhos. Para o filósofo cristão holandês Herman Dooyeweerd, o modo como usamos a palavra "religião" é, de certa forma, estranha. No senso comum, ela conota igreja, culto, missa, rituais e padrões morais. No entanto, Dooyeweerd declara que isso é apenas um dos aspectos do que é religião. Nem tudo aquilo que é religião está relacionado à fé no sentido comum. Segundo ele, religião nada mais seria que esse impulso do coração para algo que traga sentido, que dê razão e propósito para a existência. Para algumas pessoas, a religião está relacionada à fé, mas, para outras, ela pode estar atrelada a uma enorme gama de significados.

Você pode colocar a religião na política, por exemplo – atitude bastante comum, visto que o senso do mundo é construir uma sociedade melhor pela via estatal através de uma organização social que crie um novo homem. A religião pode estar atrelada a uma utopia, uma nova transformação cósmica que se dará por meio de certas ações do proletariado contra a burguesia. A religião pode estar na arte, quando há uma busca por transcendência no belo a fim de encontrar elevação e deleite. Alguns põem a religião na história, no olhar focado naquilo que é antigo, profundo e desconhecido. Ela pode estar, inclusive, na literatura, como também nos prazeres. A religião pode satisfazer cada vez mais as vontades táteis que tomam conta do seu coração. A religião pode ser o dinheiro, a conquista

acadêmica, o sucesso, o casamento. A religião pode ser a busca pela sua cara-metade. A religião pode ser o carro maior, o senso de propósito ou mais curtidas no Instagram. Ela pode se manifestar de muitas formas, mas, à medida que você vê Jesus como o Senhor, todas essas falsas religiões que orbitam a verdadeira fé deveriam se apagar progressivamente. Cristo deveria ser o seu desejo e a sua alegria final. Ele não deveria estar presente apenas no "amém" e no "graças a Deus" após a conquista dos seus sonhos. Jesus não deveria ser o método pelo qual você alcança aquilo que projetou para a própria vida.

Jesus afeta o modo como você guia a sua vida? Quando alguém vai morar em outro país, geralmente pensa na casa, no trabalho, na segurança, na economia e, somente depois de observar tudo isso, lembra: "Será que existe uma boa igreja lá?". Muitas vezes, quando uma moça busca um rapaz para namorar, o primeiro pensamento dela é sobre a estética – se ele é bonito, alto, baixo, loiro, moreno e, somente depois de elaborar um roteiro na cabeça, ela analisa se ele é mesmo crente e se ele seria um bom líder para o seu lar. Um profissional em busca de emprego pensa se há progressão de carreira, se a experiência vai ser boa para o currículo, se o salário é vantajoso e, em último lugar, pensa se há risco de prejudicar o seu relacionamento com a igreja e a sua vida com Deus. Sempre que iniciamos um curso, um projeto, uma atividade e Deus é o último fator que parece importar, estamos respondendo, com a nossa vida, à pergunta de Jesus – "O que eu sou para vocês?" – e, consequentemente, agindo de modo diferente de Pedro.

Somente quando a certeza de que ele é o Cristo, o filho do Deus vivo, queima em nosso coração, é que vivemos uma vida na qual Jesus é o propósito, a esperança e a razão. Ele é quem que está acima de tudo. Você pode ficar curioso para saber qual foi o "pulo do gato" de Pedro, o que ele fez para ter essa compreensão. Mas perceba que o apóstolo não fez nada. Ele não estudou para descobrir isso, não recebeu um diploma de PhD nos Estados Unidos, não aprendeu grego no seminário, não teve que ler o futuro em uma borra de café. Ele não teve que fazer nada. Pedro recebeu uma compreensão a respeito de Deus.

Jesus diz: "Bem-aventurado é você, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que revelaram isso a você, mas meu Pai, que está nos céus" (Mt 16.17). A expressão "carne e sangue", no Novo Testamento, é usada

para falar daquilo que é humano em contraste com o que é espiritual. O livro de Efésios diz que a nossa luta não é contra carne nem contra sangue, mas contra principados e potestades. O autor está contrapondo o que é humano ao que é espiritual. Não foi a carne e o sangue que revelaram a verdade a Pedro. Ele entendeu que Jesus era o Cristo não por uma argumentação teórica, ou por ter sido inteligente o bastante, ou porque aprendeu na escola. Pedro recebeu uma revelação do Pai.

Você gostaria de entender o que Pedro entendeu? Você quer viver compreendendo profundamente que Cristo é o Senhor da sua vida acima de qualquer outra certeza? Você precisa receber algo que está apenas em Deus. Você precisa se prostrar em sujeição diante do único que pode conceder isso, daquele cujo espírito pode tocar o seu interior. Você não vai ter nada por suas próprias forças e tentativas. Por vezes, achamos que somos capazes de conquistar o favor, o saber, as bênçãos de Deus, enquanto ele está, simplesmente, aguardando o nosso desespero. Ele está esperando que nos prostremos e confessemos a nossa incapacidade. O livro de Tiago diz que Deus não nos culpa nem nos envergonha quando pedimos sabedoria para compreender a vontade dele e viver de uma forma que glorifique o seu nome. Quando nos prostramos diante dele, recebemos uma compreensão do Senhor que o mundo não tem e que o seminário não dá. Somos presenteados com um entendimento que não iremos conquistar em um livro robusto, pois é algo que somente o próprio Senhor pode comunicar a nós.

Poderíamos criar uma das maiores organizações do Brasil, ler livros dos melhores autores do mundo, aprender grego e hebraico para lermos a nossa Bíblia no original, mas, se Deus não falar conosco, não entenderemos. Pedro era um pescador (alguém semianalfabeto, podemos supor), e ele soube o que os fariseus (que tinham o hebraico do Antigo Testamento decorado) não estavam entendendo. Há um conhecimento que só encontramos quando escutamos a voz do Senhor. Precisamos ouvir mais o Senhor, ouvir mais sobre quem Deus é e o que ele tem para nos entregar a respeito de Cristo.

Somente receberemos o entendimento de Cristo quando tivermos a revelação do Espírito em nosso coração. Você tem sido sensível àquilo que o Espírito tem a dizer sobre quem Cristo é? Você tem entendido que a vida da fé é uma vida espiritual ou você tem caído no racionalismo para o qual tudo é uma questão de entender? Nós podemos ir para o inferno entendendo tudo sobre o Senhor. O próprio Satanás tem entendimento a respeito de Deus.

Há algum tempo, eu estava conversando com um ateu que havia lido a Bíblia inteira duas vezes e entendia alguns pontos sobre Deus. Contudo existe uma diferença entre entender algo a respeito do Senhor e entender o que ele nos diz através do poder do Espírito Santo, que clareia os nossos olhos para compreender a palavra e vence a nossa incredulidade. Pedro entendeu, porque o Pai falou. Isso deve gerar humildade em nosso coração, pois tem que nos fazer enxergar que não somos melhores, superiores, mais inteligentes ou mais sábios. Se nós estamos em um relacionamento real com Deus, é porque ele mesmo se revelou.

Eu tenho amigos superiores a mim em inteligência, mas eles não estão no caminho de Deus, pois não chegamos a Deus pelo intelecto. Tenho colegas muito mais sábios do que eu, e eles não estão no caminho de Deus, porque também não é pela sabedoria que chegamos ao Senhor. Conheço pessoas mais corretas, honestas e justas que eu, e, do mesmo modo, elas não receberam a salvação. No fim das contas, nenhum mérito, nenhuma característica, nenhuma habilidade humana nos aproxima de Deus. Unicamente, é o Senhor quem se aproxima e nos revela que ele é o Cristo, filho do Deus vivo. Foi Deus que, pela cruz, nos atraiu gentilmente e nos deixou sedentos por aquilo que somente a cruz pode oferecer. Saber que foi ele quem tomou a iniciativa de nos levar para si precisa nos deixar em paz com ele.

É interessante observarmos que, a partir do versículo 21, que narra mais um pouco da conversa de Jesus e Pedro, visualizamos uma mudança de figura de Jesus. Se, no versículo 13, tínhamos uma mudança geográfica, a partir do versículo 21, percebemos uma mudança de discurso, pois Cristo começa a trazer revelações que ele nunca havia dito aos seus discípulos: “Desde esse tempo, Jesus começou a mostrar aos seus discípulos que era necessário que ele fosse para Jerusalém, sofresse muitas coisas nas mãos dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas, fosse morto e, no terceiro dia, ressuscitasse”.

Perceba que não estamos no sermão do monte em Mateus 5, mas no capítulo 16. O ministério de Cristo já havia iniciado há um tempo, mas ele está falando sobre assuntos jamais desvelados anteriormente. Ele explica a sua paixão, morte e ressurreição, pois, até o momento em que Pedro declara que ele é o Cristo, eles ainda não tinham ouvido Jesus lhes explicar que

morreria. É provável que você não tenha dimensão de como essa mensagem foi um banho de água fria para os judeus daquele tempo.

As promessas messiânicas tratavam muito sobre a segunda vinda do Messias. As promessas do Antigo Testamento, geralmente, não delimitam uma diferença clara entre a primeira e a segunda vinda de Jesus. Na teologia judaica, acreditava-se mais comumente que o Messias viria de uma vez por todas. No Novo Testamento, conseguimos olhar para essas promessas com um pouco mais de nitidez e interpretar que determinados textos falam da primeira vinda, e outros, da segunda vinda e a ideia de uma única vinda de Jesus, dentro do Antigo Testamento, é relativamente inconciliável. Do contrário, Isaías 53 não faria sentido – como o Messias viria para libertar Israel como um guerreiro e venceria as nações e, ao mesmo tempo, morreria para levar os pecados?

Olhando para o Antigo Testamento hoje, percebemos, com clareza, que há uma primeira vinda em fraqueza e uma segunda vinda em força. Mas, para os judeus, essa não era uma ideia bem concebida, pois eles criam que o libertador viria de uma vez só para vencer o governo dos gentios, libertar os judeus da opressão de Roma e firmar o povo de Israel, finalmente, como chefe e líder de todas as nações. Eles olhavam para Jesus esperando que ele se tornasse o líder militar que venceria César e reinaria com eles. Essa esperança se evidencia nas conversas que as pessoas tinham com Jesus: "Senhor, quando vier o teu reino, eu posso sentar à tua direita ou à tua esquerda?". Em Atos 1, após a morte de Jesus, a primeira pergunta dos discípulos foi "o reino é agora?". A expectativa para esse reino vindouro era alta, contudo aquele que eles achavam que venceria Roma disse, pela primeira vez, que Roma iria vencê-lo. Logo após a declaração de Pedro, Jesus afirmou que ele não mataria César, mas César iria matá-lo. Ele não reinaria com os líderes de Jerusalém, mas os líderes lhe entregariam para a morte. Era uma mensagem contrária a todas as expectativas que haviam sido geradas nos judeus que acompanhavam Jesus.

Pedro, que havia acabado de reconhecer o Cristo, ficou tão aterrorizado que chamou Jesus à parte e o admoestou: "Então Pedro, chamando-o à parte, começou a repreendê-lo, dizendo: Que Deus não permita, Senhor! Isso de modo nenhum irá lhe acontecer" (Mt 16.22). Pedro achou que Jesus estava com uma crise de autoestima, perdendo a esperança. Pedro o censura, embora, três versículos atrás, tenha declarado que ele era o

Deus vivo. Três versículos à frente, ele está dando uma reprimenda no cantinho, como uma mãe que leva o filho a um lugar reservado para discipliná-lo sem que as visitas vejam. Ele teve a coragem de repreender Deus. Poderíamos julgar que Pedro era tolo, mas, por vezes, nós não somos como ele em nosso relacionamento com Deus? Erguemos as mãos para cantar que ele é Senhor e rei, mas, em nossa intimidade, chamamos Jesus no canto e o repreendemos pelo que não ocorreu da maneira como esperávamos. Dessa forma, dizemos a Deus que ele está errado. Reclamamos dos nossos pais, do meio de transporte que temos, do casamento, do namoro, da escola, da faculdade, do dinheiro, das roupas, da saúde, da aparência *etc*. Em um momento, o reconhecemos como Deus e Senhor, e, na hora seguinte, estamos insatisfeitos com aquilo que Deus nos deu. Sentimos dificuldade para aceitar um Cristo que quebra as nossas expectativas. Não queremos aceitar um Cristo que guia a história do jeito dele, de uma forma que, muitas vezes, não tem lógica para nós. Para Pedro, não fazia o menor sentido que o libertador de Israel morresse em uma cruz romana. Mas nós temos o fim da história.

Lembre-se de que Pedro não está lendo Mateus 16, nós sim. Lemos o relato pensando em voz alta: "Pedro, não é bem assim. Você deveria achar o sacrifício de Cristo o bastante". Mas quando se trata da sua própria vida, você não tem o *spoiler*. Você não está lendo o livro com a resolução dos seus problemas. Nós não sabemos se Deus nos dará ou não o que aguardamos receber. Também não temos a explicação para ele ter agido como já agiu. Não sabemos o motivo de Deus não ter nos dado o emprego desejado ou mais recursos financeiros. Não sabemos por que Deus nos deu pais que não nos entendem ou uma aparência que não nos agrada. Nós não sabemos a razão de o casamento esperado não ter acontecido até agora. Não temos o fim da história, não conhecemos o plano de Deus. Mas temos a revelação mais importante: ele é o Cristo, o filho de Deus. Isso deveria ser suficiente para todos nós. O fato de ele ser o Cristo, o criador, o profeta enviado, tinha que ser o bastante para que confiássemos no plano dele, mesmo quando não faz sentido para nós. Temos apenas metade da história escrita. Contudo, um dia, veremos pelos olhos do Senhor e entenderemos por que ele organizou a nossa vida dessa forma. Saberemos que sempre houve um plano glorioso nas mãos daquele que guia a nossa vida contra as nossas expectativas porque elas não são as melhores.

Martinho Lutero dizia que nós não sabemos por quais caminhos Deus nos conduz, mas podemos confiar que o nosso guia é bom. Eu não sei por que Deus faz determinadas escolhas para nossa vida. Não raramente, alguém telefona desesperado para mim ou manda um áudio de 18 minutos no *WhatsApp* fazendo, implícita ou explicitamente, a seguinte pergunta: "Pastor, por que Deus fez isso?". A minha resposta é: "Não sei! Como eu poderia saber?". Eu tenho apenas estas certezas: sei o que Deus fez, sei que Deus é bom e que ele faz tudo para sermos mais parecidos com ele.

É comum muitas pessoas pensarem que Deus nos tira algo para trazer um substituto melhor. Mas, às vezes, o que vem em seguida é pior. Quando eu comprei um carro, um irmão da igreja me disse o seguinte: "Pastor, depois desse, o senhor vai direto para um Corolla". "Amém! Eu fico muito feliz por você me desejar isso, mas, se for um Celta 97, também está bom", respondi. Eu não sei por que Deus age de determinadas maneiras. Alguém está escrevendo um livro e, quando chega à metade, descobre que não vai terminar porque tem um câncer. Uma pessoa está crescendo na carreira, recebe uma promoção e, então, vem a demissão. Alguém está com o casamento marcado, e vem o adultério. Nós não sabemos o que vai vir em nossa vida, não temos a menor compreensão do que Deus pode estar nos preparando. Podem ser planos completamente além do que esperávamos, como também podem não fazer o menor sentido comparados às nossas perspectivas. Mas, certamente, fazem sentido no plano daquele que é o Deus vivo e sabe o que está fazendo. Deus trabalha contra as nossas expectativas. É maravilhoso perder para Deus. É incrível quando Deus tem outro plano, porque sabemos que ele endireita a nossa rota. Há um Senhor que corrige as nossas expectativas e nos mostra um caminho completamente novo.

Pedro foi muito educado ao chamar Jesus no cantinho para repreendê-lo, mas Jesus não era tão educado quanto Pedro. Jesus nunca leu *Como fazer amigos e influenciar pessoas*. O verso 23 relata: "Mas Jesus, voltando-se, disse a Pedro [...]". O termo "voltando-se" dá a ideia de que Jesus se voltou para os outros. Pedro estava falando com ele, reservadamente, até que Jesus vira para os outros e começa a repreender Pedro diante dos demais. Em alguns momentos, parece que Jesus não tinha muito trato social. Jesus, muitas vezes, não se encaixa nas nossas regras de civilidade. Somos civilizados demais para lidar com ele. Olhando para Pedro, ele deu uma resposta simples, tranquila, humilde e mansa para todos

ouvirem: “Saia da minha frente, Satanás! Você é para mim uma pedra de tropeço, porque não leva em consideração as coisas de Deus, e sim as dos homens” (16.23).

A mensagem de Jesus para Pedro foi que ele estava emprestando a voz para que o diabo falasse através dele. Aquilo que Pedro ofereceu a Jesus é a mesma coisa que o diabo ofereceu a Cristo na tentação do deserto – parece que ele não se cansa e repete a mesma tentação por vias diferentes – “Tudo isso lhe darei se, prostrado, você me adorar” (Mt 4.9) . O diabo ofereceu a Jesus uma glória sem cruz, uma vitória sem sacrifícios. É a mesma oferta de Pedro a Jesus. Uma vitória sem morte, uma conquista pela espada. Todavia, para Jesus, essa mensagem é diabólica, porque é uma mensagem humana. Jesus diz que essa mensagem é diabólica porque Pedro cogita os planos dos homens, não os pensamentos de Deus. Muitos acham que o diabólico é aquilo que vem acompanhado do número 666, de um pentagrama de sangue, com um sacrifício e velas pretas num cemitério às três horas da manhã. Mas, ocasionalmente, algumas ideias são diabólicas simplesmente porque são humanas. São diabólicas porque são mensagens desta vida para esta vida.

A mensagem de Pedro não é diabólica por nos mandar amar o diabo. Ela diz “apenas” que Jesus não precisava se preocupar com a cruz, com o sacrifício. Ela é um evangelho de confirmação da expectativa de um reino agora, dos seus sonhos agora, da sua melhor vida agora, de um Cristo que não é nada mais do que um instrumento para realizar seus projetos e dar aquilo que você tanto quer. É a mensagem do evangelho da prosperidade, de um cristianismo que só quer resolver os seus problemas. São as novas que o povo de Cesareia de Filipe tem para dar a respeito de Cristo e das quais o mundo, hoje, também compartilha. O mundo olha para Jesus e compra o evangelho que é desta vida para esta vida. Ele vende uma mensagem de que Deus pode resolver nossas questões e realizar nossos sonhos se tão somente acreditarmos.

Inúmeras vezes, rejeitamos os claros absurdos teológicos da teologia da prosperidade da Igreja Universal e de outras similares, mas nosso coração já abraçou, há muito tempo, a ideia de que só podemos ser felizes se Deus nos der aquilo que esperamos. Sem perceber, adotamos um evangelho do diabo, um evangelho que cheira à enxofre, uma mensagem diabólica que nos engana, porque é apenas para esta vida. As pessoas vão à igreja para

recarregar as baterias, serem mais felizes e terem uma semana abençoada, porque esqueceram que o relacionamento com Deus não é, simplesmente, horizontal, mas vertical e marcado pela submissão como reconhecimento de sua autoridade. Deus não existe para realizar nossas vontades, mas para ser o nosso Senhor e rei. Ele existe para ser o nosso Cristo, aquele que morreu em nosso lugar pelos nossos pecados.

Nos versículos 24 a 27, o texto bíblico explica como ser um cristão. Jesus mostra que devemos seguir três passos. No versículo 24, ele diz aos seus discípulos: “Se alguém quer vir após mim [...]”. Essa frase traz a ideia de seguir, andar junto. “[...] Se alguém quer vir após mim, negue a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me”.

A mensagem do evangelho começa com uma negativa, com um abandono. Aquele que ainda está temeroso de se aproximar de Deus ainda está com medo de negar a própria existência. Vivemos uma vida que nos ensina a investir em nós mesmos. Fazemos curso de inglês, vamos à academia para conseguir um corpo mais malhado, comemos comidas *fitness*, seguimos a dieta da proteína e escondemos características físicas que nos desagradam. Nós estudamos, acumulamos conhecimento, somos aprovados no vestibular, fazemos uma graduação, melhoramos o currículo e seguimos vivendo uma vida investindo em nós mesmos. Tentamos nos tornar máquinas que funcionam melhor.

O primeiro passo para encontrarmos o caminho da cristandade é negar quem somos. O mundo diz que o caminho da felicidade é se aceitar, mas Jesus diz o oposto. O caminho da fé é um caminho de exclusão, rebaixamento, negação. Jesus não está falando, simplesmente, de negar os prazeres e os sonhos ou sacrificar algo de que gostamos muito. Ele fala de negarmos quem nós somos. Quem éramos antes dele? Como vivíamos antes dele? Qual era a nossa religião antes de encontrarmos o mestre? O que dava razão para a nossa existência? Tudo isso acabou. O seu relacionamento com Deus não é uma reforma na casa, não é como adicionar um cômodo ou construir mais um andar, mas é explodir tudo, cavar o alicerce e construir outra casa a partir de Deus. Se ainda estamos cheios de nós mesmos, é porque ainda estamos vazios de Deus, pois o caminho de encontrar o Senhor e ser cheio do Espírito é uma trilha de esvaziamento diário. Não há como conciliar o orgulho, a altivez e o egoísmo com a busca por Jesus. Você deve negar a si mesmo.

Durante meu período de seminário, sempre quando eu jantava antes de ir à aula, eu assistia ao primeiro bloco da novela Malhação, porque eu era fascinado pela música de abertura. Eu achava incrível como aquela música era um antievangelho. Parecia que Satanás tinha lido Mateus 16 e dito "eu vou fazer o contrário", então compôs a abertura da Malhação daquela época. A canção falava "vamos nos permitir, vamos viver tudo que há pra viver". Todavia, o evangelho diz exatamente o oposto: o caminho para encontrar Deus é o de negar a si mesmo. Ao invés de viver o que há para viver, é dizer "não vivo mais eu, mas Cristo vive em mim", pois a vida que eu vivo agora, eu vivo pela fé em Cristo Jesus. Não vivo mais como eu vivia, agora tenho outra existência. Meus desejos, anseios e planos são outros. O evangelho não é um "puxadinho" na minha casa, não é um compromisso na agenda, mas é algo que toma tudo o que eu sou. Eu sou outra pessoa, porque eu vivo o evangelho. Eu sou completamente novo, porque eu vivo em Cristo.

Muitas pessoas pensam que precisam seguir o próprio coração. Mas, se você seguir o seu coração, você irá para a estrada do inferno. Todos os seus sonhos e objetivos têm que ser filtrados e buscados pela lente do evangelho, não por suas próprias lentes. Você não é confiável. O mundo não gira ao seu redor. O mundo gira ao redor de Cristo, e você tem que orbitar em torno dele. Você precisa tirar o *self* do altar e deixar Cristo reinar sobre você. "Negue a si mesmo, tome a sua cruz" – existe um abandono de quem nós somos e existe uma tomada de quem Cristo é. Infelizmente, ele não diz "tome a coroa de Cristo, as glórias de Cristo, toque na orla das vestes de Cristo", mas diz "tome a cruz". Todos sabemos que, naquela época, a cruz era um instrumento de morte para os mais terríveis criminosos políticos do Império Romano. Era equivalente a uma cadeira elétrica, um bimotor de fuzilamento, uma forca ou uma injeção letal. Não havia nenhuma conotação religiosa na cruz romana, ela era um instrumento de pena capital.

Hoje, algumas igrejas enfeitam a cruz com luzes e a usam como adereço decorativo, mas a cruz era apenas um instrumento de morte. Jesus olha para os seus discípulos, antes da crucificação, e diz que quem quiser segui-lo tem que negar a si mesmo e tomar a sua cruz. É como dizer que o caminho da fé é pegar a sua cadeira elétrica e seguir Jesus ou pegar a sua forca e acompanhar o mestre. Ele usa uma linguagem extremamente forte para falar de morte. É importante deixar claro que a ideia de Jesus não é,

literalmente, atentar contra nossa vida de alguma maneira, mas a imagem evocada é de um caminho de renúncia e sacrifício.

Alguma vez você teve convicção de que iria morrer? Em algum momento da vida, é possível que você tenha sido vítima de um assalto, sofrido um acidente ou passado por outra situação-limite. Eu já tive convicção de que iria morrer em um voo no dia seguinte ao acidente do time da Chapecoense. O clima dos passageiros era de tensão devido à tragédia recente. Nessa viagem, eu experimentei a maior turbulência aérea da minha vida. Somente depois disso, eu descobri que turbulência não derruba avião, mas, naquele instante, eu tinha certeza de que derrubaria. O avião balançava tanto que as pessoas começaram a gritar, uma passageira começou a vomitar, uma criança caiu no choro e uma idosa iniciou a sua reza em alto e bom som. Tudo chacoalhava. Enquanto todos estavam em pânico, eu estava tranquilo. O problema foi quando todos se silenciaram ao mesmo tempo. O avião descia, eu descolava da cadeira, e o cinto me puxava de volta. Eu via as outras cabeças subindo e descendo juntas, todos os tripulantes nesse mesmo movimento. Naquele ponto, tive uma convicção profunda: "Eu vou morrer. Acabou. O avião vai cair, e esse será o meu fim". Eu lembro, até hoje, da oração bonita que fiz. Eu imaginava que diria as mais belas palavras para Deus, mas apenas demonstrei o mais íntimo do meu coração. Acredito que seja assim para todas as pessoas. Eu tive plena convicção da minha morte, e essa foi uma sensação terrível. O evangelho evoca em nós a sensação de morte. O convite que ele nos faz não é uma brincadeira, é um chamado sério que deve fazer os nossos joelhos balançarem e nossos lábios tremerem enquanto balbuciamos timidamente nossas últimas palavras.

Jesus nos convida a abandonar quem nós somos e abraçar uma cruz romana para morrermos nele, deixando todo o resto para trás. Colocar-se diante de Jesus é entregar a vida inteira no altar. É dizer para ele que tudo o que temos, tudo o que somos, tudo o que fizemos ou poderíamos ter feito pertence a ele. É acatar o pedido do Senhor e entregar tudo o que ele requisitar. Você não vive mais, pois já morreu. Se você encontrou Jesus, você vive agora pela ética do reino para glorificar a Jesus. Essa é única tarefa que você tem na vida, pois você já não existe mais.

Certo dia, eu vi um pastor no seminário tentando chamar os jovens para a obra missionária. Na época, os refugiados eram o assunto do momento. O pastor disse que os campos de refugiados eram uma

oportunidade missionária, e um dos jovens ouvintes disse: “Eu quero ir, pastor”. O ministrante perguntou se ele tinha certeza da decisão, se ele sabia tudo que isso lhe custaria. Eu nunca vou esquecer o que aquele jovem respondeu: “Pastor, eu já perdi tudo na cruz. Eu não tenho mais nada!”.

Ninguém é mais perigoso do que o homem que sabe que não tem nada a perder. Ninguém é mais poderoso no reino do que alguém que já sabe que perdeu tudo. Dinheiro, reputação, fama e sucesso não valem mais nada. Estamos no intervalo entre o impacto e a queda. Vivemos no hiato da existência, no qual tudo o que precisamos fazer é tornar o nome dele conhecido e glorificado, cada vez mais profundamente daqui até a eternidade. Você é um camicase com a convicção de que vai morrer por uma missão. Mas não por uma missão violenta, e sim pela incumbência de manifestar o amor de Deus ao mundo e fazer o que for necessário para que o mundo receba esse amor. Você assumiu o compromisso de entregar a sua existência para fazer o amor do Senhor conhecido.

O caminho da fé é de morte, de negar a si mesmo, de carregar a sua cruz e seguir Jesus. Seguir a obra de Cristo e a vontade dele. Mas o incrível é que, se nós o seguirmos na sua morte, nós, certamente, o seguiremos na sua ressurreição. Ele nos convida a morrer não para que fiquemos inertes dentro de uma cova, mas para que possamos ressuscitar nele e ter a verdadeira vida nele. Ele nos chama para a morte a fim de que possamos viver como nunca vivemos antes, sentindo o que nunca havíamos sentido e encontrando significado de verdade. Ele nos mostra que, na verdade, já estávamos mortos e que morrer para esta vida falsa é encontrar a verdadeira vida. A entrega vai lhe custar tudo, mas a recompensa é algo que você nunca imaginou. Nós somos crianças brincando na lama, dizia C. S. Lewis, rejeitando os convites para os banquetes que Deus nos oferece. Enquanto não entendermos que há uma vida real em seguir Jesus, nós vamos continuar amando as pequenezas deste mundo e acreditando no povo de Cesareia de Filipe em vez de acreditarmos no Deus vivo.

O evangelho de Lucas diz: “[...] dia a dia tome a sua cruz [...]”. Você sabe que fez isso se existe uma cruz pesando sobre seus ombros agora. A cruz não é um fardo que você pega apenas para uma caminhada. Ela não é uma vacina que você recebe somente uma vez. Ela permanece com você, sendo carregada até o fim da vida. A cruz é nossa marca. O evangelho vai custar algo todo dia. Ter encontrado Jesus vai arrancar algo da sua

existência diariamente. Você não vai experimentar aquilo que o mundo chama de vida plena, mas que, na realidade, é mentira, morte, pecado e inferno. À medida que você se sacrifica a cada dia, você completa um peso de glória acima de toda comparação que é reservado àquele que é íntimo de Deus.

Mateus 16.25 diz: “Pois quem quiser salvar a sua vida a perderá; e quem perder a vida por minha causa, esse a achará”. Você pode ter chegado até este ponto da leitura e começado a pensar: “Isso tudo é muito bonito, mas eu sou só um crente normal. Eu só quero viver a minha vida, ir à igreja, cumprir minhas obrigações e dar meu dízimo em dia”. No entanto Jesus diz que o interesse em preservar a sua vida faz você perdê-la. Há interesses, mesmo na vida comum, aos quais você se apega mais do que deve. Quando eu mudei de casa, havia um ninho de rolinhas no novo quintal. Elas estavam crescendo, e eu e minha esposa decidimos deixar a natureza seguir seu curso. No dia em que as rolinhas já estavam suficientemente crescidas para voar, dois filhotes foram embora, mas um ficou caído no chão. A mãe foi embora e deixou uma fêmea para morrer – a natureza é horrível, apesar de maravilhosa. Decidimos que não iríamos interferir. Mas, depois de um tempo, nos compadecemos: “Não podemos deixar a coitada lá”. Fomos até o local, pegamos a rolinha, demos comida na boca dela. Com três dias, ela morreu. Provavelmente, morreu porque não a deixamos lá para os pais irem buscá-la mais tarde ou alimentá-la da forma natural. Nós nos afeiçoamos tanto ao pobre animal que, possivelmente, o matamos por causa disso. Nós nos apegamos ao ponto de perder.

A vida é isso. A gente se agarra à vida e se apega ao ponto de perdê-la. Você vive com os seus sonhos, prazeres e pecados de estimação e, quando menos esperar, estará queimando no inferno sem saber o porquê. Certamente, o motivo foi que você se apegou ao que não deveria. Você se apegou a uma vida que é curta, esquecendo que existe uma eternidade de glória prometida pelo próprio Deus. Aquele que quiser preservar a vida vai perdê-la. Não adianta tentar juntar água nas mãos, pois ela vai escorrer entre os dedos. Tentar guardar uma vida para si é juntar dinheiro debaixo do colchão em época de inflação. Você perde a vida sem perceber. Cada segundo vivido é um segundo perdido. Cada dia vivido é um dia perdido. Cada aniversario é um ano a menos.

Quando eu ia à praia com a família, meu pai costumava dizer: “Cuidado, Yago, que o mar não tem cabelo”. Na água, você não tem no que segurar. Na vida, também não. Não é possível reaver o dia ou o ano que passou, pois a vida está se esvaindo todos os dias diante dos seus olhos. Se você se apegar a isso, vai perdê-la e viver inutilmente. Somente quando você se desapegar desta existência, olhar para o outro lado e entender que há um céu de glória para além daqui, é que você terá condições de viver aqui com a perspectiva correta. Uma vida usada para o reino e a glória de Deus.

“[...] e quem perder a vida por minha causa, esse a achará” (Mt 16.25). O Evangelho de Marcos acrescenta: “[...] quem perder a vida por minha causa e por causa do evangelho, esse a salvará” (Mc 8.35). Somente quem perder a vida por Jesus vai preservar a vida nele. É interessante que os autores não falem somente de perder a vida, mas de uma perda motivada por Jesus, porque existem muitas razões pelas quais você pode perder a vida. Você pode perder a sua vida vivendo pelos bens, pelos prazeres, pela busca de riquezas, pela conquista de interesses. Mas há uma causa pela qual vale a pena morrer: Jesus e a sua mensagem.

De que adiantaria o homem ganhar o mundo inteiro, satisfazer todos os desejos e pecados mais obscuros, ter tudo aquilo que sonhou, e perder a alma diante de Deus? De que adiantaria ter tudo, e, no fim, passar a eternidade separado de Deus? O que o homem daria em troca da própria alma? O que você daria em troca da vida eterna? Em alguns velórios, vemos pessoas dizendo que dariam tudo para ter o amigo ou parente de volta. Mas o que elas – e você – dariam para ter a vida eterna com Deus? O que ele cobra é, simplesmente, tudo. O que Deus requisita para que você viva a eternidade com ele é que você se entregue como sacrifício – o que ainda é muito pouco! É pouco porque você e eu não valemos nada. Fomos corrompidos pelo pecado, somos destruídos pelas nossas próprias misérias, mas Deus ainda tem a misericórdia de nos aceitar quando nos damos em sacrifício a ele. Como Deus é capaz de aceitar pessoas como nós? O que valemos e o que nós temos? A verdade é que nós não somos o pagamento – Cristo foi. Ele morreu em nosso lugar e ele só pede que nos entreguemos, desesperadamente, para receber, por graça e misericórdia, aquilo que ele fez.

“Porque o Filho do Homem há de vir na glória de seu Pai, com os seus anjos, e então retribuirá a cada um conforme as suas obras” (Mt 16.27).

Marcos e Lucas adicionam que aquele que se envergonhar de Cristo também será motivo de vergonha para o Filho do Homem. Jesus agirá desse modo para nos dar exatamente aquilo que procuramos nesta vida, afinal o que fazemos aqui ecoa na eternidade, como diz um filme famoso. Passaremos a eternidade recebendo aquilo que esperamos de Deus. Se você quer passar esta vida fugindo dele, você vai passar a eternidade longe dele. Se você passar esta vida perto de Deus, buscando viver nele, você vai ter a eternidade com ele.

É interessante que o texto bíblico afirme que Jesus vai nos julgar segundo as nossas obras. Os reformados (eu mesmo incluso) creem em justificação somente pela fé, ou seja, não são as nossas obras que compram a nossa salvação. Mas, no último dia, Deus vai nos avaliar por completo. Nós não vemos o coração das pessoas, por isso estamos suscetíveis a sermos enganados por palavras. Todavia, no último dia, Deus não nos julgará pelo que dissemos, mas pelo que fizemos. Existe uma vida pautada no evangelho? A fé declarada pela boca é confirmada na prática? No dia do juízo, seremos examinados pelas obras, porque Deus verá se há frutos nascidos da fé que confessamos. Deus vê o coração e sabe se você tem vivido de acordo com o seu coração. Ele conhece o pecado que você disfarça com a língua e sabe se você tem vivido o que a palavra exige. Há uma fé real em você? Deus dirá se essa fé existe ou não pela cruz que você carrega sobre os ombros. Vai custar tudo, mas, no fim das contas, somente uma vida de acordo com a obra de Deus vale a pena.

5. QUÃO BELOS SÃO OS PÉS COM BOLHAS: O CRISTIANISMO AINDA ACREDITA EM AUTOFLAGELO E SACRIFÍCIO HUMANO

Você gosta do seu corpo? Sua resposta pode ser: "Depende. Eu gosto de ter um corpo e não gostaria de perder um braço ou uma perna, mas não estou satisfeito com minha aparência". Vivemos em uma época na qual o ódio que, geralmente, temos pela nossa imagem é mais um fruto da paixão desordenada pelo nosso corpo do que qualquer outra coisa. Nutrimos tanto amor pelo dinheiro ao ponto de ficarmos completamente desconsertados quando ele falta. Você pode ser um pobre ganancioso e, porque ama o dinheiro sem tê-lo, você despreza constantemente a soberania e bondade de Deus nas quais vive. Muitas vezes, por amar profundamente o seu corpo, você o despreza. Você o ama tanto que o fato de ele não ser como você gostaria causa abalo e tristeza extremos. Vivemos em uma época que nos incentiva a ter relacionamentos disfuncionais. Nas redes sociais digitais, por exemplo, em que qualquer pessoa tem um estúdio de cinema nas mãos, compartilhar o nosso próprio corpo se tornou muito fácil.

Rolando o *feed* do *Facebook*, "zapeando" no *WhatsApp* e navegando pelo explorar do *Instagram*, o que vemos é uma quitanda de corpos à mostra. Nós vivemos em uma época na qual muitas pessoas investem bastante tempo na academia em busca de um bom *shape*, "esculpindo" o próprio corpo. Muitas delas têm uma vida que gira em torno da própria aparência e das mais variadas e absurdas dietas para que o corpo se adeque ao interesse estético. Esse amor pelo corpo pode chegar até a níveis libidinosos, que se manifestam em práticas como a masturbação, o sexo

livre, o uso inesgotável do corpo para o prazer. Vivemos em um tempo no qual homens e mulheres amam seus corpos.

O problema é que o convite do evangelho nos apresenta um relacionamento diferente com o nosso corpo, ao entregá-lo a Deus. A nossa entrega a ele envolve a fisicalidade no nível mais literal que possamos imaginar. Em Romanos 12.1, por exemplo, nós observamos um dos textos mais famosos a respeito da devoção do corpo ao Senhor: “Portanto, irmãos, pelas misericórdias de Deus, peço que ofereçam o seu corpo como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus. Este é o culto racional de vocês”.

Paulo está iniciando um processo mais profundo de aplicação de toda a carta, pois, quando lemos os capítulos 1 a 11, praticamente todos os verbos estão no indicativo, descrevendo algo. Já em Romanos 12, quase todas as conjugações estão no imperativo. A estrutura é semelhante aos sermões em que os pregadores explicam minuciosamente o assunto e, depois, apresentam aplicações práticas para os ouvintes. Paulo começa a empregar, na vida das pessoas, aquilo que ele explicou nos onze capítulos anteriores. O apóstolo roga a esses irmãos que, pelas misericórdias de Deus, eles apresentem o corpo ao Senhor. Ele não pede que apresentem o ser, a beleza, a mente, o coração, tampouco a alma. Ele chama a atenção para o corpo, que deve ser entregue como sacrifício.

Na linguagem religiosa e sacerdotal que Paulo aplica, a ideia de sacrifício é de algo que é morto, derramado, queimado a Deus de forma completa. Esse sacrifício que é entregue a Deus no corpo é vivo, santo e agradável a ele, feito em um culto racional, ou seja, um culto que faz sentido. Nosso corpo foi entregue como sacrifício vivo, santo e agradável, portanto entendemos que Deus se agrada de corpos sacrificados, entregues em santidade. Deus se agrada de que nossa fisicalidade seja posta no altar de adoração a ele: “E não vivam conforme os padrões deste mundo, mas deixem que Deus os transforme pela renovação da mente, para que possam experimentar qual é a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm 12.2). Devemos nos transformar pela renovação da nossa mente, em vez de estarmos de acordo com este século. Nesse trecho, Paulo declara, através de um paralelismo, que oferecer o corpo em sacrifício a Deus é um processo constante de renovação de quem nós somos a fim de experimentarmos uma nova vontade, que é a vontade de Deus.

Boa, perfeita e agradável não são as palavras que eu usaria para me referir ao ato de sacrificar e queimar um animal em adoração a Deus. Degolar um animal e deixar o sangue escorrer não parece bom, nem perfeito, nem agradável. O trabalho do açougueiro não é fácil. A maioria de nós gosta de comer carne e é acostumada à comida pronta, mas, quando vemos alguém matando uma galinha, nos apiedamos e, provavelmente, não conseguimos sequer comê-la. Sacrificar animais é uma tarefa bastante asquerosa. Contudo Deus diz que há uma vontade boa, perfeita e agradável que chega a nós através de um sacrifício, que é o corpo entregue a Deus por um processo de renovação de quem nós somos.

Você quer ser diferente do mundo? Você quer ser diferente desta era? Isso vai custar a entrega do seu corpo em oblação. Ser distinto do mundo vai custar quem você é e vai custar o seu corpo de, pelo menos, duas formas. Inicialmente, de forma literal: pode ser que exija o fim da sua existência física; possivelmente, custará o seu conforto físico; e, muito provavelmente, você usará seu corpo de um modo que vai prejudicá-lo. Quando lemos a história da Igreja, temos contato com longos relatos de martírio, de tortura e de perseguição aos crentes que abraçaram a fé. Hoje, quando falamos em martírio, pensamos no Oriente Médio, lembramos dos cristãos da janela 10/40 e imaginamos ambientes distantes dos nossos. Contudo, para o cristão do século 1, martírio era uma realidade que batia à porta. Os missionários que enviamos estão à disposição de Deus para que seus corpos sejam vilipendiados. No dia a dia, muitas vezes, nos sentimos incomodados quando alguém encosta em nós numa fila. Para mim, o mais desagradável de viajar de avião é ter que sentar na poltrona do meio, pois o espaço é estreito e, inevitavelmente, as pessoas que estão ao lado vão ficar encostadas em mim e eu ficarei constrangido. Os missionários, em contrapartida, por amarem a Deus, se colocam à disposição para serem torturados, feridos e agredidos fisicamente.

Você já brigou na rua, levou um murro, foi esfaqueado? Eu nunca levei uma facada, mas já tomei e dei alguns murros no treino de *muay thai*. Você já se queimou com uma panela ou com um ferro de passar? Sofrer fisicamente não é agradável e, certamente, é uma situação da qual fugimos constantemente. Aliás, basta uma dorzinha de cabeça para logo corrermos para os remédios que estão a nossa disposição. Por outro lado, os missionários que apoiamos, financiamos e pelos quais oramos são homens e

mulheres que, por amor a Deus, estão dispostos a morrer se for necessário. Há o risco de pensarmos que essa é uma atitude natural daqueles que são missionários. Todavia, no contexto primitivo, todo cristão estava diante dessa possibilidade. Converter-se a Cristo significava estar à disposição para que alguém os ferisse. Todos os doze apóstolos foram martirizados, assim como Jesus. Nós seguimos um Cristo que entregou o seu corpo para ser ferido a fim de que ele fosse a nossa cura e paz.

Atualmente, no Brasil, essa realidade não é impossível, pois vivemos numa sociedade que, em parte, acredita numa relação de opressor e oprimido. Por isso, muitas vezes, é considerado justo que aqueles que são vistos como opressores recebam o vilipêndio. A afronta como ato político seria um ato de libertação. O cristão é tratado como opressor numa cultura em que o cristianismo é uma religião dominante. Nessa condição, tudo justifica que o cristianismo seja insultado por causa do que representa socialmente. É normal, por exemplo, que, em uma manifestação na Universidade Federal da Bahia, haja uma faixa com a frase "Morte aos cristãos" – inclusive, a foto dessa faixa é a capa do meu perfil no *Facebook* e está lá para que ninguém esqueça que esse não é um relato do tempo primitivo, quando Domiciano matava cristãos por se recusarem a adorá-lo, mas aconteceu dentro de uma universidade federal do Brasil em 2019. Quando o *youtuber* Felipe Neto postou no *Twitter* sobre um missionário que se deslocou até uma ilha para pregar o evangelho e foi morto pelos nativos, muitos comentários tinham o mesmo tom de "bem feito para ele!". Para a nossa sociedade, o ódio que se manifesta contra a família de Deus é justificado, e não é muito difícil que apanhemos justificadamente.

Eu não tenho muitos relatos de agressão por causa da fé. A pior situação que me ocorreu foi uma tentativa de garrafada por um homem bêbado durante um evangelismo. Na época, eu era da Igreja Assembleia de Deus. Antes de tentar me atingir, o homem disse: "É por causa de pastor que o meu filho está preso. Se eu pegar um crente desse, *taco* fogo!". A garrafa de cerveja atingiu um muro perto de nós – ainda bem que bêbado não tem boa mira. Somente depois, eu descobri que o filho dele estava cumprindo pena por ter estuprado a filha do pastor. Também lembro que um rapaz foi ao lançamento do meu primeiro livro para me agredir. Ele era tão esperto que revelou seu plano e, por isso, não o deixaram entrar – novamente, que bom! Geralmente, as agressões que recebemos são "simbólicas". São agressões

morais, e muitas delas estão relacionadas ao campo acadêmico e profissional. Não é muito frequente, em nosso contexto, que alguém leve uma surra por ser crente, embora eu conheça jovens que apanharam dos pais quando disseram que queriam ser cristãos. Esses jovens e adolescentes, que cursavam o ensino fundamental e médio na época, precisavam ser frequentemente lembrados que, muitas vezes, valia a pena apanhar para seguir Jesus. Pode ser que, hoje, pareça uma bobagem apanhar dos pais, mas, se você teve uma infância semelhante à minha, sabe que isso era como o fim do mundo. Para uma criança ou um adolescente, apanhar dos pais por ter encontrado Cristo é aterrador; é a grande batalha, o grande martírio da vida naquele momento. Inúmeras pessoas tiveram o primeiro gostinho de perseguição dentro de casa, ainda jovens, e, apesar disso, muitos têm força moral para dizer que, ainda que o corpo sofra, vale a pena continuar professando o nome de Cristo.

Hebreus 11 apresenta uma grande história de homens que amaram a Deus e entregaram o próprio corpo para o sofrimento em nome do Senhor. Esse capítulo é a grande lista de heróis da fé que se sacrificaram fisicamente em nome de Deus, por exemplo: **"**Pela fé, Abel ofereceu a Deus um sacrifício mais excelente do que Caim, pelo qual obteve testemunho de ser justo, tendo a aprovação de Deus quanto às suas ofertas. Por meio da fé, mesmo depois de morto, ainda fala" (11.4). Por que Caim matou Abel? Porque o sacrifício de Abel foi aceitável a Deus, enquanto o de Caim não foi. O coração de Caim estava afastado de Deus e, ainda que, fisicamente, ele estivesse fazendo o mesmo que Abel, o seu interior não estava prostrado a Deus. O que ele faz? Ele se arrepende quando percebe a fé na vida do irmão? Não. Ele odeia e mata o seu irmão. Abel foi morto porque era crente, porque era santo e porque entregou um sacrifício aceitável perto de alguém que estava longe de Deus. Aquele que estava distante de Deus odiou a sua santidade. O preço que Abel pagou foi entregar a própria vida como sacrifício enquanto achava que oferecer alguns animais a Deus já valeria como oferta – na realidade, eles eram apenas o prenúncio do que Abel entregaria adiante. Ele foi imolado pelo seu próprio irmão por amar a Deus. Porque amava a Deus, o seu corpo foi destruído. Entretanto o texto afirma que, mesmo depois de morto, Abel ainda fala. O seu sangue ainda clama, declarando louvor ao nome de Deus, porque o sangue derramado louva o nome do Senhor.

Um dos pais da Igreja dizia que “cada ferida aberta era uma boca a mais a proclamar a glória de Deus”. Essa afirmação ilustra bem o quanto os cristãos sofriam fisicamente pela glória do Senhor. Hebreus 11.8,9 diz: “Pela fé, Abraão, quando chamado, obedeceu, a fim de ir para um lugar que devia receber como herança; e partiu sem saber para onde ia. Pela fé, peregrinou na terra da promessa como em terra alheia, habitando em tendas com Isaque e Jacó, herdeiros com ele da mesma promessa”. Habitar em tendas, naquela cultura, era o hábito de morar em uma instalação provisória e não muito agradável. Significava correr o risco de ter a sua moradia roubada, por isso não era o local mais adequado para viver. No momento em que Deus ordenou que Abraão saísse da sua terra e fosse para outro lugar, Deus estava dando ao corpo dele uma vida menos confortável. Abraão passou a ter uma vida mais dolorosa fisicamente e menos cômoda materialmente, porque ele creu na promessa de que, por meio dele, viria uma grande nação. Ele tinha uma casa para morar, mas abriu mão dela para dormir em barracas móveis para sempre a fim de vivenciar a promessa que Deus havia feito. O nosso corpo pode sofrer quando seguimos aquilo que Deus prometeu para nós.

Adiante, no verso 17, ainda sobre Abraão, o texto diz: “Pela fé, Abraão, quando posto à prova, ofereceu Isaque. Aquele que acolheu as promessas de Deus estava a ponto de sacrificar o seu único filho”. Porque Abraão creu, Isaque se entregou ao sacrifício. O relato não esclarece completamente, mas existe a possibilidade de que Isaque soubesse o que o pai iria fazer com ele. Possivelmente, Isaque se entregou de forma voluntária ao sacrifício. Abraão estava disposto a ver a morte diante de si porque ele acreditava no que Deus dizia. O trecho de Hebreus interpreta o relato de Gênesis revelando que Abraão tinha certeza de que Deus poderia ressuscitar Isaque. Você acredita que Deus pode ressuscitar alguém? Geralmente, acreditamos que, por meio dos médicos, Deus pode reviver alguém no momento imediatamente seguinte à morte. No máximo, existe um momento de emoção em volta do corpo sem vida, com a esperança de que Deus ainda possa fazer o que a medicina não é capaz. Mas, depois que Abraão matasse Isaque, o cadáver seria colocado em chamas. Ainda assim, o pai tinha a fé de que Deus poderia tomar as cinzas de Isaque e transformá-las em seu filho novamente. Abraão tinha a fé de que Deus poderia usar isso para a glória do seu nome.

Passemos aos versículos 23 a 26, que falam sobre Moisés: “Pela fé, Moisés, depois de nascer, foi escondido por seus pais durante três meses, porque viram que era um menino bonito e não temeram o decreto do rei. Pela fé, Moisés, sendo homem feito, recusou ser chamado filho da filha de Faraó, preferindo ser maltratado junto com o povo de Deus a usufruir prazeres transitórios do pecado. Ele entendeu que ser desprezado por causa de Cristo era uma riqueza maior do que os tesouros do Egito, porque contemplava a recompensa”. Moisés era um dos homens mais importantes do mundo, naquela época, mas se recusou a ser neto do Faraó, filho da filha de Faraó, porque preferiu estar junto de escravos e ser maltratado com o povo de Deus para não usufruir dos prazeres efêmeros do pecado. Por não querer o pecado, Moisés sofreu: em vez de dormir no palácio, o lugar mais opulento de seu tempo, ele dormia com os escravos, perto dos chicotes e de homens doentes e trabalhadores. O que a santidade cobra para o seu corpo? Quais são os sofrimentos físicos que você sofre por ser santo? Os versos 35 a 38 narram: **“**Alguns foram torturados, não aceitando seu resgate, para obterem superior ressurreição; outros, por sua vez, passaram pela prova de zombarias e açoites, sim, até de algemas e prisões. Foram apedrejados, serrados ao meio, mortos ao fio da espada. Andaram como peregrinos, vestidos de peles de ovelhas e de cabras; passaram por necessidades, foram afligidos e maltratados. O mundo não era digno deles. Andaram errantes pelos desertos, pelos montes, pelas covas, pelos antros da terra”.

Nós temos uma grande nuvem de testemunhas, homens e mulheres que sofreram fisicamente pelo Deus que eles amavam, pela fé que lhes cobrou a entrega do corpo para o sofrimento, a dor, o vilipêndio, a tortura. Quando conhecemos a história de missionários e mártires e vemos o que eles passaram por causa do evangelho, encontramos uma multidão de pessoas que consideraram a própria existência menos valiosa que a salvação dos perdidos. É possível que você aceite de bom grado quando o cristianismo cobra o namoro, o tempo, o dinheiro, mas, quando o cristianismo cobrar o seu corpo, a sua vida, você estará disposto a seguir Cristo até a morte? Vivemos em um maravilhoso contexto de liberdade religiosa, mas que nem sempre existiu e nem sempre vai existir. O livro de Apocalipse menciona um tempo no qual nós seremos perseguidos, e quem nos matar acreditará estar prestando um serviço a Deus. Os modelos políticos de poucos séculos atrás matavam e perseguiam cristãos, especialmente aqueles que não se submetiam à força política. Por exemplo, na Alemanha, no Terceiro Reich, os cristãos

da Igreja Confessante, que se opunham à igreja dos cristãos alemães de Hitler, eram mortos. Dietrich Bonhoeffer, um grande teólogo e escritor estudado nos seminários de Teologia, foi morto a mando da Gestapo. Na Rússia comunista, a Igreja Ortodoxa Russa foi perseguida, e 12 milhões de cristãos foram mortos. No Camboja, o revolucionário e político Pol Pot matou um terço do país. Neste exato momento, cristãos estão sendo assassinados no mundo inteiro. Hoje, vivemos em paz, mas os nossos missionários, um dia, talvez não vivam. Pode ser que Deus levante você para sair de um ambiente seguro e correr para onde a batalha é mais intensa.

Será que nós apoiaríamos os nossos colegas se eles decidissem ir para um lugar onde serão perseguidos como criminosos simplesmente porque pregam o evangelho? Será que nós nos importamos com os ambientes nos quais cristãos estão sendo perseguidos e torturados para renunciarem a fé e abandonarem Cristo? Presume-se que, no século 20, morreram mais cristãos perseguidos no mundo do que nos dezenove séculos anteriores, e que vivemos na época em que mais se persegue e mata cristãos no mundo. Estamos falando de hoje. Existe a possibilidade de essa realidade bater à nossa porta, dependendo das revoluções políticas que acontecerem. Ela pode bater à porta dos nossos filhos ou netos e precisamos prepará-los para isso. Mas você só vai prepará-los se você crer nisso. É possível que Deus levante pessoas para campos missionários de perseguição, dor e dificuldade. Teremos força para apoiar aqueles que estão dispostos a sofrer? Você apoiará quem está disposto a entregar o corpo por Cristo apenas se você mesmo acreditar que essa é uma escolha coerente e que, ainda que abram sulcos na sua pele e na sua alma, a eternidade diante de Deus estará garantida. Se nós não acreditarmos nisso, nunca seremos como a nuvem de testemunhas que está na arquibancada, olhando para nós, da qual Hebreus 12.1,2 fala: “ Portanto, também nós, visto que temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas, livremo-nos de todo peso e do pecado que tão firmemente se apega a nós e corramos com perseverança a carreira que nos está proposta, olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, sem se importar com a vergonha, e agora está sentado à direita do trono de Deus”.

Temos uma comunidade de pessoas que foram mortas em nome de Deus e que, diante dele, torcem pelos santos. Antes de chegarmos lá, devemos nos desembaraçar do peso do pecado que tanto assola o nosso

corpo. Paulo fala sobre isso em 1Coríntios 15, mas se referindo ao próprio ministério. Em 1Coríntios 15.30-34, Paulo discorre a respeito da doutrina da ressurreição: "E por que também nós nos expomos a perigos a toda hora? Dia após dia, morro! Eu afirmo isso, irmãos, pelo orgulho que tenho de vocês, em Cristo Jesus, nosso Senhor. Se, como homem, lutei em Éfeso contra feras, qual foi o meu proveito? Se os mortos não ressuscitam, 'comamos e bebamos, porque amanhã morreremos'. Não se enganem: 'As más companhias corrompem os bons costumes.' Voltem à sobriedade, como convém, e não pequem. Porque alguns ainda não têm conhecimento de Deus. Digo isto para vergonha de vocês".

O apóstolo pergunta: se não existe ressurreição dos mortos, então por que nos expomos ao perigo constantemente? Paulo corria riscos porque ele cria na ressurreição. Ser crente é perigoso. Se você deseja viver em segurança e ter controle total da sua vida, procure outra resposta, não o cristianismo. Ser cristão de verdade vai cobrar que você passe pelo que Paulo descreve como "morrer todo dia". Lutar com feras não é uma metáfora para enfrentar pessoas irritadas. Para que pudesse pregar o evangelho em Éfeso, Paulo realmente enfrentou um animal selvagem.

Nós, cristãos, temos medo de fazer parte de obras missionárias perigosas. Eu costumo levar os meus alunos do seminário para a Praça do Ferreira, no centro de Fortaleza, durante a disciplina de Evangelismo. Tenho sempre a mesma conversa com eles: "Nós vamos, mas eu não posso garantir a segurança de ninguém. Fiquem em duplas, não deixem nenhuma mulher sozinha, não sigam ninguém, não entrem em becos escuros. Mas saibam que a gente pode não voltar." Na primeira vez que fui ao local, ainda sem saber como seria a experiência, minha esposa perguntou a que horas eu voltaria para casa. Minha resposta foi: "Amor, eu não sei se volto. Ore para que eu volte". Muitas vezes, enquanto cristãos, temos que nos colocar em circunstâncias de risco, ter atitudes que ninguém teria, receber pessoas que outros não receberiam. Tudo pelo bem do evangelho. Muitos vão dizer que algumas situações são exageradas e radicais, e que o próprio Deus não as aprovaria. Mas ele ordenou que entregássemos o nosso corpo e que nos afastássemos daqueles que tentam nos convencer do contrário.

O verso 33 nos fala a respeito da doutrina da ressurreição e da sua aplicação à vida prática: "Não se enganem: 'As más companhias corrompem os bons costumes'". Nós vemos e convivemos com pessoas que tentam nos

convencer de que nosso corpo é importante e que ele deve ser preservado, embelezado e exposto. Começamos a acreditar que não vale a pena entregar o corpo para Deus e que nem ele próprio faz esse pedido. Assim, por medo do perigo, pais desencorajam os filhos a abraçarem a causa missionária. Com isso, eles ensinam que eles mesmos são a fonte de cuidado e segurança e que não vale a pena sacrificar tudo isso pelo Deus vivo. Eles querem que os filhos vivam um cristianismo controlado, dentro de uma linha protetora, esquecendo que, muitas vezes, Deus nos chama para o perigo a fim de que as boas novas sejam pregadas.

A cena mais bonita do atentado de 11 de setembro – aliás, a única – é a dos bombeiros correndo ao encontro da torre que estava caindo, enquanto todos ao redor iam para longe da explosão. No momento em que alguns fugiam, outros seguiam em direção ao perigo. Nós somos as pessoas que correm em direção à batalha, que se entregam ao combate. Entre Jerusalém e Jericó, havia uma estrada conhecida popularmente como "via sangrenta". Ela recebera esse nome por ser um dos caminhos mais perigosos e íngremes daquela época. Jesus cria uma história sobre um judeu que foi roubado, espancado e deixado para morrer ali. Logo após o acontecimento, um sacerdote passa perto do local, vê a vítima, mas sai correndo por se tratar de um lugar muito perigoso. Posteriormente, um levita passa pelo local, também sem parar para ajudar. Por fim, um samaritano que está do outro lado da rua vê o homem caído e vai em sua direção. Era muito provável que aquilo fosse um golpe e que ele fosse roubado também, mas o samaritano se coloca em risco para salvar alguém que, teoricamente, poderia ser um prejuízo para ele.

É provável que você não seja perseguido fisicamente, mas há uma segunda maneira de louvar a Deus com o nosso corpo e continuar entregando-o a ele como sacrifício racional: devemos oferecer o nosso corpo à santificação para que Deus seja louvado. Vejamos o que 1Coríntios 6.13-15 diz: "Porém o corpo não é para a imoralidade, mas para o Senhor, e o Senhor, para o corpo. Deus ressuscitou o Senhor e também nos ressuscitará pelo seu poder. Vocês não sabem que o corpo de cada um de vocês é membro de Cristo? E será que eu tomaria os membros de Cristo e os faria membros de uma prostituta? De modo nenhum!". Nesse último verso, eu acredito que Paulo se dirige aos coríntios que escreveram a primeira carta a ele. No verso 18, ele afirma que qualquer outro pecado é fora do corpo

como uma resposta aos que lhe haviam escrito: “Fujam da imoralidade sexual! Qualquer outro pecado que uma pessoa cometer é fora do corpo; mas aquele que pratica imoralidade sexual peca contra o próprio corpo. Será que vocês não sabem que o corpo de vocês é santuário do Espírito Santo, que está em vocês e que vocês receberam de Deus, e que vocês não pertencem a vocês mesmos?”.

Deus deseja ser louvado através de uma entrega em adoração no corpo. Fazer isso é usar o corpo para fugir do pecado a fim de agir na produção do que é santo. No capítulo 6, Paulo fala diretamente sobre o sexo que acontece fora do casamento – quer seja antes do matrimônio, quer seja numa relação de adultério. Os coríntios intentavam justificar a sua vida de libido desenfreada com a seguinte declaração, citada no verso 13: “Os alimentos são para o estômago, e o estômago existe para os alimentos”. A analogia que eles tentavam compor ao discutir com Paulo é a de que Deus nos deu desejos sexuais e também nos deu o sexo, sendo assim, se eu tenho fome e como, por que não posso saciar minhas necessidades sexuais simplesmente me entregando àquilo que satisfaz os meus desejos? Não foi Deus quem me deu esses desejos? Então por que eu não posso saciá-los quando tiver interesse? A resposta de Paulo é esta: “Mas Deus destruirá tanto o estômago quanto os alimentos”.

O primeiro argumento do apóstolo é que não podemos acreditar que os nossos desejos justificam os nossos atos, porque há um Deus que vai destruir o desejo pecaminoso. Inúmeras vezes, agimos como animais, crendo que a vontade justifica a ação e, se há um apetite dentro de mim, isso legitima que eu aja de acordo com ele. Então, se uma moça está apaixonada por um rapaz, qual é o problema em ir atrás dele, mesmo que ele seja descrente, mesmo que ela não tenha interesse em casar, mesmo que ela só queira satisfazer um desejo físico? Se você tem algum desejo por seu(sua) namorado(a), por que isso não explica, eticamente, o ato de saciar o desejo sexual com ele(a)? O que Paulo explica é que Deus promete a destruição tanto do estômago quanto do alimento. Nós não nos entregamos aos nossos anseios porque há um Deus que destruirá aquele que se entrega ao desejo pecaminoso. Há uma destruição prometida quando vivemos para satisfazer todos os nossos interesses.

O texto nos mostra que Deus, de fato, fez as nossas vontades, mas ele não as fez para a impureza, ou seja, para serem usadas contra ele, mas para

ele; e Deus, para o nosso corpo. Ele construiu o nosso corpo como um altar de adoração, como instrumento de louvor ao nome dele. Ser cristão vai lhe cobrar um sacrifício das vontades do seu corpo. Vai cobrar que você abandone o interesse hedonista para passar a agir como Deus deseja, porque o seu corpo não é seu para que você administre como quiser. Ele deve ser usado como altar de adoração ao nome do Senhor, porque você foi feito pelo Senhor, e Deus se dá ao seu corpo.

O verso 15 de 1Coríntios 6 questiona: "Vocês não sabem que o corpo de cada um de vocês é membro de Cristo? E será que eu tomaria os membros de Cristo e os faria membros de uma prostituta? De modo nenhum!". O seu corpo é parte do corpo de Jesus, tendo em vista que somos todos uma grande comunidade que se une em um único corpo, que é o próprio Cristo. Na continuação do trecho, Paulo produz uma imagem muito forte: quando eu me uno sexualmente a alguém, eu me torno uma só carne, um só corpo, com essa pessoa, mas, se eu sou corpo de Cristo e me uno sexualmente a alguém que não é meu cônjuge, o que eu estou fazendo? Eu estou unido o corpo de Jesus ao da prostituta. Eu ligo o corpo de Jesus ao corpo do pecado. Eu trago Cristo para meu ato libidinoso. Paulo pretende gerar o imaginário do absurdo que é trazer o corpo de Jesus à participação do pecado sexual. No momento em que um cristão se entrega a uma satisfação trivial dos desejos físicos, o que ele faz é, metaforicamente, levar Jesus a um ambiente de pecado, pois não está agindo em congruência com o seu cristianismo e está ofendendo diretamente a igreja. Ele também ofende diretamente a si, pois, em vez de usar o seu corpo como louvor e instrumento de Deus, ele o utiliza para uni-lo ao pecado. A metáfora de sermos um único corpo é destruída quando o pecado ocupa o nosso ser.

Provavelmente, é por essa razão que o pecado sempre nos afasta da igreja, quando vivido continuamente e sem arrependimento. Uma vida de pecado nos faz ter vergonha de estreitar o relacionamento com outros crentes, pois temos a consciência de estar maculando o corpo. Por isso, fugimos. Quando um casal de namorados inicia a vida sexual antes do casamento, a primeira consequência é o afastamento. Eles param de ir aos cultos, se afastam das amizades e começam a se isolar, porque a certeza do pecado contra o corpo da igreja e o corpo de Cristo envergonha e impede a comunhão mais firme. Em vez de correrem para o corpo, com arrependimento e em busca de ajuda, as pessoas fogem da igreja para

viverem o pecado sem a consciência ofendida. Sacrificar as vontades do corpo, como a vida com Cristo requer, é difícil, principalmente para jovens casais não casados.

Na adolescência, eu assisti à novela *O clone* e fui profundamente marcado por uma cena em que um personagem dependente químico dizia que, se o filho perguntasse a ele como era a experiência de usar drogas, ele não diria que era ruim, mas que era boa. Ele diria que a droga é uma das maravilhas da vida, mas que ela destrói e mata. Do contrário, no dia em que o filho experimentasse alguma droga, o rapaz descobriria que era algo muito bom e deixaria de acreditaria no pai. O que esse homem estava dizendo era que, mesmo que a droga seja uma boa experiência, é algo ruim. Muitas vezes, aquilo que nos faz mal é bom – se fosse ruim, ninguém iria querer.

Em um primeiro momento, o pecado que Satanás oferece se apresenta como bom. É como a primeira tragada do crack ou a primeira injeção de heroína – ativa o cérebro e é fisicamente agradável. Mas, tal como a droga, destrói o seu corpo e a sua vida. O pecado destrói o seu relacionamento com Deus. Eu não vou dizer que, quando eu e minha esposa éramos namorados, eu não sentia vontade de fazer sexo antes do casamento. Eu tenho plena convicção de que casamos virgens apenas porque a Isa foi crente e nos impediu de pecar nessa área. Eu também tenho certeza de que, se eu tivesse pecado no meu namoro, teria tido experiências melhores em termos táteis, mas o meu relacionamento com Deus teria sido muito mais destruído e maculado do que foi. Homens e mulheres casados também enfrentam tentações, sobretudo quando o casamento não está saudável. Satanás busca, de todas as formas, apresentar possibilidades de satisfação que não foram encontradas no matrimônio. Por essa razão, conheço muitos homens, crentes e descrentes, que destruíram o casamento simplesmente porque acharam, em outra mulher, a satisfação para o corpo. Um cristão verdadeiro, ou seja, alguém que, de fato, encontrou Jesus, acredita que vale a pena o sacrifício do seu conforto em nome da santificação, ainda que surjam muitas oportunidades para encontrar novas satisfações.

Com muita sinceridade, eu digo que, se o seu namoro tivesse sexo, ele seria muito mais agradável e divertido do que é agora. Largar a esposa e procurar a colega de trabalho poderia ser bem melhor do que permanecer casado por quarenta anos com a mesma mulher. No entanto nós não vivemos para satisfazer os desejos, mas para sacrificar o corpo e entregá-lo a Deus.

Isso vai doer, vai ser difícil. Você vai questionar por que está se privando de todas as possibilidades que a vida oferece. A resposta será: Deus criou o seu corpo para ele. Você vai sacrificar o que for necessário, mesmo com dor e lágrimas, para que Deus seja glorificado.

O verso 18 ordena: “Fujam da imoralidade sexual! Qualquer outro pecado que uma pessoa cometer é fora do corpo; mas aquele que pratica imoralidade sexual peca contra o próprio corpo”. Paulo está exortando os coríntios ao dizer que aquele que pratica imoralidade peca contra o corpo que Deus criou: “Será que vocês não sabem que o corpo de vocês é santuário do Espírito Santo, que está em vocês e que vocês receberam de Deus, e que vocês não pertencem a vocês mesmos?”. A partir do momento em que encontramos Jesus, nós não nos pertencemos mais. Não podemos fazer com o nosso corpo aquilo que Deus proíbe, pois agora vivemos de acordo com a vontade dele. Nós somos, diretamente, santuários do Espírito.

Todos sabem que o prédio da igreja não é santo, é apenas um local em que os crentes se reúnem. Ainda assim, ficaríamos chocados se descobríssemos que alguém usou o local para atos pecaminosos, porque esse é um ambiente que dedicamos às práticas religiosas. Diferentemente do auditório onde cultuamos, o nosso corpo é, de fato, o local onde o Espírito Santo habita. Deus mora dentro de nós. Quando escolhemos o pecado sexual, estamos manchando a imagem de Deus e levando o Espírito, que habita em nós, para o pecado. Nós somos santuário e não podemos transformar o nosso corpo em um prostíbulo do Espírito Santo. Isso é uma blasfêmia, é desonrar o habitar do próprio Deus. O nosso corpo foi comprado pelo Senhor, custou a morte do filho de Deus na cruz. Por isso, glorifique a Deus com o seu corpo. Isso não significa diminuir o carboidrato e a gordura trans ou se exercitar pela manhã. Louvar a Deus com o nosso corpo é correr para longe dos convites de satisfazer os nossos desejos.

Encerro este capítulo com três promessas. A primeira: o sacrifício físico do corpo, em nome de Deus, vale a pena porque receberemos um novo corpo. Há uma promessa de uma nova terra, um céu de glória e um novo corpo no qual encontraremos prazer em Deus. O texto de 1Coríntios 15, a partir do versículo 35, nos mostra um longo relato de Paulo a respeito do corpo. Ele diz que, quando morremos, a nossa parte imaterial é dividida da nossa parte material, mas, quando Jesus retornar no fim dos tempos, a nossa porção material será restaurada, glorificada e, então, crentes e descrentes

vão se unir novamente com a parcela imaterial. Isso significa que o descrente não vai sofrer eternamente no inferno como um fantasma, mas com um corpo. E esse corpo será tão físico quanto o de agora – ou mais físico ainda.

Os santos estarão diante de Deus com um novo corpo, extremamente glorificado, e vão louvar a Deus recebendo prazer que vem de Deus. Nós não seremos espectros. Todas as bênçãos que perdemos no corpo de hoje serão multiplicadas no novo corpo quando estivermos com Deus: as nossas papilas gustativas vão funcionar como nunca imaginamos, a nossa visão será infinitamente melhor e teremos contato físico com a existência que sequer conseguimos descrever. Nós temos um corpo físico fraco, mas, em Deus, teremos um corpo extremamente forte e incorruptível, pois vencerá a morte, como afirmam os versos: "Porque é necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que o corpo mortal se revista da imortalidade. E, quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade e o que é mortal se revestir de imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: 'Tragada foi a morte pela vitória'. [...] Graças a Deus, que nos dá a vitória por meio de nosso Senhor Jesus Cristo" (1Co 15.53, 54, 57). Vale a pena sacrificar seu corpo por Deus, porque o próprio Deus vai garantir um novo corpo pela eternidade com ele. Todos os prazeres que perdemos no corpo de hoje serão compensados no corpo eterno.

A segunda promessa é que Jesus vê beleza no corpo que sofre por ele. Isaías 52.7 é um dos textos missionários mais famosos: "Quão formosos são sobre os montes os pés do que anuncia boas-novas, que faz ouvir a paz, que anuncia coisas boas, que faz ouvir a salvação, que diz a Sião: 'O seu Deus reina!'". O texto em hebraico traz a ideia de pés literalmente bonitos. Mas você sabe que não existiam havaianas nem tênis da Nike com amortecimento no período antes de Cristo. Nessa época, as pessoas geralmente andavam descalças por quilômetros para pregar o nome de Deus. Os pés de alguém que anuncia as boas novas sobre montes e pedregulhos é um destroço. Mas Deus vê beleza no pé que se deforma pela pregação do evangelho, ou seja, ele vê beleza no sacrifício em que o mundo vê feiura. O mundo pode achar que você fica mais feio(a) porque se veste como crente, mas Deus vê beleza quando você glorifica o nome dele. O mundo pode achar ridículo que você não satisfaça os interesses do seu próprio corpo, mas Deus

vê algo maravilhoso em um corpo que sacrifica os prazeres por ele. A tortura, o martírio, a perseguição física são amedrontadores, mas Deus vê formosura no corpo surrado pelo nome de Jesus.

Por último, precisamos encontrar consolo no fato de que Jesus deu o seu corpo por nós em dois sentidos: ele sofreu fisicamente na cruz e também guardou o corpo em oferta a Deus. O corpo santo de Cristo, que nunca conheceu pecado, foi sacrificado pela nossa santidade. É possível que você já tenha afetado bastante o seu corpo e ele esteja maculado por causa do pecado. Mas há um Cristo que nunca se entregou ao erro, que nunca pecou. Ele entregou o próprio corpo em sacrifício na cruz a fim de que crêssemos nele pela fé e, consequentemente, para que toda a desgraça que já fizemos com o nosso corpo passasse para o corpo dele. Todas as vezes em que nós usamos o corpo para as nossas satisfações se tornaram pecado de Jesus na cruz a fim de que, quando cremos nele pela fé, Deus olhe para o nosso corpo e veja beleza, pureza e santidade. O seu corpo pode ter sido marcado pelo pecado, mas, se você tem Cristo, o seu corpo é limpo por ele diante de Deus. Se somos limpos por ele, então vivamos no caminho da pureza e nos esforcemos para entregar o nosso corpo ao Deus vivo para que ele seja um grande altar de glória ao nome do Senhor.

6. ABANDONANDO A FAMÍLIA POR JESUS: OS DESAFIOS DE UMA NOVA CASA DE FÉ

Você ama a sua família? Embora a resposta possa ser negativa, o mais comum é que as pessoas se apeguem ao núcleo familiar. Todos nós nascemos de uma família, tendo em vista que, inevitavelmente, duas pessoas tiveram que coabitar para que viéssemos à existência. Normalmente, isso ocorre dentro de um casamento, com duas pessoas que se uniram para criar uma nova vida. Nascemos em uma família, somos criados dentro da família e crescemos em família. Casais que, por algum motivo, não conseguem ter filhos e desejam adotar uma criança precisam de uma família que seja biologicamente apta para ter uma prole.

Novas configurações de famílias com duplas homossexuais também precisam de casais heterossexuais e fecundos se querem adotar. Todos nós, naturalmente, nos identificamos com um pequeno núcleo de proteção chamado família. Na historiografia antiga, compreende-se que os seres humanos começaram a se dividir em famílias, criaram, então, os clãs. Os clãs se tornaram feudos, que, por conseguinte, se tornaram cidades e, depois, cidades-estados até chegarmos ao contexto nacional atual. Os homens procuram, na família, um ambiente formador de unidade, e ela é uma força ontológica por si só. Costuma-se dizer, nos círculos mais liberais, que a menor minoria é o indivíduo, mas a família é uma estrutura tal que não consegue ser reduzida ao indivíduo, porque, se tentarmos reduzi-la para além de suas funções, a perderemos. Se tiramos a mãe de seu papel de mãe, o filho de seu papel de filho e o pai de seu papel de pai, desviaremos a estrutura familiar da sua simplicidade irredutível, na qual temos um homem e uma mulher potencialmente fecundos que buscam criar uma prole.

Somos ensinados a amar nossas famílias, embora, algumas vezes, não a amemos e desprezemos o ensino dos nossos pais. Vivemos numa época em que os seres humanos sem afeição natural entregam seus filhos à morte ainda no ventre e lutam pelo direito de matar os seus bebês ainda não nascidos, quando o normal é que a família seja um dos nossos núcleos formadores. No livro de Mateus, Jesus fala de família, mas ele trata do assunto no extremo oposto do que imaginamos que ele faria: "Um irmão entregará à morte outro irmão, e o pai entregará o filho. Haverá filhos que se levantarão contra os seus pais e os matarão. Todos odiarão vocês por causa do meu nome; aquele, porém, que ficar firme até o fim, esse será salvo. [...] Não pensem que eu vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada. Pois vim causar divisão entre o homem e o seu pai; entre a filha e a sua mãe e entre a nora e a sua sogra. Assim, os inimigos de uma pessoa serão os da sua própria casa. Quem ama o seu pai ou a sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; quem ama o seu filho ou a sua filha mais do que a mim não é digno de mim; e quem não toma a sua cruz e vem após mim não é digno de mim. Quem acha a sua vida a perderá; e quem perde a vida por minha causa, esse a achará" (Mt 10.21, 22, 34-39).

Essa é uma forma muito dura de falar sobre família. Jesus, em seu chamado do evangelho, diz que nós temos que amá-lo mais do que aos nossos parentes. Ele afirma que nós devemos tê-lo como muito mais valioso do que qualquer aliança de sangue. Não é à toa que, quando a família de Jesus chega para encontrá-lo na Galileia enquanto ele está rodeado de multidões, inacessível à própria família, alguém diz: "A sua mãe e os seus irmãos estão lá fora e querem vê-lo" (Lc 8.19), ao que Jesus responde: "Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a praticam" (8.21).

Para Jesus, existe uma aliança muito maior do que as unidades de sangue, que é o laço daqueles que estão juntos seguindo o caminho do Cordeiro. Existe uma irmandade que se estabelece em termos de igreja que, para Jesus, é superior à irmandade familiar. Portanto não somos só como uma família, nós somos mais do que isso, tendo em vista que a unidade que encontramos como igreja, como membros do corpo de Cristo, é superior à ligação que deve existir entre pais e filhos e entre irmãos. Nós somos irmãos no sangue de Cristo, o que é muito maior do que a ligação biológica que existe entre duas pessoas que nasceram da mesma mãe. Nós nascemos do

Espírito, nós nascemos do sangue de Jesus, e isso nos une em um novo corpo familiar muito superior à própria família natural, ainda que esta deva continuar a ser amada e honrada.

Normalmente, as pessoas imaginam Jesus como alguém que veio para pacificar, contudo ele próprio afirma que não veio para trazer paz, mas para trazer espada. Por isso, uma das consequências da vinda de Jesus é um ambiente menos pacífico. Jesus está dizendo que as famílias teriam mais paz se ele não existisse, que as famílias seriam mais viveriam melhor se ele nunca tivesse nascido. Mas o que significa "trazer espada"? Significa que, agora, espadas seriam desembainhadas dentro dos núcleos familiares: "Um irmão entregará à morte outro irmão, e o pai entregará o filho. Haverá filhos que se levantarão contra os seus pais e os matarão. Todos odiarão vocês por causa do meu nome" (Mt 10.21). "Por causa do meu nome" quer dizer que, diretamente por causa de Jesus, pessoas matarão os próprios irmãos. O livro *O Arquipélago Gulag* relata um contexto no qual era comum o governo incentivar que as pessoas denunciassem parentes por crimes contra o Estado. Outro livro que trata sobre o assunto é o clássico de George Orwell, *1984*, o qual mostra a naturalidade com que filhos denunciavam os pais ao Grande Irmão, que sempre os vigiava, porque eles não queriam ser cúmplices dos atos contra o governo.

No período de ateísmo de Estado na Rússia ou mesmo na China comunista, alguns familiares, amigos e vizinhos eram os piores inimigos possíveis, porque estavam próximos, vendo tudo o que acontecia. Certa vez, eu conversei com um pastor romeno que teve o muro de casa derrubado por tratores do governo quatro vezes por causa das reuniões ilegais das igrejas em seu lar. Quem o denunciava ao governo eram os vizinhos, por medo de também serem punidos pela desobediência à fé civil estabelecida. A fé trará inimigos dentro da nossa própria casa. Ir a Cristo pode deixar o seu lar menos pacífico. Um irmão entregar o outro à morte não é simplesmente estar desconfortável com a fé do outro, mas é evocar o que aconteceu com Caim e Abel, que é descrito em Gênesis 4.1-8. Abel entrega sacrifícios a Deus que são aceitáveis, enquanto Caim, com o coração cheio de malícia, não louva a Deus de forma correta. Caim tem inveja de Abel e mata o irmão por causa da fé. Abel tinha um irmão, mas Caim tinha o pecado, e isso fez com que um irmão se levantasse contra o outro e cometesse assassinato. Porque o irmão era aceito por Deus, Caim preferia a morte dele.

Em um país com liberdade religiosa, o seu irmão descrente dificilmente entregará você à morte, mas é possível que você tenha oposição dentro da própria casa por parentes que, outrora, eram cúmplices de pecados, mas que, ao verem você no caminho da fé, atrapalham em vez de dar apoio. O texto bíblico declara que um pai entregará o filho à morte e os filhos se rebelarão contra os pais e os matarão por causa do nome de Jesus. Lembro-me da história de Absalão (2Samuel), na qual, intentando contra o trono de Davi, ele se volta contra a vida do pai e acaba morto pelo próprio Deus, porque o rei era um homem segundo o coração de Deus. Portanto nem sempre o evangelho trará paz, embora às vezes possamos ouvir testemunhos verdadeiros nesse sentido. A mensagem de Cristo, de fato, pode trazer uma paz interna que o mundo não é capaz de oferecer, mas não existe promessa de paz externa. Tudo pode, inclusive, piorar. Estamos nos sujeitando a uma existência mais difícil no caminho da fé, ainda mais quando a paz é um dos grandes ídolos do nosso tempo. As pessoas não querem ser incomodadas, elas só querem ser deixadas em paz. Tenho alguns amigos descrentes que consideram como uma das maiores ofensas alguém dizer que eles estão errados. A verdadeira amizade é aceitar o outro sem questionar, diz o mundo, entretanto, quando encontramos Cristo, nós não somos inquestionavelmente aceitos. Os homens podem nos zombar e, em nossa própria casa, podemos encontrar ira, dificuldade e morte.

Vale a pena perder a paz dentro da sua própria estrutura familiar por causa do evangelho? Vale a pena perder o afeto dos nossos pais por causa disso? No GAP (missão evangelística em escolas e faculdades do Nordeste), é muito comum encontrarmos um ou dois adolescentes que creem em Cristo, mas que não podem contar para os pais, pois são ameaçados de expulsão de casa. Esses adolescentes não tem coragem para desafiar os pais. O único ambiente de fé que eles encontram são as reuniões feitas na escola, pois não podem ir à igreja. Geralmente, os jovens não têm coragem de enfrentar os pais a ponto de aceitarem morar na rua para seguir Jesus. Como adultos, nós deveríamos ter a força moral de olhar para as nossas famílias com bravura para encarar as oposições. Em outro contexto, quando os filhos abandonam a fé muçulmana, muitos pais os entregam ao estado islâmico. Abandonar o islamismo é cometer o pecado da apostasia e isso é passível de morte em certas comunidades. Algumas pessoas estão enfrentando os pais e encontrando a morte por causa do nome de Cristo, e essa não é simplesmente uma morte metafórica semelhante a ser bloqueado no *Instagram*, mas é ter a

cabeça arrancada a golpes de machado simplesmente por ter sido contra a fé da família.

Jesus profetizou que seremos odiados por causa de seu nome, mas esse ódio não é aquele que provocamos nas pessoas quando somos inconvenientes. Muitos dizem sofrer perseguição no trabalho, contudo a verdade é que essas pessoas são desagradáveis e só sabem criticar todos. Alguns reclamam que não são entendidos ou aceitos pelos pais, porém esses mesmos filhos são chatos, turrões e briguentos. Por vezes, somos perseguidos porque merecemos, mas, mesmo quando nos portamos de forma socialmente aceitável, a manifestação da nossa fé é ofensiva para algumas pessoas. Em determinados momentos, seremos perseguidos por todos, em vários ambientes distintos, por causa do nome de Jesus. Certamente, um desses lugares será aquele que deveria ser o nosso porto seguro, pois esperamos encontrar em casa o descanso das dores da vida. Mas, para muitos, a própria casa é o lugar de batalha mais intensa.

Pode ser que sua família dificulte a sua vida de santidade, oferecendo constantemente o pecado, mas aquele que perseverar até o fim será salvo. A salvação é oferecida para o que persevera e permanece até o fim. Esse "até o fim" possivelmente não significa até o fim dos tempos, mas até a morte. Jesus está falando sobre familiares que matam, portanto aquele que suportar com firmeza até a hora da sua morte encontrará salvação. A salvação não é oferecida, simplesmente, para alguém que resolve ir embora de casa, mas para quem resiste. Por que as pessoas acham que, se elas casarem ou forem morar sozinhas e pagarem as próprias contas, a perseguição familiar vai terminar? Ela não termina. As reuniões de família ainda existirão, as conversas com a mãe e outros familiares permanecerão e, além disso, a família tem uma poderosa influência sobre a vida e a fé das pessoas, mesmo quando elas não estão morando na mesma casa. Sendo assim, não adianta fugir achando que isso vai dar forças para resistir à perseguição. Sair de casa não é a chave para vencer a covardia e ter forças para suportar a perseguição dos pais. Esse tipo de pensamento se assemelha a acreditar que o casamento soluciona a fornicação, o vício em pornografia ou a masturbação.

De certa forma, é mais fácil viver sem precisar dar satisfações a ninguém, mas o diabo ainda leva pessoas sem Deus a se oporem à sua vida de fé. Em vez de fugir, é necessário enfrentar. Isso não significa enfrentar os

pais, mas enfrentar a descrença, a perseguição, a dor da alma e a necessidade de aprovação humana. Pessoas que depositaram a paz, a felicidade e a autoimagem na opinião da família passam a se enxergar pelos olhos dos parentes e a acreditar no que eles dizem. Elas acabam enfraquecidas, porque não têm força para perseverar. Jesus realmente veio para que algumas pessoas sejam hostis. Parte do ministério dele foi nos fazer odiáveis pelos mais próximos. Ele veio para nos tornar pessoas tão diferentes que o mundo sem Deus pode nos detestar, aparentemente, sem razão.

Esta é exatamente a afirmação feita a respeito de Jesus: "Odiaram-me sem causa" (Jo 15.25). Muitos são odiados sem motivo. A fé é o bastante para que sejamos tratados como inferiores. Nós não devemos nos espantar, pois Jesus veio exatamente para isso. O estranho é que seja diferente disso. Chocante é que a mãe descrente beije a bochecha do filho cristão, o irmão ímpio sente com o irmão crente à mesa, o cônjuge que não crê em Deus continue casado com um cristão. O normal é ser odiado pelo mundo. Pela graça de Deus, o nosso cenário cultural faz com que a estranheza permaneça presente em nossa vida, com pais descrentes que nos amam e irmãos ímpios que são nossos amigos. Um convívio social relativamente tranquilo. Mas, quando a perseguição vier, quando o ódio chegar, não devemos nos assombrar.

Pedro diz para não ficarmos surpresos com a perseguição, porque ela é o habitat natural do crente. A perseguição está para o crente assim como a água está para um peixe. É exatamente pela união em Cristo que a igreja é um núcleo tão poderoso de amizade e serviço. As inimizades e hostilidades que nos separam não deveriam existir, pois a unidade que há na fé deveria nos unir mais do que qualquer outra afinidade. Nosso elo é superior à posição política, ao time de futebol, às preferências de entretenimento, à raça, ao sexo – nada disso é tão forte que possa separar aqueles que são unidos pelo sangue de Jesus.

Mateus 10.36 diz que "os inimigos de uma pessoa serão os da sua própria casa", por isso, o verso 37 faz todo o sentido ao afirmar que "quem ama o pai ou a mãe mais do que a mim não é digno de mim; e quem ama o filho ou a filha mais do que a mim não é digno de mim". Jesus declara que, se amarmos o pai que nos sustentou e a mãe que nos alimentou mais do que amamos a Jesus, nós não somos dignos dele. Você ama Jesus mais do que

você ama seus pais? Você ama Jesus mais do que ama a sua esposa ou marido? Você ama Jesus mais do que ama o seu filho? Você estaria disposto a sacrificar o seu relacionamento com seus parentes por Jesus? Não por causa da igreja e da doutrina, mas por causa da fé em Cristo. Reflita sobre o que você escolheria caso a fé em Cristo entrasse em oposição com o bom relacionamento com seus familiares. Será que você racionalizaria o pecado e diria algo como "Jesus não quer que eu fique brigado com minha mãe" ou "Jesus quer que eu obedeça e honre meus pais"? Pense, por um instante, se você acha melhor obedecer a homens do que obedecer a Deus. Você prefere fugir da vida de igreja para que sua família continue aceitando sua presença?

Os versículos 37 e 38 de Mateus 10 dizem o seguinte: "Quem ama o seu pai ou a sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; quem ama o seu filho ou a sua filha mais do que a mim não é digno de mim; e quem não toma a sua cruz e vem após mim não é digno de mim". Portanto o caminho de Cristo é o caminho da cruz, o que significa ser odiado pelo mundo em algumas ocasiões. É interessante Mateus citar o texto de Miqueias 7.2, do Antigo Testamento: "Desapareceram da terra os piedosos, e não há entre todos um só que seja reto. Todos ficam à espreita para derramar sangue; cada um caça o seu irmão com rede". O verso 5 diz: "Não acredite em seu amigo, nem confie no seu companheiro. Não compartilhe os seus segredos nem mesmo com a sua mulher". A resposta que Miqueias dá ao problema levantado por Mateus é a confiança. Confiamos em Deus mesmo quando estamos numa intempérie familiar? Confiamos em Deus mesmo que isso custe o ódio dos amigos? Confiamos em Deus mesmo com o risco de perder tudo? É possível que estejamos sozinhos e abandonados no mundo por todos aqueles em quem depositamos confiança. Em meio a essa situação, ainda cremos que Deus nos ouve e enxerga nossa dor e que dele vem a salvação?

Quando perdemos nossos padrões de liderança e amor, é comum projetarmos isso para o relacionamento com o Senhor. Por exemplo, se temos pais que nos maltratam, pensar em Deus como um pai não é algo realmente positivo. Nós olhamos para Deus e sentimos medo em vez de consolo, porque projetamos nele as desgraças da vida presente. A palavra nos mostra que o profeta Miqueias tem confiança em um Deus que o ouve e o salva. Ele diz que não deveríamos confiar no amigo nem contar segredos que possam nos prejudicar mesmo a quem nos abraça. Ele tem uma visão muito triste do momento que Israel estava passando. Os escritos de Miqueias

trazem à minha memória o famoso texto *Versos Íntimos*, do poeta Augusto dos Anjos, – em minha opinião, um dos poemas mais tristes da história brasileira: [...]. Toma um fósforo. Acende teu cigarro!

O beijo, amigo, é a véspera do escarro, A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa ainda pena a tua chaga, Apedreja essa mão vil que te afaga, Escarra nessa boca que te beija!

Entretanto, essa desconfiança não deveria ter acontecer na igreja, porque esperamos que ela seja um círculo de crescimento e segurança, no qual encontraremos uma família capaz de substituir a que nos despreza e maltrata. O relato de Lucas 12. 49-53 (texto paralelo ao de Mateus citado anteriormente) acrescenta um pequeno detalhe: “Eu vim para lançar fogo sobre a terra, e bem que eu gostaria que já estivesse aceso. Mas existe um batismo pelo qual tenho de passar, e como me angustio até que o mesmo se cumpra! Vocês pensam que vim para dar paz à terra? Eu afirmo a vocês que não; pelo contrário, vim para trazer divisão. Porque, daqui em diante, estarão cinco divididos numa casa: três contra dois e dois contra três. Estarão divididos: pai contra filho, filho contra pai; mãe contra filha, filha contra mãe; sogra contra nora e nora contra sogra. ".

Jesus fala sobre as divisões mencionadas previamente quando relata sobre o fogo que ele veio trazer ao mundo. No verso 50, ele afirma que há um batismo com o qual ele será batizado. Jesus participou do batismo do ódio, da ira e da morte. Esse batismo era a morte na cruz, o martírio da ira de Deus que cairia sobre ele. Jesus se coloca junto a nós no batismo de sangue que, muitas vezes, é cobrado daquele que encontra o caminho de Deus. Ainda que sejamos odiados pelo mundo, nós não precisamos nos preocupar, porque ele também foi. Ainda que sejamos rejeitados e, literalmente, mortos, devemos lembrar que ele também foi. O registro de que os irmãos de Jesus creram nele só aparece no livro de Atos, ou seja, provavelmente, eles foram descrentes acerca do ministério do Messias até ele morrer e ressuscitar. Jesus era o próprio Deus encarnado, e os seus irmãos não creram nele. Maria guardava as promessas no coração, mas ela não parecia ser uma das seguidoras do mestre. José também não é muito mencionado. Não sabemos se ele creu ou não nem quando ele morreu. Mas,

se José estava vivo durante o ministério de Jesus, possivelmente, ele não seguia Cristo de perto. Jesus não foi seguido automaticamente pela sua casa. Jesus foi morto e entregue à cruz pelos cidadãos da própria cidade. Aqueles que, em um momento, o receberam como Rei proclamando "Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor!" foram os mesmos que, pouco depois, gritaram pedindo a crucificação. Eles preferiram libertar um ladrão e assassino em vez de libertar Jesus da morte.

Nosso mestre foi rejeitado, odiado, perseguido e zombado pelos seus. Ele bebeu dessa taça até a última gota. Isso significa que não temos um Cristo alheio à nossa dor causada pela rejeição daqueles que deveriam nos amar. Se nossa família não for um porto seguro, podemos lembrar que também não foi assim para Jesus e ter o consolo de saber que adoramos a um Deus rejeitado pela própria casa. Um Deus que escolheu vir à Terra e, em vez de ser amado pelo mundo, foi morto por ele. "Se chamaram o dono da casa de Belzebu, quanto mais os membros da sua casa" (Mt 10.25). Se Jesus não teve a confiança dos parentes, como podemos achar que seremos amados e queridos automaticamente por todos à nossa volta?

Encontrar Cristo pode custar a nossa família. Será esse um preço que estamos dispostos a pagar? Aquele que rejeita Cristo para permanecer bem visto pelos demais não está levando a própria cruz, portanto não é digno dele. Todavia aqueles que encontram em Jesus um irmão que se entrega e que nos aceita descobrem um caminho de salvação e santificação. Nós temos confiado que a visão que ele tem de nós é a que importa? Nós temos entendido que obedecê-lo é mais importante do que obedecer aos nossos pais? Se nós nos apegamos aos relacionamentos desta vida quando eles nos custam o nosso relacionamento com Deus, haverá um tempo em que Deus vai nos dar aquilo que escolhemos. Iremos, junto com os nossos familiares, para longe de Deus. No entanto, se nos aproximamos do Senhor, temos a esperança de que, firmes em Cristo, podemos trazer aqueles que nos rejeitam para próximo do caminho de Deus. Que possamos crer e confiar, porque ele é a nossa salvação e verdadeira esperança. Encontremos, na igreja, uma família muito mais firme, muito mais forte e muito mais cristã do que qualquer outro relacionamento que possamos ter neste mundo.

De alguma forma, naturalmente, nós rejeitamos nossa família biológica e escolhemos novas famílias que materializamos à nossa volta. Quando eu era adolescente, costumavam dizer, na escola, que os amigos são a família que a

gente escolhe. Os colegas tinham o costume de dizer que um era o pai, um era o irmão, o outro era o primo, *etc*. Era uma brincadeira boba, mas adolescente tem direito de ser bobo – e eu adorava isso, porque era a família que eu havia escolhido para mim. Eu não tive o direito de decidir quem era meu pai, minha mãe e minha irmã, mas, na escola, eu tinha uma família escolhida. A igreja é a família que Deus escolheu para você. Sem dúvidas, isso é muito melhor que laços de sangue ou simples amigos. Deus escolheu aqueles que são nascidos da fé e nos deu a família que ele definiu para nós. Então, se a nossa família natural não provê escape e segurança para as batalhas da vida, encontremos isso na família da igreja. Se a nossa família natural se opõe à nossa fé, nós temos irmãos que nos aceitam e recebem justamente por causa da fé. A minha oração é que o amor que nós temos por aqueles da nossa casa os traga para o caminho de amor a Deus.

7. DEIXE SEU PASSADO, SEU PRESENTE E SEU FUTURO: AS DESCULPAS QUE INVENTAMOS

No Evangelho de Lucas 9:57-62, lemos o seguinte relato: “Enquanto seguiam pelo caminho, alguém disse a Jesus: Vou segui-lo para onde quer que o senhor for. Mas Jesus lhe respondeu: As raposas têm as suas tocas e as aves do céu têm os seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça. A outro Jesus disse: Siga-me! Mas ele respondeu: Senhor, deixe-me ir primeiro sepultar o meu pai. Mas Jesus insistiu: Deixe que os mortos sepultem os seus mortos. Você, porém, vá e anuncie o Reino de Deus. Outro lhe disse: Senhor, quero segui-lo, mas permita que antes disso eu me despeça das pessoas da minha casa. Mas Jesus lhe respondeu: Ninguém que põe a mão no arado e olha para trás é apto para o Reino de Deus”.

Quais são as desculpas que damos para não seguir Jesus? O que é tão importante para nós ao ponto de fazermos Deus esperar? Quando convidamos pessoas descrentes para a fé em Jesus, algumas têm sempre uma boa desculpa para negá-la. Elas precisam parar de beber ou de fumar antes de ir para a igreja. Elas querem ajustar o casamento antes de começar a frequentar os cultos. Outras estão esperando ter mais tempo para dedicar às práticas religiosas. Não raramente, nós mesmos, cristãos, usamos desculpas para adiar o engajamento com o reino de Deus, ainda que haja em nosso coração um desejo de entregar-se mais à vida de igreja, à proclamação do evangelho, à santidade e ao serviço.

Quais são as desculpas que usamos para adiar isso? “Não é o momento certo”, “ainda não tenho recurso suficiente”, “preciso me capacitar mais” – alguma delas soa familiar para você? Jesus encontra três homens e os convida para serem parte do reino de Deus, mas eles apresentam questões

que dificultam a entrada imediata nesse reino. Eles têm problemas com o que o reino lhes custaria. O primeiro homem parece ser muito dedicado e aberto a servir a Cristo, pois o verso 57 diz que, quando ia pelo caminho, ele prometeu: "Vou segui-lo para onde quer que o senhor for". Apesar de o texto não expor o convite de Jesus, pressupomos que isso ocorreu, pois o homem só saberia ser possível seguir Jesus se ele percebesse que havia outros seguidores ou se ele fosse convidado para isso.

Quer tenha sido convidado, quer tenha apenas percebido a possibilidade, o homem se oferece para esse serviço. Ele está disposto a seguir Jesus por qualquer caminho, e isso é profundamente literal. Hoje, quando nós falamos sobre seguir Jesus, estamos usando uma linguagem metafórica retirada dos evangelhos para falar justamente do esforço de seguir as doutrinas de Jesus, obedecer a pessoa de Jesus naquilo que ele ordenou. Contudo, para ele, seguir Jesus era um ato literal, consistia em acompanhar o mestre por onde ele fosse. Esse homem olha para aquele líder religioso que se dizia o Deus vivo, que realizava milagres, que pregava o reino de Deus, e decide: eu quero estar com ele. Isso não era apenas uma disposição no coração, mas significava largar a família, deixar o trabalho para trás e acompanhar alguém em uma jornada desconhecida. Ao se oferecer para a trajetória, a impressão que temos é que esse homem não sabia muito bem o que estava fazendo. Ele disse: “Vou segui-lo para onde quer que o senhor for", e Jesus respondeu: "As raposas têm as suas tocas e as aves do céu têm os seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça". Aquele homem não tinha como acompanhar Jesus e viver em um ambiente de segurança ao mesmo tempo. Ele não receberia um lar confortável como pagamento. Aparentemente, pelo teor de correção da resposta de Jesus, era provável que o homem acreditasse que poderia seguir o mestre e voltar para dormir em casa à noite. Provavelmente, como um bom judeu, ele acreditava que seria rico no Senhor e que, sendo um crente abençoado, arrependido e bem guiado por Deus, ele receberia uma nova morada para viver junto com aquele Deus-homem e seus discípulos. Ele cria que seguir Jesus não custaria um lugar de repouso para chamar de seu. Aquilo que esse homem disse não era o que ele estava disposto a fazer. O que ele tinha nos lábios não era o que havia em seu coração.

Ele prometeu seguir Jesus por qualquer lugar, mas Jesus explicou que o seguir significava nunca mais voltar para casa. Significava renunciar ao

porto seguro, do repouso nos momentos difíceis. Não existiria mais voltar para casa, deitar-se na própria cama e usar o próprio banheiro. Seguir Jesus significava acompanhar um homem que, quando morto, só teve uma cova porque um parente rico emprestou uma. Jesus não teve um lugar sequer na própria morte. O dono do universo vivia nômade, dormindo onde ofereciam lugar.

Jesus provavelmente tinha uma casa em Nazaré, na região da Galileia, mas a sua rotina de pregação era tão intensa que ele simplesmente não tinha como voltar para casa para repousar. Seguir Jesus significava, de fato, tornar-se um retirante. Para nós que seguimos Jesus não de forma literal, mas como servos dele e de seus ensinos, ser um seguidor significa abrir mão da nossa zona de segurança, do senso de pertencimento a um lugar. Muitos de nós são pessoas presas à família, ao conforto, ao trabalho, aos amigos, *etc*. Mas ser um discípulo de Jesus é perder raízes, mesmo aquelas que nos ligam a algo bom. Seguir Jesus é perder a comodidade. Não existe mais casa porque nós não somos mais deste mundo. Não é possível ter um lugar para onde voltar caso algo dê errado depois de encontrar o Senhor. Não existe um *test drive* da fé. Seguir Jesus por onde quer que ele vá representa a perda das amarras terrenas. Não é possível ser como um namorado cafajeste que mantém os "contatinhos" do *WhatsApp* para, caso o namoro dê errado, ele já dispor de um plano B. Ou como o cônjuge que está pronto para voltar para a casa dos pais por qualquer desentendimento. Não existe voltar para casa, não existe zona de conforto, pois perdemos as amarras quando encontramos Cristo. Encontrar Cristo é ter que nos desfazer, em nosso coração, daquilo que mais amamos e que mais nos trazem segurança.

Na vida sem Deus, temos muitos lugares onde repousamos a cabeça. Nos momentos em que estamos estressados, descansamos no entretenimento; quando nos sentimos sozinhos, repousamos no sexo fácil; quando estamos com a mente muito nublada, nos anestesiamos nas drogas e no álcool. Nós procuramos algo que nos devolva a tranquilidade, a segurança e o pertencimento. Mas, quando passamos a fazer parte do reino, o pertencimento é encontrado em Cristo. Jesus seria o novo lar daquele homem. Se ele dizia querer seguir Jesus por qualquer caminho, ele precisava estar aberto a ter apenas em Jesus o local onde repousar a cabeça. Ele tinha que estar disposto a encontrar apenas em Jesus o seu ninho.

Nós estamos dispostos a seguir Jesus por onde ele nos levar ou a nossa fé tem uma linha como limite? Reflita se você segue Jesus apenas se não custar seu dinheiro, seu *hobby*, seu relacionamento *etc*. Frequentemente, nós seguimos o Senhor apenas até onde não ultrapasse os limites que impusemos. Muitas vezes, nós traçamos fronteiras para a fé que nos impedem de avançar, pois temos medo de impactar as diversas áreas da vida. No domingo, estamos na igreja, amamos Jesus, oramos e louvamos, mas, quando chega a segunda-feira, vivemos com as nossas regras, no nosso tempo e pelo nosso conforto. No entanto o interesse de Jesus é que o seguir afete cada neurônio do nosso cérebro, cada sinapse, cada batida do coração, cada respiração dos nossos pulmões. Seguir Jesus por onde quer que ele vá é permitir que esse Cristo afete a totalidade da nossa existência; é parar de estabelecer limites para a fé.

Quando eu estou muito preocupado com as ocupações deste mudo, lembro de uma oração que, às vezes, eu tenho medo de fazer: “Deus, tira de mim o que for necessário e me ponha na circunstância ideal para que eu ame mais o senhor acima de tudo”. Essa prece faz as minhas pernas tremerem, porque eu sei que algumas perdas seriam muito dolorosas, ainda que acontecessem para que eu amasse mais a Deus. Então, quando eu percebo que estou quase fazendo esse pedido, eu penso que devo ter cuidado com o que eu oro, pois Deus pode conceder. Contudo nós precisamos estar abertos para pedir que Deus tome nossa vida por completo, independentemente do preço que isso vai custar. Se Deus precisar levar os tesouros terrenos, a segurança, o conforto, os relacionamentos e os planos para que o amemos mais, então que ele tome tudo isso.

No relato de Lucas, um segundo homem escuta Jesus chamá-lo diretamente: “A outro Jesus disse: Siga-me! Mas ele respondeu: Senhor, deixe-me ir primeiro sepultar o meu pai. Jesus insistiu: Deixe que os mortos sepultem os seus mortos. Você, porém, vá e anuncie o Reino de Deus". Se interpretarmos esse texto erroneamente, entenderemos que Jesus estava sendo cruel com o rapaz. O homem poderia estar no velório do próprio pai quando Jesus o chamou e, então, pediu apenas para que o mestre aguardasse o sepultamento, ao passo que Jesus respondeu com insensibilidade. Você concorda que isso parece pouco provável? Não parece uma ideia muito factível que, enquanto o pai está sendo sepultado, o filho não esteja lamentando com a família, mas tenha ido para outro lugar. O mais provável é

que ele tenha dito que gostaria de seguir Jesus, mas somente depois que o pai morresse. Provavelmente, ele cuidava do pai idoso e, por não poder abandoná-lo, pediu que Cristo o deixasse sepultar o pai antes de partir. A ideia dele era que, somente depois disso, ele estaria livre para seguir Jesus.

Parece uma justificativa nobre. Como deixar meu pai sozinho, sem alguém que cuide dele? A resposta de Jesus é dura: “Deixe que os mortos sepultem os seus mortos. Você, porém, vá e anuncie o Reino de Deus”. Deixar os mortos sepultarem os mortos parece significar deixar os mortos espirituais sepultarem os mortos espirituais. O entendimento trazido por Jesus é que deixar de seguir Cristo para esperar que o pai dele falecesse a fim de poder, finalmente, ir embora significava uma prioridade errada. Existiam outros mortos que poderiam sepultar seus mortos. Jesus possivelmente está insinuando que era pouco provável que ele fosse o único filho capaz de cuidar do pai. Os outros filhos não estavam ali para ouvir o evangelho e não queriam seguir Jesus. Os mortos espiritualmente, outros homens que não abraçavam o chamado de Cristo, poderiam sepultar os mortos. Ele, porém, deveria ter um relacionamento diferente com a vida. Usar a responsabilidade como justificativa para não seguir Cristo era se fazer tão morto quanto o pai. Mas ele assumiu para si um dever que outras pessoas poderiam ter acolhido. Para cuidar do pai na velhice e esperar que ele morresse confortavelmente, ele estava disposto a morrer espiritualmente. Ele estava adiando o relacionamento com Deus para tratar dos compromissos desta vida.

Lembro-me da história de Marta e Maria. Enquanto Marta estava cuidando dos afazeres de casa (servindo a Jesus, cozinhando, varrendo o chão), Maria não estava fazendo nada em casa para ajudar a irmã. Ela estava sentada aos pés de Jesus, ouvindo o sermão. Sentindo-se injustiçada, Marta pede para Jesus repreender a irmã. Jesus responde afirmando que Maria havia escolhido a melhor parte. Ela preferiu deixar os pratos sujos e a casa empoeirada a abster-se de ouvir o Deus vivo falar. Quantas vezes nós também negligenciamos a vida com Deus usando boas justificativas sobre as atividades deste mundo? A pia limpa se torna mais importante do que o devocional. Terminar as obrigações da faculdade é mais importante que cumprir as nossas práticas espirituais, seguir o reino de Deus e fazer o que concerne à nossa fé.

Quantas vezes achamos que estudar para a prova de segunda-feira é mais valioso que nos dedicarmos para a prova da vida através de ouvir a palavra na igreja? Quantas vezes os compromissos com este mundo se tornam mais importantes que as promessas da eternidade? O homem do texto bíblico tinha que cumprir a missão de filho, cuidando do pai na velhice, mas ele estava disposto a sacrificar Cristo para isso. Ele poderia deixar outra pessoa cuidar do pai, mas preferia cumprir uma função deste mundo a entregar a vida a Jesus. Ele preferia continuar morto, cuidando de mortos, celebrando os mortos, em vez de encontrar vida. Enquanto se prendia ao prenúncio da morte do pai, ele ignorava a vida oferecida diante dele – vida que jamais findaria. Ainda que morto, ele viveria, porque Cristo seria a vida dele e, em Cristo, ele venceria o aguilhão da morte. Ele preferiu viver à sombra de um túmulo a encontrar a verdadeira vida naquele que lhe oferecia a eternidade.

Quantas vezes negamos a eternidade para nos dedicarmos àquilo que vai morrer muito rápido? Quantas vezes negligenciamos o que dura para sempre para construir castelos de areia que, na próxima maré cheia, serão destruídos? Em muitas ocasiões, a nossa vida de fé, o evangelismo que gera vidas para a eternidade, a leitura da palavra que alimenta nosso relacionamento com Deus e o serviço na igreja que cria uma comunidade de santos são negligenciados. Abrimos mão disso a fim de nos dedicarmos mais ao ganho de dinheiro, à construção da reputação, à conquista dos graus acadêmicos, à busca pela beleza e ao consumo. Quantos tesouros eternos nós sacrificamos para construir castelos de areia? O escritor C. S. Lewis disse, em um de seus livros, que “aquilo que não é eterno é eternamente inútil”. Tudo aquilo que não contribui para a eternidade vai passar, vai acabar e, no máximo, será uma lembrança no céu de glória. Contudo sacrificamos aquilo que vai durar para além da meia-noite por qualquer mesquinharia que nos atraia nesta vida. O homem mencionado nas escrituras não está negando a fé, mas está adiando o comprometimento mais profundo com a fé. Esse homem, ao que tudo indica, creu em Jesus. É exatamente o que nós fazemos, especialmente na juventude. Vivemos aguardando a formatura, o casamento, o aumento do salário e a agenda mais livre.

Na parábola do rico tolo (Lc 12.13-21), o personagem da história diz “Já sei! Destruirei os meus celeiros, construirei outros maiores e aí armazenarei todo o meu produto e todos os meus bens. Então direi à minha

alma: ‘Você tem em depósito muitos bens para muitos anos; descanse, coma, beba e aproveite a vida’”, porém Deus o exorta: “Louco! Esta noite lhe pedirão a sua alma; e o que você tem preparado, para quem será?”. O amanhã pode não vir. Os acontecimentos que marcamos na agenda podem não acontecer. A vida é frágil e breve. Quando nos apegamos a esta vida, estamos desejando que os castelinhos de areia durem para sempre. Mas eles não duram, eles desmoronam. Os nossos músculos vão murchar, o nosso rosto vai enrugar, nós iremos morrer. Se acharmos que tudo o que temos é esta existência, nós estamos perdendo a incrível vida eterna.

Não adie o seu compromisso com Deus. Não seja como o primeiro homem, que foi rápido para dizer com a boca o que ele não estava disposto a fazer. Discipule pessoas, leia a Bíblia, evangelize, estude, encontre uma forma de engajamento na comunidade, crie relacionamentos, sirva em algum ministério. Esqueça suas desculpas. Deixe que os mortos sepultem os seus mortos. Deixe que as pessoas engajadas com esta vida resolvam, construam, ganhem dinheiro, virem doutores. Trabalhe naquilo que vai gerar resultado eterno, ainda que, muitas vezes, signifique não se engajar com as conquistas terrenas. Mantenha o foco na certeza de que a vida deve ser vivida com olhos na eternidade.

Nós não precisamos adiar o nosso comprometimento se entendermos que temos uma vida que este mundo não vê. “Você, porém, vá e anuncie o Reino de Deus”. O segundo homem, que estava com os olhos presos nesta terra, precisava depositar a sua vida em uma visão do reino. Há um reino vindouro que não é desta terra e não é para esta vida. Ele não tem origem nas forças humanas, mas provém diretamente de Deus. É com esse reino que devemos nos preocupar. Enquanto tentamos construir os nossos pequenos reinos (a casa perfeita, a família perfeita, o trabalho perfeito, a igreja perfeita), nós temos um Deus que ordena que nos preocupemos com o reino que destrói as forças do diabo. Devemos dedicar os nossos lábios à proclamação do reino vindouro que já toca o tempo presente e já transforma as nossas perspectivas, tendo em mente que anunciamos verdades que incomodam os mortos deste mundo, em vez de nos preocuparmos com os frutos mortos do pecado. Nós estamos construindo um outro reino para um rei que vai reinar eternamente.

Os nossos reis nesta vida – o dinheiro, o prazer, a realização, a segurança, o sexo, a aceitação, a reputação – vão ser destronados e morrer

em algum momento. Todavia o reino de Deus está acima de qualquer outro. O terceiro homem do relato de Lucas também diz: “Senhor, quero segui-lo [...]”, mas, igualmente aos anteriores, oferece uma justificativa para adiar a jornada: “[...] mas permita que antes disso eu me despeça das pessoas da minha casa” (Lc 9.61). Esse terceiro homem quer seguir Jesus e também tem um empecilho. Mas a questão que ele intenta resolver não é tão complicada quanto as anteriores. Ele presenciou Jesus convidando pessoas para segui-lo. O homem pede que Jesus espere que ele se despeça da família. Ele não queria esperar que o pai morresse nem tinha grandes compromissos que o prendiam. Ele simplesmente queria dar adeus. Porém Jesus respondeu: “Ninguém que põe a mão no arado e olha para trás é apto para o Reino de Deus” (9.62).

Colocar a mão no arado, trabalhar na ceifa do Senhor, não daria ao homem o direito de olhar para trás. O arado era uma ferramenta colocada atrás de um animal e deveria estar firme para que ele fizesse os sulcos na terra da forma correta. O chão era bastante pedregoso, sendo necessária a estabilização do instrumento para que fosse possível seguir um caminho reto. Qualquer sinal de desatenção poderia fazer o arado desviar para os lados, ou seja, os sulcos ficariam tortos, o arado poderia quebrar, a plantação seria prejudicada e, consequentemente, alguém morreria de fome. Usar o arado e olhar para trás é semelhante a dirigir um carro sem olhar para frente. Alguém que olha para trás enquanto está com a mão no arado não é apto para o trabalho. É uma pessoa perigosa, desatenta, que trabalha do modo errado. O terceiro homem faz um pedido simples, e Jesus não se opõe à despedida dele. Deus provavelmente está indo de encontro à motivação do coração de alguém que, diante do Deus vivo, precisava se despedir antes de ir embora. Aquele homem, quando estivesse com Jesus, com as mãos no arado da fé, possivelmente sentiria falta de sua casa, dos familiares. Uma vez em Cristo, ele não poderia mais olhar para trás. Uma vez seguidor de Jesus, ele não poderia reconsiderar a decisão para voltar para casa. Possivelmente, ele era alguém que amava muito a família, mas é provável que ele amasse os parentes mais do que amava servir no reino de Deus. Ele corria o risco de negligenciar a própria fé por aquilo de que sentia falta durante a trajetória.

Muitas vezes, passamos pelo mesmo problema. Encontramos Cristo, mas existem saudades que nos impelem a olhar para trás enquanto estamos com a mão no arado do reino. Se você for parecido comigo, os momentos em

que você é mais negligente com a obra de Deus são aqueles em que você mais sente falta das experiências do mundo que o diabo oferece. Todos nós, em algum momento, sentimos saudade do que abandonamos quando estamos vivendo para o reino. Sentimos falta de práticas lícitas que tínhamos antes de encontrar Jesus, mas que não fazem mais parte da nossa vida e sentimos falta de práticas ilícitas, de atos pecaminosos, que fizeram parte da nossa história, e que agora, com Jesus, não mais deveríamos praticar. Quando encontramos Jesus, existem hábitos que abandonamos cuja simples menção é capaz de nos enojar. Muitos crentes que eram alcoólatras sentem vontade de vomitar apenas por sentirem o cheiro da bebida. Outros precisam lutar pelo resto da vida contra o desejo permanente por atos que eram praticados no passado. Nós, como cristãos, frequentemente vamos lembrar do passado enquanto estivermos com a mão no arado. Seremos tentados a olhar para trás para tentar reviver experiências pecaminosas e negativas que faziam parte de quem nós éramos.

Uma vez com a mão no arado, se olharmos para trás, não só prejudicaremos o reino como também a nós mesmos. Prejudicaremos o reino de Deus porque, se não manejarmos bem o arado, nós afetaremos outras pessoas que seriam beneficiadas com o nosso serviço. Isso significa que, se olharmos para o passado, não sofreremos sozinhos, pois todas as bênçãos que Deus traria ao mundo por nosso intermédio também serão atingidas. Por esse motivo, Paulo instruiu Timóteo sobre a importância de viver em santidade para salvar a si e os outros.

Poderíamos até não acreditar, mas Deus nos usa para o serviço da igreja, Deus nos usa para o serviço do mundo. Quando a nossa fé esmorece, pessoas à nossa volta sentem o nosso esmorecimento e, por vezes, participam dele. Por mais que não percebamos, somos agentes do reino e precisamos manter essas mãos firmes para que outras pessoas comam os frutos que vão brotar das sementes plantadas. Nós não precisamos olhar para o passado, porque adiante há um Cristo e um céu de glória muito mais valiosos que tudo que deixamos pelo reino. Não importa o que o evangelho nos custou, a colheita que é prometida é muito mais saborosa que qualquer lixo que ficou para trás. Esse reino foi apenas inaugurado e está crescendo até se tornar o próprio Deus reinando para sempre nesta terra.

O texto torna-se ainda mais interessante quando notamos que ele sugere um sacrifício tanto do passado, quanto do presente, quanto do futuro.

O primeiro homem estava preocupado com o lugar para repousar a cabeça no futuro. Ele estava preocupado com o que deixaria para trás e, ao mesmo tempo, com o que haveria adiante se ele seguisse a jornada. Esse homem tinha que sacrificar a segurança passada, presente e também futura, porque precisava confiar que haveria algo melhor em Cristo Jesus. O segundo homem estava preocupado com o futuro do pai. Ao seguir Jesus, ele teria que abandonar a sua família, possivelmente para sempre. Da mesma maneira, o terceiro homem não poderia mais olhar para a família que ficou para trás e desejar retornar da missão.

Encontrar Jesus afeta todo o nosso relacionamento com a nossa história. Muda a nossa relação com o que deixamos, com o que temos e com aquilo que virá. Não é exagero dizer que seguir Cristo afeta toda a nossa vida. Mas podemos ter a grande expectativa pela grande recompensa disponível para os seguidores do mestre: um reino que cresce para o nosso benefício, para o nosso relacionamento com o Senhor, para o amadurecimento da nossa fé. Ser um discípulo vai custar tudo, caros leitores. Mas sempre vai valer a pena deixar as obras mortas para trás. Se estivermos sem repouso, sem ninho, sem aprovação da família, sem os nossos bens, nós teremos Cristo, e ele é suficiente. Nós temos um Cristo que tudo preenche. Se amarmos esse Cristo, nós certamente conseguiremos abandonar tudo aquilo que nos faz adiar o engajamento mais profundo com o reino.

[...] acreditar em si mesmo é uma das marcas mais comuns de um patife. Seria muito mais verdadeiro dizer que um homem certamente fracassará por acreditar em si mesmo. Toda autoconfiança não é simplesmente um pecado; toda autoconfiança é uma fraqueza.

G. K. Chesterton, *Ortodoxia*, 1908

PARTE 3 - AS VERDADEIRAS RECOMPENSAS DO DISCIPULADO

8. O PRÊMIO DO DISCIPULADO: ENCONTRANDO UMA LINGUAGEM APROPRIADA

A palavra “custo” na expressão “custo do discipulado” vem da esfera comercial. Ela nos lembra que, em nossa caminhada com Cristo, há um sacrifício a ser feito, ou seja, como mencionado nos capítulos anteriores, existe um preço a ser pago — um custo. Entretanto nossa linguagem não pode nos trair. Não podemos ter uma visão somente negativa do chamado ao discipulado. É necessária uma visão ampla, na qual, por um lado, o custo não é eliminado, mas, por outro, o motivo do custo é entendido e gera alegria. Uma visão em que o aspecto positivo é reconhecido e valorizado.

Nos evangelhos, há uma clara imagem da linguagem mais apropriada para tratar do discipulado. Tome, por exemplo, a parábola do tesouro escondido (Mt 13.44). O homem da história acha um tesouro no campo e vende todos os seus bens para adquirir esse terreno. O texto destaca o sentimento dele nesse ato: é dito que ele agiu alegremente. Esse homem não possuía nenhum problema mental nem era um ingênuo quanto às finanças. O que ele fez foi, antes de tudo, reconhecer o valor do tesouro, pois, nesse caso, existia uma razão para a venda de tudo. Assim, nessa linguagem comercial da parábola, o ganho recebe mais ênfase do que a perda de todo o resto.

A parábola do tesouro escondido nos ensina que a linguagem do discipulado não é somente sobre perder, mas, acima de tudo, sobre o que ganhamos. Além disso, a reação do homem demonstra que a sua decisão de vender tudo por um tesouro não foi uma troca de valores proporcionais, mas uma transação de tudo por algo bem mais precioso. Jesus chama, portanto, seus seguidores a calcular, porque essa é a economia da cruz, do

discipulado, de seguir a Jesus. E, quando se calcula corretamente, o custo é aceito com alegria.

Na linguagem do cálculo, comparamos valores e procuramos pelo mais valioso. Porém a metáfora dos valores encontra seu limite quando aplicada ao discipulado, pois, no cálculo feito para ser um discípulo, o que temos é a oportunidade mais valiosa da existência, que faz qualquer outro bem parecer sem valor. São essas verdades que tanto as teologias da hipergraça quanto a teologia do *coaching* distorcem por não apresentarem uma visão apropriada do cálculo (perda-ganho) do discipulado. Por falharem nesse ponto, diminuem o valor do ganho, ou seja, o valor de Cristo.

Neste capítulo, meu objetivo é olhar para o chamado ao discipulado, ponderar sobre onde mora realmente o seu valor e por que um entendimento apropriado dessa verdade não somente nos levará ao lugar da alegria genuína, mas também nos conduzirá ao ponto central da vida como discípulo: a promessa de que a bênção do autoesquecimento por causa de Cristo é tudo de que precisamos. Para tal compreensão, caminharemos pela carta de Paulo aos filipenses, especificamente por uma visão panorâmica do capítulo 3.

Por que Filipenses 3?

Filipenses 3 fala sobre os efeitos da estrada de Damasco (Atos 9). Em sua mais famosa autobiografia, o apóstolo Paulo nos deixou um fascinante relato de como o seu mundo virou de cabeça para baixo por causa de um encontro, de forma que aquilo que lhe dava razão e perspectiva de vida mudou completamente — na verdade, perdeu o valor que tinha.

Existem dois motivos para Filipenses 3 ser importante para nossa vida de discipulado. Primeiramente, como citado acima, a biografia de Paulo mostra que, antes, certas razões pelas quais ele vivia tinham um valor ilusório e, no encontro com Cristo, elas não ganham mais afirmação, pelo contrário, são reduzidas a nada. Assim, o primeiro motivo tem a ver com os efeitos da luz. Ela não somente me faz enxergar algo novo, mas também me faz enxergar o verdadeiro valor daquilo que antes parecia especial.

Em segundo lugar, aprendemos com Paulo que tratar da vida de discipulado falando somente sobre aquilo que abandonamos, sorrateiramente, faz do discipulado exatamente aquilo que ele não é: algo sobre o nosso sucesso em abandonar, no qual tudo ainda é sobre mim. Como

vamos desenvolver adiante, discipulado não é sobre quem eu encontrei com minha esperteza e boas obras, mas sobre os efeitos, na minha vida, de quem me encontrou por sua obra e sabedoria. Assim, para Paulo, perder não é martírio, mas o resultado lógico para quem foi achado por Deus — usando a linguagem da parábola do tesouro perdido: “ele foi e alegremente vendeu tudo”.

Diante disso, entendemos que a nossa linguagem de discipulado precisa ser equilibrada. Eu preciso ter a porção do que eu ganho para poder experimentar a alegria de perder. Eu preciso ver as cores brilhantes do amor de Cristo para poder ver todo o mundo em preto e branco. Existe algo no discipulado que o chama a perder, porque lhe mostrou que existe algo a ganhar. Se nós olharmos para o vocabulário de Paulo, veremos que ele nos deixou o que eu chamo de “uma linguagem para o discipulado”.

Exemplos de serviço

Antes de Paulo iniciar sua biografia, algo marcante acontece no início do capítulo 3. Paulo parece mudar completamente o tom da carta de alegria para repreensão:

> Quanto ao mais, irmãos meus, alegrai-vos no Senhor. A mim, não me desgosta e é segurança para vós outros que eu escreva as mesmas coisas. Acautelai-vos dos cães! Acautelai-vos dos maus obreiros! Acautelai-vos da falsa circuncisão. (Fp 3.1-3, ARA)

Precisamos entender o que motiva essa mudança para termos um entendimento apropriado e aprofundado do capítulo 3. Voltemos, por um instante, para o capítulo 2. Paulo apresenta à igreja a história de redenção por meio da obra de Cristo e chama os irmãos a terem a mesma atitude de Cristo (Fp 2.5): humildade e serviço sacrificial em prol da glória de Deus e do bem de seu povo.

A descrição da auto-humilhação de Cristo se torna, para Paulo, um paradigma para a vida em comunidade e para a forma de serviço de cada cristão. Nele, todos são chamados para uma vida marcada por sacrifício dos próprios interesses por amor à comunidade. Uma comunidade em que todos têm a mesma atitude de Cristo (Fp 2.5, NVI). A palavra φρονέω é traduzida, algumas vezes, como sentimento[78]. Embora essa seja uma opção de tradução, acredito que os referenciais emocionais se destacam em excesso quando se usa essa palavra. Na Nova Versão Internacional (NVI) da bíblia, o trecho bíblico diz “tenha a mesma atitude de Jesus Cristo”. O que é φρονέω como

“atitude” nesse contexto? A atitude consiste em pensar e agir baseado naquilo que está em seu coração. Tal ideia não é bem representada pela tradução “tenham o mesmo sentimento”, uma vez que “sentimento” é restrito ao mundo interno e não implica necessariamente em uma ação.

Quando o autor escreve “tenham a mesma atitude de Cristo”, ele está ordenando: tenham a mesma mentalidade, o mesmo coração de Cristo; tenham aquilo que fez com que Cristo agisse, atuasse, vivesse. E como Cristo viveu? A atitude de Jesus foi: ele estava no céu, com todo o direito de não renunciar a seu trono, mas ele deixou o céu e veio se encontrar com pecadores (Fp 2.6-11). Ele veio numa atitude de humildade, servidão, humilhação. O ponto de Paulo é claro: tenham o mesmo coração e a mesma ação de Jesus; não briguem entre si de forma egoísta para se sobrepor ou se destacar como o centro da comunidade como se vocês tivessem esse direito, pois Jesus abriu mão de direitos maiores para poder servir aos outros.

Uma implicação dessas primeiras observações é que a comunhão de uma igreja está centrada no paradigma de humilhação e serviço da obra de Cristo. Uma comunidade cristã tem como centro de sua mensagem a obra de Jesus e, como padrão de sua prática, a forma de sacrifício dele, que, dentre muitas características, é marcada por uma vida de renúncia por uma grande obra — a glória do Pai, não a de nós mesmos.

Após apresentar a vida e obra de Cristo como o novo paradigma comunitário para o povo de Deus, o autor introduz três exemplos concretos de vidas que expressam a atitude de Cristo em seu serviço na obra do reino: o próprio Paulo, Timóteo e Epafrodito. Os três são marcados por uma vida sacrificial. Enquanto a vida de Paulo é descrita como oferta de libação (2.17), a vida de Timóteo é descrita pelo apóstolo em termos igualmente sacrificais: “Não tenho ninguém que, como ele, tenha interesse sincero pelo bem-estar de vocês, pois todos buscam os seus próprios interesses e não os de Jesus Cristo” (Fp 2.20–21, NVI). No último exemplo (Fp 2.25-30), Paulo exorta os filipenses a honrarem homens que, como Epafrodito, se sacrificam por amor à causa de Cristo. Tal postura de renúncia contrasta com o entendimento popular (porém tácito) de adoração como uma forma de autoafirmação do valor próprio.

No final do segundo capítulo e no início do terceiro, Paulo conecta todos os exemplos ao tema da alegria. Homens que seguem o exemplo de Cristo são motivo de alegria para a igreja. Não somente isso, suas trajetórias

servem como referência de uma vida marcada por seguir o exemplo da humildade sacrificial de Cristo.

Da tristeza do legalismo à alegria do evangelho

O tom da carta muda rapidamente do imperativo (“alegrai-vos”) para o alerta (“cuidado”) em Filipenses 3.1. Paulo observa que existem alguns inimigos que podem minar a alegria produzida por uma vida formada pela abnegação e pelo autoesquecimento. Paulo está preocupado com a alegria daquela comunidade. É preciso, no entanto, fazer um alerta e esclarecimento: não podemos confundir alegria com bem-estar. O segundo nunca se oferece como um sacrifício e nunca tem uma causa fora do seu próprio reino autocentrado. Exatamente por essa natureza ensimesmada, nunca encontraremos alegria numa vida orientada pelo falso evangelho. Ele só consegue olhar para si e ir até onde sua zona de conforto permite. A alegria, por outro lado, tem razões maiores do que ela mesma pelas quais viver.

Ao passo que existem homens como Paulo, Timóteo e Epafrodito, cujos ensinos e vida trazem alegria, outros, antagonistas a essa forma cristocêntrica de viver, afetam a nossa alegria no Senhor. Paulo os denomina “cães” que “praticam o mal” (Fp 3.2, NVI), os ladrões da alegria.

O primeiro termo aplicado aos inimigos da cruz (“cães”) tem um tom irônico. O animal, considerado imundo pelos judeus, é usado como metáfora para descrever os seus opositores. Esses homens estavam pregando uma pureza obtida pela confiança nas práticas do judaísmo, mas eles não eram puros de forma alguma. Pelo contrário, mesmo diante de tudo o que eles faziam, Paulo os considera imundos, impuros. Os judaizantes se tornam os novos gentios e os cristãos, os verdadeiros judeus — filhos de Abraão.

O que Paulo deseja esclarecer é que, se promessas de santidade não forem produzidas pelo verdadeiro evangelho, por mais belas que sejam, elas serão como animais imundos, lixo para a vida espiritual. Essas promessas eram promovidas pelos pregadores a quem Paulo se opõe, que faziam promessas de um estilo de vida mais santificado, mas, por não terem substância do verdadeiro evangelho, não passavam de danos espirituais.

O segundo termo, traduzido como “esses que praticam o mal” (NVI) ou como “maus obreiros” (ARA, NAA), indica que esses homens prometiam justiça, mas estavam se afastando da real justiça de Deus, produzindo algo

que era contrário a ela, algo que não era proveniente do Senhor. Se o resultado deles era contrário a Deus, então era mau. Daí vem a expressão "praticam o mal".

Se não estão fundamentadas nas verdades grandiosas do evangelho, toda mensagem faz mal e toda prática é má. Assim, alguns mensageiros de nossos dias, quer falem de amor ou tópicos congêneres, seriam denominados praticantes do mal pelo apóstolo Paulo. O que fica claro na argumentação dele é o fato de não existir neutralidade diante da influência de pregadores. Para o bem ou para mal, sempre seremos afetados independentemente de boas ou más intenções.

No terceiro termo, chegamos ao ápice das descrições. Paulo estabelece um jogo de palavras: a falsa mutilação. A ironia reside no fato de que a circuncisão, que era o sinal do pertencimento de alguém à aliança, passa a ser um sinal de falsidade e prejuízo. Além do mais, essa observância da lei era uma forma de medir o nível de performance dentro da aliança. A implicação é que qualquer meio de avaliação de pertencimento à aliança com Deus baseado na confiança na carne, com a chegada do evangelho em Cristo, é automutilação — falsa espiritualidade.

O que todas essas descrições têm em comum? Elas enfatizam a confiança na carne, diminuindo o valor de Cristo, destacando o custo que glorifica a carne. É exatamente o cerne do que chamamos de legalismo, que traz a tristeza da falsa espiritualidade. É um custo no qual a carne é glorificada. Ele nos leva a práticas que trazem glória para nós mesmos. Nele, todo sacrifício feito é visto como martírio, não como um processo natural de santificação.

Os frutos decorrentes dessa "mentalidade de performance" são amargos. O espírito competitivo (comparação de pecados ou sacrifícios) e a crítica rápida direcionada aos outros ao invés de ao nosso próprio coração são alguns dos produtos dessa árvore podre. É aqui que a alegria (tema forte em Filipenses) e sua relação com o legalismo combatido pelo apóstolo Paulo se encontram: legalismo e alegria não coexistem. A constante avaliação performática sufoca todo o desfrute de uma alegria que encontra razão fora de nós mesmos e dos nossos feitos. O legalismo é a explicação do que denomino "depressão espiritual". É ele que leva Paulo a perguntar aos irmãos da Galácia "o que aconteceu com a felicidade que vocês tinham?" (Gl 4.15, NVI). Nossa maior luta como cristãos não se dá somente no confronto direto com determinados pecados, mas em eliminar aquele que

usurpa nossa alegria por servir a Deus — a mentalidade de performance do legalismo.

Paulo segue com o argumento, explanando por qual motivo os opositores pregam uma falsa circuncisão: “Pois nós é que somos a circuncisão, nós que adoramos pelo Espírito de Deus, que nos gloriamos em Cristo Jesus e não temos confiança alguma na carne” (Fp 3.4, NVI). A resposta é simples: nós é que somos a verdadeira circuncisão. Logo, qualquer outra mensagem é falsa, pois, parafraseando Paulo, nós (judeus e gentios) somos a verdadeira identificação do povo de Deus, e não mais marcadores nacionais, como a circuncisão, usados de forma legalista pelos oponentes de Paulo. Em seguida, somos apresentados a três características e aos significados da verdadeira circuncisão: “(1) nós que adoramos pelo Espírito de Deus, (2) que nos gloriamos em Cristo Jesus (3) e não temos confiança alguma na carne”.

Diferentemente dos destruidores de alegria que confiam em suas performances, nosso modo de existência é no Espírito. Nossa devoção a Deus acontece no Espírito, não em meros regulamentos religiosos. Como Gordon Fee descreve poeticamente, “serviço” que é realizado na vida do crente e na comunidade de crentes pela habitação do próprio Espírito de Deus, está a um milhão de milhas de distância do “serviço” na forma de observância da Torá.[79]

A implicação é que não fazemos serviços religiosos para ter um relacionamento com Deus, ao contrário, servimos de forma efetiva a Deus porque já temos comunhão com ele por meio do Espírito.

Em suma, o legalismo pode se apresentar (e encontrar justificativa e força) usando a linguagem do custo do discipulado. A deturpação está, dentre outras situações, numa abordagem negativa na qual a vida cristã está no martírio, no sacrifício de deixar algo, sejam pessoas, vícios, eventos, *etc.* — um tipo de abandono automotivado digno de toda aprovação. Essa realidade contrasta profundamente com o que encontramos na vida do apóstolo Paulo, em que o que ele abandonou foi considerado “esterco” (Fp 3.8, NVI). Ora, não há sacrifício (e os aplausos decorrentes e esperados) quando o que é abandonado tem o mesmo valor que lixo.

Considerando tudo como perda

Vamos observar mais de perto como Paulo abandonou essa triste estrutura de vida chamada legalismo. Ele afirma: "...embora eu mesmo tivesse razões para ter tal confiança..." (Fp 3.4, NVI). Observe o *tom emocional*. Ele diz "não temos confiança alguma na carne" e relata que tinha razões superiores às de qualquer pessoa para confiar em si mesmo, entretanto abandonou todas elas. É como se ele dissesse: eu tinha motivos para agir assim, mas eu desisti deles, pois eles perderam o valor. Temos uma linguagem para o discipulado expressa na vida de Paulo. Uma linguagem marcada por desistir de um modo de viver que não vale mais a pena. No final, é isto que o custo do discipulado é: descobrir que o seu coração insiste em abraçar certos amores que não deveriam ter valor se comparados à nova forma de existência oferecida pelo evangelho.

Paulo segue descrevendo os motivos que ele tinha para se orgulhar na carne. Ele lista sete deles: cinco são sobre sua identidade, dois sobre suas conquistas. Em todos os pontos, Paulo deseja mostrar aos filipenses que aquilo que estava sendo pregado como valoroso a eles, na verdade, era exatamente do que Paulo havia desistido:

> [...] circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; quanto à lei, fariseu, quanto ao zelo, perseguidor da igreja; quanto à justiça que há na lei, irrepreensível. (Fp 3.5-6, ARA)

O primeiro elemento e, talvez, um dos grandes pontos de toda a discussão de Paulo com seus opositores é a circuncisão — o símbolo provavelmente imposto pelos judaizantes aos cristãos gentios de Filipos para serem identificados como povo de Deus. Paulo se dirige aos filipenses e afirma que ele não era apenas circuncidado, ele especifica e descreve como isso aconteceu logo em seu nascimento, "ao oitavo dia". É como se Paulo dissesse aos filipenses: muito antes de qualquer um de vocês ter ouvido falar sobre o evangelho, eu já havia recebido a circuncisão. O segundo tópico é voltado à nacionalidade de Paulo. Ele pertence à Israel, algo que os opositores estavam indicando como o alvo dos cristãos gentios — fazer parte do povo de Israel e se identificar com os seus distintivos nacionais. O terceiro, estende a questão étnica para algo mais específico, a tribo de Benjamim. Os gentios poderiam fazer parte do povo de Israel por meio do proselitismo e da adesão aos fatores nacionais, entretanto eles nunca

nasceriam de uma tribo, quanto mais de uma tribo com tantos privilégios, que, ao lado de Judá, era responsável pela lealdade à aliança davídica.

Por isso, na quarta descrição (um resumo dos termos anteriores), Paulo era em todos os aspectos um hebreu, nascido de pura raça hebraica. No quinto e sexto termos, Paulo especifica sua relação com a lei (ele era fariseu) e demonstra como ele superava os seus opositores quanto à perseguição à Igreja. O tom de ironia é inescapável. O último termo aponta para o foco do argumento: quanto às observâncias cúlticas da lei, Paulo era irrepreensível. No passado, Paulo vivia em justiça. Mas o ponto central é que ele havia abandonado a lei, pois não havia mais valor em tal forma de vida depois da experiência na estrada de Damasco, depois de ouvir a mensagem do evangelho.

Reflitamos um pouco sobre o último ponto acima. Se, para o judeu, toda a realidade era estruturada pela lei e as conquistas mais importantes se resumiam em chegar nos níveis listados pelo apóstolo, então Paulo está dizendo que atingiu o patamar mais alto do judaísmo e, quando chegou lá, desistiu de tudo. Aplique o mesmo raciocínio à nossa vida. O que é o mais valioso para as pessoas? É como se as palavras do apóstolo ainda ecoassem em nossa própria realidade: eu alcancei o topo, o nível mais alto do Oriente Médio e, quando eu cheguei lá em cima, eu percebi, era tudo esterco.

Paulo, então, vai além. Ele afirma que “considera tudo como perda”:

> Mas o que, para mim, era lucro, isto considerei perda por causa de Cristo. Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo e ser achado nele, não tendo justiça própria, que procede de lei, senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé; para o conhecer, e o poder da sua ressurreição, e a comunhão dos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte; para, de algum modo, alcançar a ressurreição dentre os mortos. (Fp 3.7-11, ARA)

Nesse momento, ele refaz a conta e expande a esfera de valor. Paulo não fala somente do que é precioso para os judeus, mas de tudo que se apresente como valioso — “Sim, deveras considero tudo como perda”. Em seguida, algo de maior valor é citado e descrito de forma poderosa: “a suprema

grandeza do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor" (3.8, NVI). A linguagem de cálculo aparece novamente, mas, agora, Paulo eleva o valor do ganho descrevendo-o como *supremo*.

Diante disso, tal linguagem nos leva a pensar no lucro como relacionamento de intimidade (conhecer Cristo) e devoção ("meu Senhor"). Dessa forma, o lucro deu a Paulo um Senhor e tirou ele mesmo do controle de sua vida, ou seja, as coisas antigas que propiciavam confiança na carne são consideradas perda e o lucro faz justamente o oposto: liberta Paulo da ilusão de autossoberania, dá a ele um senhor e o faz servo.

Paulo passa a especificar mais seu argumento de perda e ganho, descrevendo a perda como esterco, lixo, algo que serve apenas para cães. O motivo de enxergar suas antigas conquistas dessa forma é que ele busca "ganhar a Cristo". Mais uma vez, o argumento do cálculo continua: ter Cristo como valioso é considerar todas as outras coisas como sem valor; somente Cristo é valioso, nada mais.

Neste momento, nós precisamos ter cautela. Ao descrever seu "perder todas as coisas" com o propósito de "ganhar a Cristo", estaria Paulo usando uma linguagem meritória? Quando ele diz "para ganhar a Cristo", ele está olhando para o futuro. Mas ele afirma que abriu mão porque ele já tem o supremo conhecimento de Jesus, então ele já tem Cristo. Ele está dizendo que já tem Cristo e quer ganhar Cristo. O autor está falando de algo que ele tem no presente e algo que ele vai conquistar no futuro. É uma linguagem que se encaixa numa ideia conhecida como "já e ainda não". Eu já tenho Jesus, e estou perseguindo o dia em que vou me encontrar face a face com ele. Essa é uma espécie de tensão na vida do discípulo que o mantém buscando um alvo, mesmo já possuindo o que um dia terá plenamente. Assim, "para ganhar a Cristo" significa o desejo de Paulo de ter plenamente aquilo que ele já possui em parte.

Nesse ambiente escatológico, Paulo esclarece que não possui mais a justiça que procede da lei. Sua justiça procede do próprio Deus por meio da confiança não mais em si e nas próprias conquistas, mas em Cristo, na vitória de Deus. Ora, se a circuncisão era uma forma de banalizar o relacionamento com Deus, porque fazia de trivialidades religiosas o foco desse relacionamento, Paulo reconhece que sua vida com Deus (justiça) repousa na fé em Cristo, não mais no desempenho que enfatiza a força da carne.

O que significa conhecer Cristo nesse contexto? O versículo 10 nos revela duas respostas: conhecer Cristo é experimentar o poder da ressurreição e a participação dos seus sofrimentos. O que é conhecer o poder da ressurreição? Para Paulo, a ressurreição inaugurou um novo tempo. O futuro já havia começado a invadir o presente. O poder da ressurreição testemunha isto para nós: quando Jesus reviveu, ao terceiro dia, e a tumba ficou vazia, algo foi dado a nós — um poder de transformação e renovação para um novo tempo. Paulo está dizendo que ele quer conhecer pessoalmente esse poder que transforma. Portanto ele não almeja somente uma vida de intimidade frutífera, mas transformadora.

No entanto Paulo não deseja apenas conhecer Cristo para experimentar poder, mas também para participar dos seus sofrimentos. O que significa partilhar dos sofrimentos de Cristo? Esse vocabulário pode soar um pouco estranho, porque, em Colossenses, o apóstolo nos diz que deseja completar o que falta das aflições de Cristo. Você pode se perguntar: o que é preciso completar do sacrifício de Cristo e de que maneira eu vou fazer isso? Simplificadamente, podemos entender que participar ou completar os sofrimentos de Cristo não significa terminar o que Cristo fez, não se trata de receber algum castigo que faltou para ele. O ponto-chave é que o sofrimento de Cristo é redentivo, enquanto o meu é propagativo — eu propago os sofrimentos de Cristo. O que falta nos sofrimentos de Cristo não é redenção, é propagação. Os sofrimentos de Cristo ficaram em Jerusalém. Agora, eles precisam ser proclamados aos quatro cantos do mundo.

Além disso, Paulo expressa o anseio de também se tornar como Jesus em sua morte. Nessa expressão, temos mais que mero sofrimento; temos uma forma de morrer, o que nos lembra o capítulo 2 de Filipenses, o qual descreve Cristo se humilhando e se esvaziando, sendo obediente até a morte de cruz. Paulo deseja se conformar a essa forma de morrer, que é cruciforme, pois esse é o caminho “para, de alguma forma, alcançar a ressurreição dentre os mortos” (v. 11, NVI). O autor está de olho no que há de vir. Mas a base para isso é experienciar o poder presente oriundo da ressureição de Cristo enquanto damos passos com sofrimento e sob perseguição para nos aproximar da plenitude de quem um dia seremos. Estamos caminhando pela via dolorosa. Subimos ao Gólgota, pois é a partir de lá que alcançaremos o monte santo.

Assim, Paulo nos revela algo belíssimo: os cristãos vivem entre os portais da glória e as feridas da cruz. Eles vivem entre experimentar os

poderes desvelados na ressurreição e ascensão de Cristo e permanecer na sombra da cruz neste mundo. Nossa missão é a propagação da cruz, o testemunho do Cristo ressuscitado, não uma vida na qual os maiores anseios da alma são conquistas para sucesso pessoal.

O alvo supremo

A descrição final dos efeitos da estrada de Damasco fornece para nós, de forma mais explícita, uma outra imagem da vida de discipulado: a metáfora do atleta. Nela, Paulo cita o "prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus".

> Não que eu o tenha já recebido ou tenha já obtido a perfeição; mas prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus. Irmãos, quanto a mim, não julgo havê-lo alcançado; mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus. Todos, pois, que somos perfeitos, tenhamos este sentimento; e, se, porventura, pensais doutro modo, também isto Deus vos esclarecerá. Todavia, andemos de acordo com o que já alcançamos. (Fp 3.12-16, ARA)

Essa metáfora é muito benéfica para a descrição da vida de discipulado, mas, antes de dar atenção a ela, precisamos entender a linguagem do próprio Paulo, que enfatiza mais ainda o que temos argumentado até este ponto.

Primeiramente, Paulo inicia o versículo 12 afirmando: "não que já a tenha alcançado ou que seja perfeito" (ARC). Na tradução da NVI, há a adição de um objeto: "não que eu já tenha obtido tudo isso" — partindo do entendimento de que Paulo se refere a tudo o que mencionou anteriormente. Em outras palavras, ele diz que conhece Cristo, mas ainda não plenamente, e chegará um dia em que ele conhecerá por completo. Ele cruzará a linha de chegada, e o prêmio não será um troféu; será conhecer plenamente Cristo.

Na segunda parte da frase, Paulo descreve sua procura por essa realização dizendo: "prossigo para alcançar". Ele está ativamente envolvido

em chegar ao seu alvo. Mas a base para a conquista do alvo é já ter sido um alvo de Cristo.

Em terceiro lugar, Paulo está focado de tal maneira que ele realiza apenas uma ação: ele corre. O motivo que o faz correr é o prêmio. A velha vida de Paulo tinha razões completamente autocentradas. Tudo que o apóstolo listou anteriormente tinha o foco na confiança da carne. Mas todas as conquistas humanas são substituídas por apenas "uma coisa". O que que ele faz? Ele deixa o que é velho para trás e, como um atleta, ele persegue um alvo.

Assim, Paulo se descreve como focado. Ele não atenta para os que estão atrás, para os outros corredores ou para o que caracteriza a antiga vida. O que está diante dele é o foco da corrida. O que seriam essas "coisas" que esperam Paulo na linha de chegada? Provavelmente a sua ressureição. Certamente, aquele que corre olha não apenas para a linha de chegada, mas para o prêmio. O alvo é o momento escatológico, a consumação final.

Em suma, a linguagem do discipulado na metáfora do atleta nos ajuda a entender que os novos impulsos, desejos e alvos de vida daqueles que tiveram um encontro com Cristo são todos cristocêntricos. Além disso, deixar pesos para trás não é martírio, mas ganho, avanço, motivo de alegria para um atleta, porque a linha de chegada está mais próxima.

Lições finais

A linguagem do discipulado em Filipenses 3 nos ajuda a compreender que a ênfase na performance ou no ego mina a alegria do verdadeiro discipulado e produz tristeza. Por outro lado, o verdadeiro discipulado tem como foco o ganho, o valor supremo que é ter um relacionamento com Cristo e desfrutar do poder transformador da ressureição, vivendo uma vida de testemunho da mensagem da cruz.

Esse foco em Cristo é experimentado num ambiente de mortificação do pecado, reestruturação dos anseios e dos alvos do coração. Assim, o foco da vida do discípulo é mais desfrutar do que conquistar. Não que haja ausência de conquistas, mas todas as lutas e vitórias só são possíveis por conta da vitória de Cristo. Existem algumas lições práticas que podemos aprender com a linguagem de discipulado de Paulo.

Primeiramente, a forma como pensamos no custo do discipulado pode ser afetada por um tipo de legalismo que remove a alegria da perda. Adicionamos tanto à vida cristã que manchamos a alegria da obra de, simplesmente, ser, viver — promovida pelo Espírito em nós. O resultado é esquecer que a vida cristã é mais sobre desfrutar do que conquistar. Quando desfrutamos o perdão, então podemos perdoar; desfrutamos da santidade de Deus, então podemos buscar santidade; desfrutamos do amor de Deus, então podemos amar. Por outro lado, as nossas renúncias não podem perder de vista o objetivo: abandonar aquilo que insiste em se mostrar como valioso, porém não é. Mas, lembre-se, podemos ainda não ter alcançado o nível de deixar tudo que deveríamos, ainda assim o nosso desejo é (ou deveria ser) alcançar esse estágio de vida. Esta é a diferença entre o cristão e o legalista: o primeiro tem interesse no desejo do alcance e reconhece que ainda está no caminho; o último acha que já alcançou tudo.

A segunda lição é um alerta: podemos falar de custo e, mesmo assim, ter uma existência autocentrada na qual a única diferença é uma linguagem religiosa que faz parte do culto ao nosso ego. Isso significa que podemos falar de custo e, na verdade, estar falando de confiança na carne. Sem a obra de Cristo e o Espírito Santo, todas as nossas lutas por mortificação nos levarão para o culto a nós mesmos, de forma que não viveremos com uma consciência do quão necessitados somos de crescimento. Ao contrário, nós nos avaliaremos a nível de performance, ou seja, o quão bons somos como cristãos.

Em terceiro lugar, ao fazer uma transição para sua biografia, Paulo nos deixa uma pista da linguagem certa para falar do custo. Ele fala sobre desistir por motivos maiores. No entanto o incentivo para buscar esses motivos maiores não deve ser igual ao que me fez buscar as obras antigas. Deixe-me ilustrar: alguém pode querer muito um certo tipo de celular, mas mudar de ideia ao descobrir que um modelo mais novo foi lançado — nos dois desejos, o centro motivacional é o mesmo (algo melhor para si). Mas essa pessoa não reduz o celular mais antigo a nada ou o considera como refugo, ela apenas deseja um upgrade. O que nos faz sofrer o custo não é descobrir algo melhor que o que tínhamos. O motivo real é que descobrimos que o que possuíamos não era nada e que a vida autocentrada nos cegava para isso. Para Paulo, o custo é desistir por motivos maiores. Não se trata apenas de uma atualização de religião, mas de olhar para a velha vida como

nada. Assim, discipulado verdadeiro envolve um tipo de alegria que vem de perceber que o elemento perdido é nulo – ou extremamente negativo.

O quarto ponto: hoje, não podemos nos deixar influenciar por mensagens que falam de custo sem atacar o ego, sem mostrar para as pessoas que elas precisam desistir de si mesmas. Do contrário, nós vamos estar mutilando a graça e o discipulado. Eu não posso recomendar que uma pessoa não cristã busque santidade, pois ela nunca vai conseguir sem ter, a princípio, o coração mudado. O que nos leva ao céu são as lágrimas das correntezas do arrependimento, é a desistência de nós mesmos. Todo esforço é inútil, e tudo de que precisamos é o arrependimento genuíno, proveniente da mudança de coração.

A quinta lição: cuidado com a má nostalgia espiritual. Muitas vezes, certos cristãos olham a sua antiga vida cristã e ficam cheios de saudade da época em que viviam de forma mais intensa para o Senhor. Eu entendo que nós devemos relembrar a nossa caminhada na fé para fins de examinação, para refletir se temos andado na trilha correta. Também compreendo que haverá certos momentos nos quais vamos sentir saudade daquele tempo com Deus. Mas, quando Paulo diz “esquecendo-me das coisas que para trás ficam”, ele indica que olha o passado apenas para avançar. Nunca substitua a esperança verdadeira pela nostalgia. Nunca fique apenas nostálgico, sentindo falta dos momentos que você já teve com Deus. Tenha esperança de que aqueles momentos podem retornar. Quando você olhar para as suas memórias de cristão, tenha atenção para não estar satisfeito com a vida passada com o Senhor enquanto sua vida não está tão bem hoje. Olhe com esperança para o Deus que não muda e que é cheio de misericórdia.

Por último, deixo uma mensagem àqueles que não se sentem correndo na vida cristã. Nem todos se sentem como atletas. Na verdade, alguns se sentem como atletas caídos. Eu gostaria que, nestas últimas palavras, Lutero pastoreasse sua alma quanto a isso, lembrando que é na Palavra que você encontra sua real identidade:

> O conforto é este, que em suas profundas ansiedades - nas quais sua consciência de pecado, tristeza e desespero é tão grande e forte que penetra e ocupa todos os cantos de seu coração - você não segue sua consciência. Pois se o fizesse, você diria: “Sinto os terrores violentos da Lei e a tirania do pecado, não apenas travando guerra contra mim novamente, mas me conquistando completamente. Não sinto nenhum

conforto ou justiça. Portanto, não sou justo, mas pecador. E se eu sou um pecador, então estou condenado à morte eterna." Mas lute contra esse sentimento e diga: "Embora eu me sinta completamente esmagado e engolido pelo pecado e veja Deus como um juiz hostil e furioso, na verdade isso não é verdade; é apenas meu sentimento que pensa assim. A Palavra de Deus, que devo seguir nessas ansiedades e não na minha própria consciência, ensina muito diferente, a saber, que 'Deus está perto dos quebrantados de coração e salva os quebrantados de espírito' (Salmos 34:18), e que 'Ele não despreza o coração quebrantado e contrito' (Salmos 51:17).[80]

9. O ETERNO E O PASSAGEIRO: ATÉ O ADMINISTRADOR INFIEL ENTENDE MAIS DE DISCIPULADO DO QUE NÓS

A parábola do administrador astuto (ou administrador infiel) é uma das mais difíceis no livro de Lucas, se não a mais difícil. Há vários motivos que explicam isso. Como você sabe que um texto bíblico é difícil? Primeiramente, quando você não entende e, em segundo lugar, quando as traduções divergem muito entre si, pois você percebe que os tradutores tiveram dificuldade com aquele texto. Esse é justamente o caso de Lucas 16.1-15: “Jesus disse também aos seus discípulos: Certo homem rico tinha um administrador. Um dia, ele recebeu uma denúncia de que esse administrador estava desperdiçando os bens dele. Então, chamando-o, lhe disse: ‘Que é isto que ouço a seu respeito? Preste contas da sua administração, porque você não pode mais ser o meu administrador.’ O administrador, então, se pôs a pensar: ‘Que farei, agora que estou sendo demitido pelo meu patrão? Trabalhar na terra, não posso. De mendigar, tenho vergonha. Já sei o que vou fazer, para que, quando for demitido, as pessoas me recebam em suas casas.’ Tendo chamado cada um dos devedores do seu patrão, perguntou ao primeiro: ‘Quanto você deve ao meu patrão?’ Ele respondeu: ‘Cem barris de azeite.’ Então o administrador disse: ‘Pegue a sua conta, sente-se depressa e escreva cinquenta.’ Depois, perguntou a outro: ‘E você, quanto deve?’ Ele respondeu: ‘Cem sacos de trigo.’ O administrador lhe disse: ‘Pegue a sua conta e escreva oitenta.’ E o patrão elogiou o administrador infiel por sua esperteza. Porque os filhos do mundo são mais espertos na sua própria geração do que os filhos da luz. E eu recomendo a

vocês: usem a riqueza injusta para fazer amigos, para que, quando a riqueza faltar, vocês sejam recebidos nos tabernáculos eternos. Quem é fiel no pouco também é fiel no muito; e quem é injusto no pouco também é injusto no muito. Portanto, se vocês não forem fiéis na aplicação da riqueza injusta, quem lhes confiará a verdadeira riqueza? Se vocês não são fiéis na aplicação do que é dos outros, quem lhes dará o que é de vocês? Nenhum servo pode servir a dois senhores; porque irá odiar um e amar o outro ou irá se dedicar a um e desprezar o outro. Vocês não podem servir a Deus e à riqueza. Os fariseus, que eram avarentos, ouviam tudo isto e zombavam de Jesus. Mas Jesus lhes disse: Vocês são os que se justificam diante dos homens, mas Deus conhece o coração de vocês; pois aquilo que é elevado entre homens é abominação diante de Deus".

Nós estamos tratando sobre a essência do discipulado em contraste com as mentiras da teologia do *coaching*, e umas das características própria do discipulado, tanto nos evangelhos como nas cartas de Paulo, é que ele envolve um custo, envolve perder algo. Quando falamos de custo, falamos de comparação: quando Jesus chama você para entregar o preço do discipulado, ele quer que você calcule aquilo que tem valor em relação àquilo que não tem. Esse é o chamado do discipulado. Jesus tem valor, nada mais tem. Basicamente, você faz esse cálculo e segue Jesus. No Evangelho de Lucas, nós também temos um chamado ao discipulado por meio de parábolas bem conhecidas, por exemplo, a da ovelha perdida, da dracma perdida e do filho pródigo, que estão no capítulo 15. No capítulo 16, temos a parábola do administrador infiel e do rico e o mendigo (ou o rico e Lázaro). Qual é o contexto de todas essas histórias? O custo do discipulado. Volte ao final do capítulo 14 e perceba que ele prepara o leitor para as parábolas. Algumas bíblias acrescentam um subtítulo como "As condições para ser seguidor de Jesus" ou "O preço do discipulado" nessa seção. Jesus chama a multidão e diz: "Se alguém vem a mim e não me ama mais do que ama o seu pai, a sua mãe, a sua mulher, os seus filhos, os seus irmãos, as suas irmãs e até a sua própria vida, não pode ser meu discípulo. E quem não tomar a sua cruz e vier após mim não pode ser meu discípulo" (14.26, 27). A partir daí, ele começa a falar sobre o preço do discipulado.

A partir do verso 28, Lucas apresenta duas histórias. A primeira é sobre um homem que começa uma construção e, por não conseguir concluí-la, simplesmente desiste. A segunda, de um rei que entra na guerra, mas, sem

soldados suficientes, abandona o combate para não ser derrotado. Após os dois exemplos, Lucas escreve: “Da mesma forma, qualquer de vocês que não renunciar a tudo o que possui não pode ser meu discípulo. ‘O sal é bom, mas se ele perder o sabor, como restaurá-lo? Não serve nem para o solo nem para adubo; é jogado fora. ‘Aquele que tem ouvidos para ouvir, ouça’” (Lc 14.33-35). Qual é a relação entre abraçar o custo do discipulado e o sabor do sal? É esta: aquele que escuta o chamado e o rejeita é como o sal que perdeu o sabor e não serve para mais nada. Em outras palavras: aquele que rejeita o discipulado recusa a razão pela qual existe. Essa pessoa não serve mais para Deus. O sal está no texto para dizer que nós fomos feitos para sermos discípulos e, se não abraçarmos o chamado, nós não temos mais utilidade. Quando você não abraça o custo do discipulado, você não está apenas rejeitando o preço que deve ser pago, você está rejeitando a sua razão de viver. Se eu precisasse resumir o significado desse texto para a sua vida, eu diria o seguinte: você só serve para ser discípulo. Se você não é, você não serve para mais nada, pois essa é a razão da sua vida.

João Calvino falava que, quando nós estamos fora da nossa vocação, a vida parece não se encaixar mais, nós ficamos sem saber o que fazer. Mas, quando estamos dentro da nossa vocação, tudo entra em harmonia. Eu aplico a ideia de Calvino ao discipulado. Quando você não quer abraçar o custo dele, mas quer continuar indo à igreja como um atendente superficial, a sua vida deixa de fazer sentido. O alerta de Jesus é “aquele que tem ouvidos para ouvir, ouça”. Essa frase retorna em Apocalipse. Isso é uma palavra de alerta. Quem tem ouvidos é aquele que atende ao chamado. Ele é como sal que mantém o sabor. Ele ainda serve para aquilo que foi designado para ser.

As parábolas seguintes, no capítulo 15, indicam quem está apto para abraçar o custo do discipulado. É possível que você pense que apenas alguém muito qualificado é capaz disso. Porém, na realidade, quem abraça esse custo são pessoas fracassadas. “Mas como pode ser, se esse é um caminho que exige tanto?”, você pode questionar. Por que pessoas fracassadas? Observemos a parábola da dracma perdida. A dracma em questão está inútil, pois está desaparecida. Mas ela é achada no fim da história. Na parábola seguinte, a do filho pródigo, o caçula se perde, mas é encontrado. As histórias posteriores são sobre alguém que fracassou, mas que conseguiu atender ao chamado. Portanto o convite ao discipulado não

chega até nós porque nós somos qualificados, mas porque nós somos fracassados.

Se você acha que é qualificado, você não é. Se você começou a entender seu fracasso, então você começou a chegar perto da porta do discipulado. Discípulos não se iniciam porque se acham capazes. Discípulos se tornam discípulos porque entenderam que o caminho que trilhavam já não fazia mais sentido para eles. Eles descobriram um caminho muito maior e melhor.

Voltemos um pouco no texto bíblico para a primeira parábola, a da ovelha perdida. Jesus afirma que "haverá mais alegria no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento" (Lc 15.7). Falar sobre justos que não necessitam de arrependimento é uma ironia. Aquele que acha que não precisa de perdão é o que está mais distante de Deus. Jesus está dizendo que prefere um que se afastou, mas se arrependeu, do que noventa e nove que acreditam já serem suficientemente justos. Quem é qualificado para o discipulado é quem foi achado pela graça de Deus, aquele cujo coração foi tocado e transformado por Jesus. É isso que a parábola da ovelha perdida nos diz. As duas primeiras parábolas do capítulo 15 destacam a soberania de Deus em nos chamar para o discipulado. Eu sou discípulo porque, antes de tudo, a graça me alcançou e me qualificou para a tarefa. Você não se torna seguidor de Jesus porque buscou o Senhor primeiramente. Jesus foi, alegremente, atrás de você no lugar onde você estava perdido.

Você percebe o rumo das parábolas? Na primeira, uma ovelha se perdeu. Imagine que você tem cem ovelhas no deserto de Israel e perde uma delas. O pastor da história deixa as noventa e nove. Ele sequer pede ajuda a alguém para vigiar o rebanho, ele simplesmente o deixa. Com isso, Jesus está dizendo que faz tudo que for preciso para alcançar o que se perdeu. Quem se qualifica para ser discípulo é aquele que foi buscado alegre e amorosamente. O foco da parábola da ovelha perdida está em quando o pastor encontra a ovelha. Ele pega o animal ferido e cansado e o coloca sobre os ombros. Jesus chama a atenção para o que esse homem faz. As pessoas aptas a serem seguidoras de Jesus são as que foram encontradas pelo pastor que tanto as ama e que abandonou tudo para buscá-las.

Semelhantemente, a história da dracma perdida fala sobre uma mulher que varre a casa inteira e se esforça a fim de encontrar uma única moeda.

A parábola seguinte é a conhecida história do filho pródigo. Jesus coloca muita emoção nessa narrativa. Ela inicia com o filho mais novo pedindo a herança do pai. Essa atitude significa, basicamente, que ele desejava não ver o pai nunca mais. Para ele, o pai estava morto. O homem entrega a parte da herança ao filho caçula, que vai para muito longe de casa e começa a desperdiçar todo o dinheiro. Até que vem uma grande fome, o dinheiro acaba e ele chega ao nível de desejar comer a comida dos porcos que cuidava. Ele perdeu tudo. Ele fracassou. Mas o que faz com que o filho pródigo mude de atitude? A resposta está no verso 17: "Então, caindo em si, disse: 'Quantos trabalhadores de meu pai têm pão com fartura, e eu aqui estou morrendo de fome!'". Algumas pessoas acham que o filho pródigo não se arrependeu nesse momento, porque ele ainda parece um pouco aproveitador. Ele está com os porcos, e, na casa dele, existe fartura de comida. Logicamente, ele deseja ir para onde há conforto, por isso há quem acredite que ele está apenas se aproveitando da condição do pai. Mas eu entendo que esse não é o foco do texto. O foco é este: o filho começou a cair em si. Ele começou a pensar novamente de forma sábia. Até esse momento, ele havia gastado tudo o que tinha de forma irresponsável. Quando ele começa a cair em si, ele passa a pensar no que é melhor para ele. Ele começa a se arrepender do que fez. As parábolas do filho pródigo, do administrador infiel e do rico e o mendigo destacam a responsabilidade humana de arrependimento. É por isso que nós encontramos algo em comum nelas: os personagens param por um minuto e começam a pensar.

O que faz, de fato, que o filho seja recebido de novo na casa do pai? Arrependimento. Não o sucesso, mas o arrependimento após o fracasso. Enxergue esta cena: o filho surge sujo e maltrapilho. Lucas destaca que o pai o vê de longe, não o contrário. O pai começa a correr. Para nosso olhar ocidental, isso revela que ele está com saudade e quer abraçar o filho. Mas essa interpretação não é totalmente correta. Realmente, a atitude demonstra a misericórdia do pai. Mas, naquela época e lugar, um idoso correr era algo vergonhoso. Além disso, existia uma punição para os filhos que abandonavam o pai na velhice, iam para a cidade e gastavam tudo. O castigo consistia em o filho ficar nu, durante vários dias, na praça da cidade e qualquer transeunte tinha permissão para cuspir nele. Na reconstrução

histórica de Lucas, provavelmente, o pai correu para o filho porque ele não queria que outras pessoas o levassem para a praça. O pai se submete à humilhação porque ele quer evitar a vergonha do filho. O pai abraça a vergonha para que o filho não a abrace. Isso é misericórdia. A ideia central da parábola do filho pródigo é que o pai recebe o filho em casa e ainda abraça a vergonha dele. E ele faz tudo isso porque o filho se arrependeu. O que nos qualifica para ser discípulos não é o nosso sucesso, mas o reconhecimento do nosso fracasso. Assim, encontramo-nos novamente no local de onde nunca deveríamos ter saído: perto do pai.

Para ser discípulo de Jesus, é necessário haver uma mudança de estado de perdido para achado, de morto para vivo. Mas essa mudança não foi encontrada no filho mais velho, que é apresentado nos versos 28 a 32. Ele não muda. O filho primogênito é um perdido dentro de casa. Era a religiosidade que o impedia de desfrutar do reino, da comunhão e da alegria com o pai. As parábolas da ovelha e da dracma destacam a soberania de Deus em buscar e achar o perdido. A parábola do filho pródigo destaca, por outro lado, a atitude de arrependimento que nos faz voltar e mostra que é o nosso fracasso que nos faz discípulos, não o sucesso. É tudo sobre Deus me encontrando em meu fracasso, e o arrependimento em meu coração me trazendo de volta.

O que pode impedir alguém de ser um discípulo? Querer ser discípulo, mas não estar disposto a abrir mão de tudo que deve. Uma pessoa que quer servir a dois senhores não pode seguir Jesus – é o que lemos no fim do capítulo 16. Não existe jeitinho brasileiro para o discipulado. Ou você é um discípulo, ou você não é. Ou você abraça, ou você deixa. Mas não é possível tentar ser um quase crente para adorar um quase Deus e entrar em um quase céu. Jesus ensina que pessoas assim fracassam.

Leia, com atenção, a parábola do administrador infiel, narrada em Lucas 16. Perceba que, após ser acusado de roubo pelo patrão, o servo não nega a afirmação: “O administrador, então, se pôs a pensar: ‘Que farei, agora que estou sendo demitido pelo meu patrão? Trabalhar na terra, não posso. De mendigar, tenho vergonha’” (16.3).

Assim como o filho pródigo, o empregado começa a refletir sobre o que faria em seguida. Depois que o filho pensa sobre a própria situação, ele

se arrepende e volta para a casa do pai. O que acontece após a reflexão do administrador? Lucas 16.4-8 responde: "'Já sei o que vou fazer, para que, quando for demitido, as pessoas me recebam em suas casas.' Tendo chamado cada um dos devedores do seu patrão, perguntou ao primeiro: 'Quanto você deve ao meu patrão?' Ele respondeu: 'Cem barris de azeite.' Então o administrador disse: 'Pegue a sua conta, sente-se depressa e escreva cinquenta.' Depois, perguntou a outro: 'E você, quanto deve?' Ele respondeu: 'Cem sacos de trigo.' O administrador lhe disse: 'Pegue a sua conta e escreva oitenta.' E o patrão elogiou o administrador infiel por sua esperteza. Porque os filhos do mundo são mais espertos na sua própria geração do que os filhos da luz".

Por que o patrão elogiou a atitude desonesta do servo? Alguns vão interpretar que o administrador queria completar o pagamento das dívidas para mostrar a sua bondade. Por exemplo, o homem que devia cem sacos de trigo pagaria apenas oitenta, e o servo completaria o pagamento com os vinte sacos que faltavam. Isso justificaria o elogio do patrão. No entanto eu não acredito que essa era a ideia do administrador, pois o texto não dá indícios dela.

No verso 9, lemos o seguinte conselho de Jesus: "E eu recomendo a vocês: usem a riqueza injusta para fazer amigos, para que, quando a riqueza faltar, vocês sejam recebidos nos tabernáculos eternos". Você consegue entender o que está acontecendo? Concorda comigo sobre essa ser uma parábola difícil? O que eu compreendo desse texto é que ele nos apresenta uma ironia. Quando o senhor chega e vê a atitude do administrador, ele elogia ironicamente. O texto concede duas informações conflitantes: o servo quer ganhar amigos do mundo para ganhar moradas eternas. Isso não é coerente. Como ele pode ganhar casas eternas entregando dinheiro a amigos do mundo? O dinheiro terreno não se mistura com valores futuros de moradas eternas.

"Jesus estava mesmo sendo irônico?", você pode se perguntar. Sim, ele estava. Por exemplo, quando o intérprete da Lei questiona sobre o que deve fazer para herdar a vida eterna, Jesus pergunta o que está escrito na lei. O jovem responde. Jesus, então, orienta: "Faça isto e você viverá" (Lc 10.28). Isso é uma ironia. Como alguém seria capaz de amar a Deus de todo o coração, de toda a alma, com todas as forças e todo o entendimento?

A parábola do administrador infiel nos dá uma grande ironia. Jesus cria um contraste com o filho pródigo. O filho pródigo agiu sabiamente, porque ele voltou para casa do pai e se arrependeu. Mas o administrador infiel não agiu sabiamente, porque não houve arrependimento. Ele achou que estava sendo sábio. Ele acreditou que poderia continuar vivendo de forma desonesta e, no fim, ainda ganhar o céu. Esse personagem representa alguém que confia que a aparência de religiosidade terrena será facilmente aprovada por Jesus no fim. Isso é impossível. O mestre está ensinando que, se você quer ser um discípulo, você precisa abrir mão agora, não apenas no final.

Quando voltamos à narrativa bíblica com a ironia em mente, os versos 10 a 12 fazem sentido: "Quem é fiel no pouco também é fiel no muito; e quem é injusto no pouco também é injusto no muito. Portanto, se vocês não forem fiéis na aplicação da riqueza injusta, quem lhes confiará a verdadeira riqueza? Se vocês não são fiéis na aplicação do que é dos outros, quem lhes dará o que é de vocês?". Para receber a herança honesta na eternidade, nós precisamos viver honestamente aqui. Jesus encerra a história ensinando que não é possível encontrar sentido e valor para a sua vida no dinheiro, enquanto continua agarrado à religião a fim de ser salvo do inferno. Não se pode negociar com a fé. "Nenhum servo pode servir a dois senhores; porque irá odiar um e amar o outro ou irá se dedicar a um e desprezar o outro. Vocês não podem servir a Deus e à riqueza" (16.13).

O princípio da parábola é que surgirão candidatos para você seguir, e um deles será a avareza, a riqueza, o dinheiro – que Jesus chama de Mamom. Servir ao dinheiro significa encontrar a sua motivação nas riquezas, no reconhecimento e nos aplausos deste mundo. Jesus diria que você é um servo de Mamom, independentemente das suas práticas religiosas, pois você não pode servir a dois senhores. O discipulado lhe dá um motivo diferente de existência e chama você a servir a apenas um senhor. O discipulado revela o único motivo pelo qual você está vivo. Uma das maneiras de tentar compreender as parábolas é buscando quem reagiu e como reagiu ao que Jesus disse. A Bíblia nos mostra que os fariseus entendiam o que Jesus estava querendo dizer. Eles eram as pessoas que amavam o dinheiro: "Os fariseus, que eram avarentos, ouviam tudo isto e zombavam de Jesus" (16.14).

A parábola do filho pródigo termina com uma pergunta ao filho mais velho, mas nós não sabemos qual foi a resposta dele. De maneira análoga, também desconhecemos a reação do administrador infiel ao ser pego no ato de desonestidade. Os dois finais são abertos. Parece que ambos oferecem uma chance para que os ouvintes se arrependam. Qual terá sido a reação dos fariseus ao se identificarem com o filho mais velho e o administrador infiel? Será que a reação deles foi como a do filho mais novo, que se arrependeu, ou foi como a do rico, da parábola do rico e o mendigo, que vem a seguir?

Jesus está dizendo, com essas histórias, que existe um momento em que o seu estado de perdido ainda pode ser mudado para o estado de achado, e esse momento é agora. O filho pródigo pode deixar de estar perdido e ser achado. O administrador infiel pode se arrepender e mudar. Mas esse momento vai acabar, e chegará um tempo em que o arrependimento não será mais uma opção. É sobre isso que a parábola do rico e o mendigo ensina. "Ora, havia certo homem rico que se vestia de púrpura e de linho finíssimo e que se alegrava todos os dias com grande ostentação. Havia também certo mendigo, chamado Lázaro, coberto de feridas, que ficava deitado à porta da casa do rico. Ele desejava alimentar-se das migalhas que caíam da mesa do rico, e até os cães vinham lamber-lhe as feridas. E aconteceu que o mendigo morreu e foi levado pelos anjos para junto de Abraão. Morreu também o rico e foi sepultado" (Lc 16.19-22). O rico não tem nome, mas sabemos que o pobre se chama Lázaro. Isso mostra, de alguma forma, que o mendigo era importante para Deus. Nos versos 23 e 26, Jesus mostra o momento em que não há mais oportunidade de mudança: "No inferno, estando em tormentos, o rico levantou os olhos e viu ao longe Abraão, e Lázaro junto dele. Então, gritando, disse: 'Pai Abraão, tenha misericórdia de mim! E mande que Lázaro molhe a ponta do dedo em água e me refresque a língua, porque estou atormentado neste fogo.' Mas Abraão disse: 'Filho, lembre-se de que você recebeu os seus bens durante a sua vida, enquanto Lázaro só teve males. Agora, porém, ele está consolado aqui, enquanto você está em tormentos. E, além de tudo, há um grande abismo entre nós e vocês, de modo que os que querem passar daqui até vocês não podem, nem os de lá passar para cá'". O fim chegou. No inferno, o máximo que você vai poder sentir é remorso, não arrependimento. Este está disponível apenas hoje. O filho perdido pode ser achado hoje. O administrador infiel pode ser fiel hoje. Mas, quando a morte chegar, não haverá retorno do grande abismo.

O texto ainda mostra que, mesmo que houvesse ressurreição, o rico não iria mudar. Se Jesus aparecesse para alguns, eles ainda não creriam. Foi exatamente isso que aconteceu quando Jesus se tornou homem. Algumas pessoas o seguiam apenas em busca de milagres. Nosso problema é o coração, e Jesus conhece o nosso coração. Por isso, o discipulado pertence àqueles que fracassaram, reconheceram os seus erros, foram alcançados pela graça, abraçaram o custo e descobriram que, para ganhar o céu, eles precisam abrir mão do que é terreno. Trata-se de uma nova forma de ver a vida, de trabalhar, de tratar a esposa. Não consiste em, simplesmente, ir ao culto, mas é um novo modo de celebrar a vida. Abraçar o custo é dizer "eu descobri o motivo para o qual eu vivo", ainda que isso cause sofrimento. Todo cristão precisa ter claro em sua mente que o propósito da vida é somente um: ser discípulo de Jesus.

Há três ensinamentos nessas parábolas que precisam estar alicerçados em nosso coração e se transformar em vida prática. O primeiro: o administrador infiel estava tentando reconciliar o que eterno com o passageiro, e isso é impossível. Não existe possibilidade de você tratar sua esposa como um cão e achar que você vai ganhar o céu. Você não pode viver com os mesmos princípios, valores e atitudes de pessoas descrentes e ainda acreditar que vai entrar nos portões do paraíso. Isso quer dizer que o Senhor está chamando pessoas perfeitas? Não. Ele está chamando pessoas arrependidas. Em segundo lugar, cuidado com a ganância, pois ela mente sobre o que realmente importa. Ela vai fazer você perseguir, por toda a vida, tesouros terrenos e deixar para trás o que é significativo. A ganância promete sentido no que é falso. Por fim, discipulado não tem a ver com perfeição, mas com arrependimento. Ele está relacionado com abandonar o que não tem valor e lutar, principalmente, contra a ganância. Portanto lute para ser um discípulo. Lembre-se: não podemos servir a dois senhores. Quais são os ídolos que nós precisamos quebrar?

CONCLUSÃO

Sabemos que este foi um livro pesado de ler. Talvez um livro incômodo. E cremos que a pergunta “o que fazer agora?” pode estar latejando na sua mente. Por isso, depois de tudo que expomos, queremos oferecer conselhos pastorais para algumas situações. Veja em qual você se encaixa, leia, ore e pense muito bem antes de tomar alguma atitude.

1 - Eu fui multo abençoado psicologicamente com a teologia do *coaching*, mas este livro me fez desconfiar de tudo que ouvi.
Você não precisa rejeitar os cuidados de Deus na sua vida até aqui porque eles vieram de pregações que misturavam verdade com mentira. Deus pode usar quem quiser para o bem do seu povo. Muitos de nós encontramos salvação em Cristo Jesus por meio dos antigos pregadores da prosperidade. No entanto, o Senhor nos deu amadurecimento para que pudéssemos abandonar esses erros. Seja grato ao Deus que te sustentou até aqui.

2 - Estou numa igreja que prega e ensina a teologia do *coaching*.
Se esta é sua situação e você não é o pastor, geralmente sua melhor opção é sair em paz da igreja e procurar outra que tenha um ensino bíblico mais saudável. Antes disso, claro, você pode analisar a possibilidade de mudança da sua própria igreja. Em igrejas menores ou com pastores mais próximos e abertos, ou quando a teologia do *coaching* ainda está dando os primeiros passos, talvez seja possível mudar algo. Antes de qualquer ação, ore sobre tudo isso. Ore para Deus dar a você sabedoria, santidade e direcionamento. Então você estará pronto para dar alguns passos. O primeiro passo é conversar amorosamente e respeitosamente com seu pastor e/ou liderança. Você pode até presenteá-lo com este livro e sugerir a leitura. A disposição dele de ler ou não dirá muita coisa. Julgue a possibilidade de mudança a partir dessa conversa.

Se a possibilidade não for claramente boa, então é melhor sair. Sabemos que essa não é uma decisão fácil, principalmente quando se ama a igreja, pastores e membros. Sei que existem laços afetivos difíceis de serem cortados. Mas acredite, é a melhor decisão para você e para a igreja que você ama e respeita. Geralmente, quando surge um grande problema na igreja, nossa vontade é agir para corrigi-lo. Isso é louvável, e devemos fazer isso em muitas ocasiões. Mas quando o problema é o ensino e a cultura da igreja, e esses já estão enraizados e bem consolidados na mente da liderança e membros, torna-se praticamente impossível fazer algo.

Seremos realistas com você: se seu pastor acredita e tem ensinado a teologia do *coaching* e sua igreja possui essa cultura, e a maioria está vivendo e gostando dela, dificilmente você conseguirá algo bom. É mais provável que cause estragos e machuque pessoas. Além disso, por que uma igreja precisaria mudar todo seu ensino (que ela considera correto) se apenas você ou poucas pessoas discordam? Sabemos que você deseja que aquela igreja não viva mais no engano (nós também desejamos isso para todas as igrejas), mas pense conosco no que você poderia fazer. Será que insistir em mudar essa igreja a partir de você ou de um pequeno grupo de pessoas que concorda com você é o melhor caminho? Pensamos que não.

Em primeiro lugar, essa insistência fará mal à sua alma. Ficar numa igreja da qual você discorda e não se sente bem para cultuar a Deus e ser ensinado vai, aos poucos, matar sua relação com Deus e com seu povo. É provável que você se torne cada vez mais frio e crítico. Segundo, essa insistência fará mal para a liderança da igreja. Mesmo errados, eles estão defendo suas convicções. E como pastores, nós sabemos o quanto é ruim enfrentar oposições de membros e grupos. Se a(s) conversa(s) não resolveu(ram), não insista dando uma de reformador. Até Lutero percebeu que seria melhor deixar a Igreja Católica Romana do que continuar numa luta interna e eterna. Em terceiro lugar, você fará mal para a igreja e pessoas que ama. Algumas pessoas vão se juntar a você, e isso formará uma igreja dentro de outra. Pessoas podem ter você como o líder ou pastor delas. Isso não é bom. Há um grande potencial de dividir a igreja e machucar as pessoas envolvidas nessa divisão. Aprendemos tudo isso na prática, e por isso não recomendamos o caminho da luta ou rebelião interna.

Consciente disso, o segundo passo é informar sua saída da igreja. Procure explicar os motivos e sair em paz, de forma tranquila e sem rebeldia, inimizades ou divisões. Sair de uma membresia é algo sério e

delicado e não deve ser feito como quem sai de um grupo de WhatsApp. Faça de maneira santa e honre aquele pastor e igreja. O terceiro e último passo é procurar uma igreja saudável. Talvez ela seja bem diferente da sua antiga igreja em termos de estética, liturgia, pregação e cultura. Você pode demorar a se adaptar, mas foque na boa teologia, na pregação expositiva, na seriedade com a interpretação bíblica, na seriedade com ceia, batismo, membresia e disciplina. Foque numa igreja que valoriza missões e discipulado. E foque numa igreja que tenha uma vida de amor fraternal verdadeiro e cotidiano.

E por favor, lembre-se de que não existe igreja perfeita e não passe muito tempo sem igreja e pulando de galho em galho. Procure, encontre a mais saudável possível e se torne membro. Talvez alguns amigos e pessoas da antiga igreja queiram ir com você para sua nova igreja. Não há problema, apenas tome cuidado para não ser um ativista que ficará jogando pessoas contra suas igrejas e convidando exageradamente para se tornarem membros de sua nova igreja. Em resumo, nosso melhor conselho é sair em paz e se tornar membro de uma comunidade mais saudável. E ali viver igreja intensamente!

3 - Estou decepcionado e psicologicamente/emocionalmente machucado pela teologia do *coaching*.

O engano teológico machuca porque nos leva a viver e a construir certas coisas em nossa vida sob o alicerce frágil do erro, e quando tudo desmorona, muitas coisas importantes são afetadas em nossa vida. Porém, é necessário aprender a recomeçar. Nossa jornada sempre será marcada por muitos recomeços, inclusive recomeços de compreensão teológica. Permita-nos dar três conselhos sobre esse recomeço.

Primeiro, o autor de Hebreus, depois de um intenso embate contra falsos ensinos que os seus leitores estavam tentados a aderir, chama eles a continuarem correndo com os olhos no autor e consumador da nossa fé (Hb 12.1). Assim, recomeçar depois do engano da teologia do *coaching* é lutar contra a tentação de permanecer preso nas amarguras do passado de engano, é preciso entender a necessidade de prosseguir com os olhos, coração e mente em Jesus.

Segundo, cuidado para você não confundir sua decepção com certa teologia errada com decepção em direção a qualquer teologia. É claro, muitas incertezas surgem depois da compreensão de que se viveu no engano

por muito tempo, em que tudo se torna meio duvidoso, mas é nessa hora que precisamos nos atentar para *as nuvens de testemunha* (Hb 12.1). As nuvens são homens e mulheres do passado que permaneceram fiéis ao núcleo da nossa fé. Assim, lembre-se, você não está sozinho na fé verdadeira. Estude a história da sua fé, isso te ajuda a correr com segurança.

Terceiro, procure por ângulos diferentes para ver seu momento de erro na teologia do *coaching*. Sim, existe o ângulo da decepção, mas existem também outras formas de interpretar esses momentos. Uma dessas formas é olhar com gratidão porque Deus não deixou que você permanecesse no erro. Outra forma de interpretar é pelo ângulo da Missão, ou seja, você poderá ajudar pessoas que precisam ter seus olhos abertos para o verdadeiro evangelho. Existem muitas outras formas de enxergar tudo que você passou. Procure seu pastor ou um irmão mais experiente na fé e se permita apreciar as outras perspectivas, um outro olhar, a bênção das diversas perspectivas da comunhão. Isso te ajuda também a não permanecer alimentando amargura no coração, a se esquecer das coisas que ficaram para trás, avançando para as que estão adiante de você, prosseguir para o alvo, a fim de ganhar o prêmio do chamado celestial de Deus em Cristo Jesus (cf. Fl 3.13-14).

4 - Tenho pessoas que amo em igrejas que pregam e ensinam a teologia do *coaching*.

Na situação 2 tratamos um pouco sobre o que não fazer numa situação parecida. Repetimos aqui algo crucial. Não seja aquele que ficará jogando membros contra suas próprias igrejas de forma irresponsável. Não use a via bélica, mas a via amorosa. Provavelmente ninguém vai te ouvir se você for o chato que só critica a igreja dos outros. É necessário amor, paciência, amizade e ensino.

Se você ainda não tem, recomendo que construa uma relação de confiança, respeito e amor que esteja aberta para falar de teologia e dos pontos fracos de ambas as igrejas, a sua e as de pessoas que você ama. Use essa relação para apontar o erro em amor e ensinar a verdade com paciência. Este livro faz isso e, novamente, você pode dar ou emprestá-lo às pessoas que pretende ensinar. Leiam juntos se possível. Compartilhe sua leitura com essas pessoas. Indique boa teologia na internet. Seja alguém próximo que ensina com amizade e não alguém distante que ataca com irresponsabilidade.

E por último e mais importante: ore por essas pessoas. Ore bastante. Orem juntos se possível. Aproveite para convidar a conhecer sua igreja ou uma igreja saudável mais próxima da casa deles. Vá junto conhecer. Em resumo, seja um bom amigo cristão. Valorize o ensino e o exemplo. E se depois de tudo isso a resposta for negativa, respeite. Daqui a algum tempo você pode tentar de novo.

5 - Sou um pastor que tem ensinado a teologia do *coaching*.

Nosso amigo de chamado, você deve saber que ser pastor é ser responsável por vidas (Hb 13.17b). Você deve saber que não estamos simplesmente num debate de ideias, mas nossa missão é sobre eternidade (2Co 4.18). Por isso, lembre-se de que o nosso julgamento é mais rigoroso devido ao alcance e o impacto positivo ou negativo que o nosso ensino tem em vidas (Tg 3.1). Lembre-se que o seu chamado é para guardar o bom depósito, que é o evangelho em sua mais pura forma (2Tm 1.14). Não tente selecionar um único item desse depósito, seu chamado é para guardá-lo todo. Por isso, pregue e ensine todo o conselho de Deus (At 20.27). Não insista em ensinos que não possuem valor teocêntrico, que apontam somente para uma única ênfase no seu ministério, uma que visa mais emocionar pessoas do que mantê-las despertas para a missão de Deus (cf. 1Ts 4.13; Rm 13.11; 1Pe 1.13).

Amigo, precisamos sempre em nosso ministério de um momento de autoanálise. Um momento em que precisamos saber para onde estamos indo de fato. Se você está vivendo esse momento de autoanálise agora e chegando à conclusão de que muitas de suas ênfases de ensino fugiram do verdadeiro evangelho, comece pregando e ensinando com fidelidade, e se em determinado momento você precisar se retratar, saiba que, por mais constrangedor que seja falar para sua igreja que você errou sobre várias coisas, é melhor viver esse momento de reconstrução do seu pastoreio com sinceridade e honestidade do que no último dia perceber que não houve um bom combate combatido, que a fé verdadeira não foi guardada, que a carreira que foi vivida não foi na estrada correta (2Tm 4.7-8). Se for necessário se posicionar diante de sua liderança, não tenha medo, pois maior temor devemos ter diante do tribunal de Deus (2Co 5.10) Permita-nos terminar com um último conselho. Comece pregando o evangelho e criando em cada ambiente de sua Igreja um amor pelo ensino puro, e deixe que a Palavra faça o trabalho dela. Foque também na sua liderança e traga com

você a *história da Igreja*. Mostre a eles que aquilo que você está ensinando não é novidade ou modismo, mas o testemunho daquilo que tem sido pregado e enfatizado desde o princípio pela Igreja (1Jo 1.3-4). Além disso, distribua *boa literatura* de grandes homens de Deus para sua liderança e igreja. Sabemos que o processo de desconstrução e reconstrução será complicado e lento, mas nada nesse mundo pode pagar o prazer de saber que você está, de fato, proclamando e vivendo para a glória do nome de Deus.

6 - Sou um pastor que rejeita a teologia do *coaching*, mas minha igreja tem sido atraída por essa doutrina.

Se você é um pastor que exerce ensino frequente na igreja, você é a principal voz de autoridade sobre o povo. Logo, o Senhor pode ter te revelado meios de proteger os irmãos de erros que podem prejudicar o relacionamento deles com Cristo. Escolha passagens bíblicas sobre discipulado e sofrimento — talvez alguns que mostramos neste livro — e apresente para os irmãos domingo após domingo.

Se você não é o principal pregador da sua igreja, mas prega para grupos específicos como jovens ou universitários, ou é professor de escola dominical, você vai precisar ser inteligente, paciente e amoroso. Um confronto direto com outros pregadores da comunidade pode não ser a melhor decisão, e construir positivamente uma visão bíblica do discipulado pouco a pouco vai ajudar os irmãos a se protegerem de todo *coaching* teológico que se disfarce de pregação.

Se você é um pastor auxiliar ou administrativo, você possui menos ou nenhum tempo no púlpito. Mesmo assim, você tem mais contato e influência sobre o corpo pastoral que um irmão comum da comunidade. Convide outros pastores para almoçar. Compartilhe literatura. Envie uns vídeos. Exerça uma influência positiva e amorosa sobre a liderança da sua comunidade.

7 - Eu sempre rejeitei a teologia do *coaching*, gostei muito desse livro e pretendo entrar em uma guerra contra esses hereges malditos.

Vá com calma, meu caríssimo cruzado. Talvez você deva esperar um pouco antes de afiar a espada e cortar cabeças no twitter. Dê um tempo para amadurecer no seu coração o que leu aqui e aplicar na sua própria vida o custo do discipulado. Criticar quem afaga egos no YouTube é fácil, difícil é

ser daqueles que realizaram muito no nome de Cristo, mas não são conhecidos por ele no final. Combata pelo evangelho, mas faça isso no amor de Cristo — sem isso, boa teologia só vai ser um jeito de nos levar mais culpados para o caminho da perdição.

BIBLIOGRAFIA

AGOSTINHO. *A Trindade*. São Paulo: Paulus, 1995.

ALBUQUERQUE, Roque; FURTADO, Fares. *A soberania humana e o livre-arbítrio de Deus*. Brasília: Editora 371, 2020.

BRADBURY, Ray. *Fahrenheit 451*. São Paulo: Globo, 2020.

BROWN, Michael. *Hyper-grace: Exposing the Dangers of the Mordern Grace Message*. Lake Mary: Charisma House, 2014.

BRUNET, Tiago. *Descubra o seu destino*. 2018. Disponível em: https://youtu.be/47cPcnl8wY8. Acesso em: 21 jan. 2020.

CALVINO, João. *Pastorais*: Série de comentários bíblicos. São José dos Campos: Fiel, 2009.

CARSON, D. A. *Soberania divina e responsabilidade humana*. São Paulo: Vida Nova, 2019.

CARSON, D. A.; MOO, Douglas; MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 328.

CARVALHO, Luan. *Entenda o papel do* coach *e do psicólogo*. O Povo Online, 2018. Disponível em: https://www20.opovo.com.br/app/revistas/social/2018/02/26/notrsocial,3681246/os-limites-entre-coach-e-psicologo.shtml. Acesso em: 11 jul. 2019.

CHALLIES, Tim. *Hyper-Calvinism: A Brief Definition*. https://www.challies.com/articles/hyper-calvinism-a-brief-definition/. Acesso em 08/03/2020.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *"O outro lado do paraíso" presta um desserviço à população brasileira*. 2018. Disponível em: https://site.cfp.org.br/o-outro-lado-do-paraiso-presta-desservico-populacao-brasileira/. Acesso em: 11 jul. 2019.

DAVIDS, Peter. *The Letters of 2 Peter and Judge*. Grand Rapids: Eerdmans, 2006, p. 150.

DE CARVALHO, Ícaro. *Por que a indústria do empreendedorismo de palco irá destruir você*. [S. l.], 2016. Disponível em: https://medium.com/o-novo-

mercado/porque-a-indústria-do-empreendedorismo-de-palco-irá-destruir-você-3e18309ab47f. Acesso em: 7 jan. 2020.
FRAME, John. *A doutrina de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.
Gordon D. Fee. *Philippians: The IVP New Testament Commentary Series*. (1999) Downers Grove, IL: InterVarsity Press.
HALLER, John S. *The History of New Thought: From Mind Cure to Positive Thinking and the Prosperity Gospel*. Swedenborg Foundation Press, 2012.
HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2017.
LEONARDO, Deive. Importante. 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sk0i09fYKSM. Acesso em: 7 jan. 2020.
Instagram. https://www.instagram.com/p/B2OtJ8MDyCo/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em 09/03/2020.
John Frame, *A doutrina de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.
JONES, David; WOODBRIDGE, Russell. *Health, Wealth & Happiness: How the Prosperity Gospel Overshadows the Gospel of Christ*. *Kregel*. Grand Rapids, 2017.
LEONARDO, Deive. *Importante*. 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sk0i09fYKSM. Acesso em: 7 jan. 2020.
Instagram. https://www.instagram.com/p/B2OtJ8MDyCo/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em 09/03/2020.
_____. *Segunda chance*. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LH8hxkt7hbQ. Acesso em: 28 jan. 2020.
_____. *Teologia do coaching é bíblica?* 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qUMXC-eFgBI. Acesso em: 7 jan. 2020.
_____. *Terça do encontro com Paulo Vieira* 19/04/16. 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FhPWdE2ECbM. Acesso em: 7 jan. 2020.
LOPES, Augustus Nicodemus. Prédica sobre teologia do coaching. 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zlLGW8sYUls. Acesso em: 7 jan. 2020.
Luther's Works 27: Lectures on Galatians 1535, Chapters 5–6; Lectures on Galatians 1519, Chapter 1–6. Edited and translated by Jaroslav Pelikan.
MARÇAL, Pablo. *Como gerar riqueza do zero*. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SseLDTCh6VU. Acesso em: 24 fev. 2020.
MARQUES, Monica. *A religião na complexidade contemporânea: teologia da prosperidade, literatura de autoajuda, modernidade*. In: Encontro Anual da ANPOCS, 37., 2013. São Paulo. Anais... São Paulo, 2013. Disponível

em: https://anpocs.com/index.php/encontros/papers/37-encontro-anual-da-anpocs/spg-2/spg11-2/8726-teologia-da-prosperidade-literatura-de-autoajuda-modernidade/file. Acesso em: 01 fev. 2020.
MARTINS, Yago. *Os sermões dos maricas: a pregação da verdade para homens de mentira*. Niterói, RJ: Editora Concílio, 2019, p. 111, 114
MCGRATH, Alister. *Heresia*. São Paulo: Hagnos, 2014.
MOO, Douglas. *Galatians (Baker Exegetical Commentary of The New Testament)*. Grand Rapids: Baker Academic, 2013, p. 80.
NETO, Luccas. "F*deu Geral": quais foram os livros mais vendidos do Brasil em 2019. Gazeta do Povo, 2020. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/cultura/luccas-neto-fdeu-geral-quais-foram-os-livros-mais-vendidos-do-brasil-em-2019/. Acesso em: 11 jan. 2020.
OSWALT, John N. *The Book of Isaiah, Chapters 40-66 (New International Commentary on the Old Testament)*. Eerdmans: Grand Rapids, 1998. E-book.
PAMPLONA, Pedro. *Teologia do coaching – A substituta da teologia da prosperidade. 2016*. Disponível em: https://pamplonapedro.wordpress.com/2016/12/28/teologia-do-coaching-a-substituta-da-teologia-da-prosperidade/. Acesso em: 7 jan. 2020.
PAMPLONA, Pedro. *Uma ilustração da relação entre ação humana e soberania de Deus*. Instagram, Fortaleza, 2020. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B2OtJ8MDyCo/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 09 set. 2020.
VIEIRA, Paulo. *Crie Lagoinha Orlando Church*. 2020. Disponível em: https://youtu.be/AI6IPn8PWeg. Acesso em: 24 fev. 2020.
PIERATT, Alan. *O evangelho da prosperidade*. São Paulo: Vida Nova, 1993.
Pra eles, sou um herege, pois eles estão na bíblia, e eu estou em Jesus!. [S. l.: s. n.], 2013. Disponível em: http://youtu.be/GuCjSuACYMc. Acesso em: 14 set. 2020.
Richard of Saint Victor, On The Trinity. Cambridge: James Clark & Co, 2012.
TURNER, David L. *Matthew (Baker Exegetical Commentary of The New Testament)*. Grand Rapids: Baker Academic, 2008.
Twitter. Disponível em: https://twitter.com/Peloko_silva/status/1203801142804783105. Acesso em 7

jan. 2020.
Twitter. https://twitter.com/Peloko_silva/status/1203855029767221249. Acesso em 28 jan. 2020.
VICTOR, Richard of Saint. *On The Trinity*. Cambridge: James Clark & Co, 2012.

Notas

1. BRADBURY, Ray. Fahrenheit 451: a temperatura na qual o papel do livro pega fogo e queima. São Paulo: Globo, 2020, p. 106

2. DAVIDS, Peter. The Letters of 2 Peter and Jude. Grand Rapids: Eerdmans, 2006, p. 150.

3. CARSON, D. A.; MOO, Douglas; MORRIS, Leon. Introdução ao Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 328.

4. MOO, Douglas. Galatians (Baker Exegetical Commentary of The New Testament). Grand Rapids: Baker Academic, 2013, p. 80.

5. Jesus como chave hermenêutica é uma visão que só aceita como verdade bíblica aquilo que vem do próprio Jesus ou que se assemelha aos ensinos de Jesus. Aquilo que parece diferente de Jesus é rejeitado, mesmo que esteja no cânon bíblico. Um dos grandes propagadores dessa visão é Caio Fábio, que chegou a dizer "eu estou em Jesus, eu não estou na Bíblia" (PRA eles, sou um herege, pois eles estão na bíblia, e eu estou em Jesus!. [S. l.: s. n.], 2013. Disponível em: http://youtu.be/GuCjSuACYMc. Acesso em: 14 set. 2020.).

6. TURNER, David L. Matthew (Baker Exegetical Commentary of The New Testament). Grand Rapids: Baker Academic, 2008, p. 543

7. CALVINO, João. Pastorais: Série de comentários bíblicos. São José dos Campos: Fiel, 2009, p. 313.

8. MARTINS, Yago. Os Sermões dos Maricas: A pregação da verdade para homens de mentira. Niterói, RJ: Editora Concílio, 2019, p. 111, 114.

9. TERÇA do Encontro com Paulo Vieira 19/04/16. 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FhPWdE2ECbM. Acesso em: 7 jan. 2020.

10. DE CARVALHO, Ícaro. Por que a indústria do empreendedorismo de palco irá destruir você. [S. l.], 2016. Disponível em: https://medium.com/o-novo-mercado/porque-a-indústria-do-empreendedorismo-de-palco-irá-destruir-você-3e18309ab47f. Acesso em: 7 jan. 2020.

11. Ibidem.

12. PAMPLONA, Pedro. Teologia do coaching – A substituta da teologia da prosperidade. 2016. Disponível em: https://pamplonapedro.wordpress.com/2016/12/28/teologia-do-coaching-a-substituta-da-teologia-da-prosperidade/. Acesso em: 7 jan. 2020.

13. Depois de críticas, o vídeo em questão teve seu acesso privado, outrora no seguinte link: https://www.youtube.com/watch?v=HRd33MZev5s. Apesar do vídeo fora do ar, nenhuma retratação foi postada em seguida.

14. AUGUSTUS Nicodemos fala sobre Teologia do Coaching. 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zILGW8sYUls. Acesso em: 7 jan. 2020.

15. TEOLOGIA do coaching é bíblica?. 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qUMXC-eFgBI. Acesso em: 7 jan. 2020.

16. IMPORTANTE | Deive Leonardo. 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sk0i09fYKSM. Acesso em: 7 jan. 2020.

17. A mensagem original foi removida, mas trechos podem ser encontrados por toda internet, como em: https://twitter.com/Peloko_silva/status/1203801142804783105. Acesso em 7 jan. 2020.

18. CARVALHO, Luan. Entenda o papel do coach e do psicólogo. O Povo Online, 2018. Disponível em: https://www20.opovo.com.br/app/revistas/social/2018/02/26/notrsocial,3681246/os-limites-entre-coach-e-psicologo.shtml. Acesso em: 11 jul. 2019.

19. CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. "O outro lado do paraíso" presta um desserviço à população brasileira. 2018. Disponível em: https://site.cfp.org.br/o-outro-lado-do-paraiso-presta-desservico-populacao-brasileira/. Acesso em: 11 jul. 2019.

20. HAN, Byung-Chul. Sociedade do Cansaço. Petrópolis: Vozes, 2017.

21. Luccas Neto, "F*deu Geral": quais foram os livros mais vendidos do Brasil em 2019. Gazeta do Povo, 2020. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/cultura/luccas-neto-fdeu-geral-quais-foram-os-livros-mais-vendidos-do-brasil-em-2019/. Acesso em: 11 jan. 2020.

22. HAN, Byung-Chul. Sociedade do Cansaço. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 29.

23. Ibid., p. 24

24. TIAGO Brunet // Descubra o seu destino. 2018. Disponível em: https://youtu.be/47cPcnl8wY8. Acesso em: 21 jan. 2020.

25. Quem já ouviu pregadores da teologia coaching vai entender a referência.

26. JONES, David; WOODBRIDGE, Russell. Health, Wealth & Happiness: How the Prosperity Gospel Overshadows the Gospel of Christ. Kregel: Grand Rapids, 2017, p. 17. E-book.

27. PABLO Marçal // Como gerar riqueza do zero. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SseLDTCh6VU. Acesso em: 22 jan. 2020.

28. PIERATT, Alan. O Evangelho da Prosperidade. São Paulo: Vida Nova, 1993.

29. PABLO Marçal // Como gerar riqueza do zero. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SseLDTCh6VU. Acesso em: 24 fev. 2020.

30. Ibid.

31. Ibid.

32. PAULO VIEIRA - CRIE LAGOINHA ORLANDO CHURCH. 2020. Disponível em: https://youtu.be/AI6IPn8PWeg. Acesso em: 24 fev. 2020.

33. PIERATT, Alan. O Evangelho da Prosperidade. São Paulo: Vida Nova, 1993, p. 61

34. PABLO Marçal // Como gerar riqueza do zero. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SseLDTCh6VU. Acesso em: 24 fev. 2020.

35. PAULO VIEIRA - CRIE LAGOINHA ORLANDO CHURCH. 2020. Disponível em: https://youtu.be/AI6IPn8PWeg. Acesso em: 24 fev. 2020.

36. SEGUNDA chance | Deive Leonardo. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LH8hxkt7hbQ. Acesso em: 28 jan. 2020.

37. A mensagem original foi removida, mas trechos podem ser encontrados por toda internet, como em: https://twitter.com/Peloko_silva/status/1203855029767221249. Acesso em 28 jan. 2020.

38. OSWALT, John N. The Book of Isaiah, Chapters 40-66 (New International Commentary on the Old Testament). Eerdmans: Grand Rapids, 1998. E-book.

39. MARQUES, Monica. A religião na complexidade contemporânea: Teologia da Prosperidade, Literatura de Autoajuda, Modernidade. In: Encontro Anual da ANPOCS, 37., 2013. São Paulo. Anais... São Paulo, 2013. Disponível em: https://anpocs.com/index.php/encontros/papers/37-encontro-anual-da-anpocs/spg-2/spg11-2/8726-teologia-da-prosperidade-literatura-de-autoajuda-modernidade/file. Acesso em: 01 fev. 2020.

40. HALLER, John S. The history of New Thought: from mind cure to positive thinking and the prosperity gospel. Swedenborg Foundation Press, 2012, p. 3.

41. JONES, David; WOODBRIDGE, Russell. Health, Wealth & Happiness: How the Prosperity Gospel Overshadows the Gospel of Christ. Kregel: Grand Rapids, 2017, p. 24. E-book.

42. Ibid., p. 25.

43. Ibid., p. 24-37.

44. Ibid., p. 33.

45. MARQUES, Monica. A religião na complexidade contemporânea: Teologia da Prosperidade, Literatura de Autoajuda, Modernidade. In: Encontro Anual da ANPOCS, 37., 2013. São Paulo. Anais... São Paulo, 2013. Disponível em: https://anpocs.com/index.php/encontros/papers/37-encontro-anual-da-anpocs/spg-2/spg11-2/8726-teologia-da-prosperidade-literatura-de-autoajuda-modernidade/file. Acesso em: 01 fev. 2020.

46. HALLER, John S. The history of New Thought: from mind cure to positive thinking and the prosperity gospel. Swedenborg Foundation Press, 2012, p. 4.

47. PABLO Marçal // Como gerar riqueza do zero. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SseLDTCh6VU. Acesso em: 24 fev. 2020.

48. MARQUES, Monica. A religião na complexidade contemporânea: Teologia da Prosperidade, Literatura de Autoajuda, Modernidade. In: Encontro Anual da ANPOCS, 37., 2013. São Paulo. Anais... São Paulo, 2013. Disponível em: https://anpocs.com/index.php/encontros/papers/37-encontro-anual-da-anpocs/spg-2/spg11-2/8726-teologia-da-prosperidade-literatura-de-autoajuda-modernidade/file. Acesso em: 01 fev. 2020.

49. MCGRATH, Alister. Heresia. São Paulo: Hagnos, 2014, p. 40.

50. Idem, p. 42.

51. Ibid.

52. AGOSTINHO. A Trindade. São Paulo: Paulus, 1995, p. 247.

53. Ibid., p. 196.

54. Ibid., p. 284.

55. Ibid., p. 521-534.

56. VICTOR, Richard of Saint. On The Trinity. Cambridge: James Clark & Co, 2012, p. 116.

57. Ibid.

58. Ibid.

59. Ibid., p. 117.

60. ALBUQUERQUE, Roque; FURTADO, Fares. A soberania humana e o livre-arbítrio de Deus. Brasília: Editora 371, 2020.

61. Ibid., p, 47.

62. CHALLIES, Tim. Hyper-calvinismo: a brief definition. Disponível em: https://www.challies.com/articles/hyper-calvinism-a-brief-definition/. Acesso em: 08 mar. 2020

63. ALBUQUERQUE, Roque; FURTADO, Fares. A soberania humana e o livre-arbítrio de Deus. Brasília: Editora 371, 2020, p. 81.

64. PINNOCK, Clark. 1989, p. 190-91. Apud Roque Albuquerque e Fares Furtado, A soberania humana e o livre-arbítrio de Deus. Brasília: Editora 371, 2020, p. 81.

65. FRAME, John. A Doutrina de Deus. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 52.

66. Ibid., p. 53.

67. CARSON, D. A. Soberania Divina e Responsabilidade Humana. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 16.

68. PAMPLONA, Pedro. Uma ilustração da relação entre ação humana e soberania de Deus. Instagram, Fortaleza, 2020. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B2OtJ8MDyCo/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 09 set. 2020.

69. Michael Brown, Hyper-grace: Exposing the dangers of the morder grace message. Lake Mary: Charisma House, 2014, p. 28. Ibooks.

70. Ibid., p. 29.

71. CROWDER, John. *Mystical Union*. Santa Cruz: Sons of Thunder, 2010, p. 17. Apud BROWN, Michael. Hyper-grace: Exposing the dangers of the morder grace message. Lake Mary: Charisma House, 2014, p. 30. E-book.

72. BROWN, Michael. Hyper-grace: Exposing the dangers of the morder grace message. Lake Mary: Charisma House, 2014, p. 39. E-book.

73. Ibid., p. 73.

74. Ibid., p. 90.

75. CROWDER, John. Mystical Union. Santa Cruz: Sons of Thunder, 2010, p. 17. Apud BROWN, Michael. Hyper-grace: Exposing the dangers of the morder grace message. Lake Mary: Charisma House, 2014, p. 150. E-book.

76. BROWN, Michael. Hyper-grace: Exposing the dangers of the morder grace message. Lake Mary: Charisma House, 2014, p. 149. E-book.

77. Ibid., p. 150.

78. Devemos ter cuidado para não inserir uma carga filosófica muito grande na semântica de φρονέω. A análise sincrônica da palavra, especialmente o contexto e o co-texto de como ela aparece na carta, deve ter prioridade em relação à análise diacrônica, como aquelas que analisam a semântica da palavra em como ela apareceu nas literaturas filosóficas do Grego Clássico.

79. Gordon D. Fee. Philippians: The IVP New Testament Commentary Series. (1999) Downers Grove, IL: InterVarsity Press. P.134 [tradução livre].

80. Luther's Works 27: Lectures on Galatians 1535, Chapters 5–6; Lectures on Galatians 1519, Chapter 1–6. Edited and translated by Jaroslav Pelikan, p.25. [tradução livre].

Table of Contents

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33

34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50